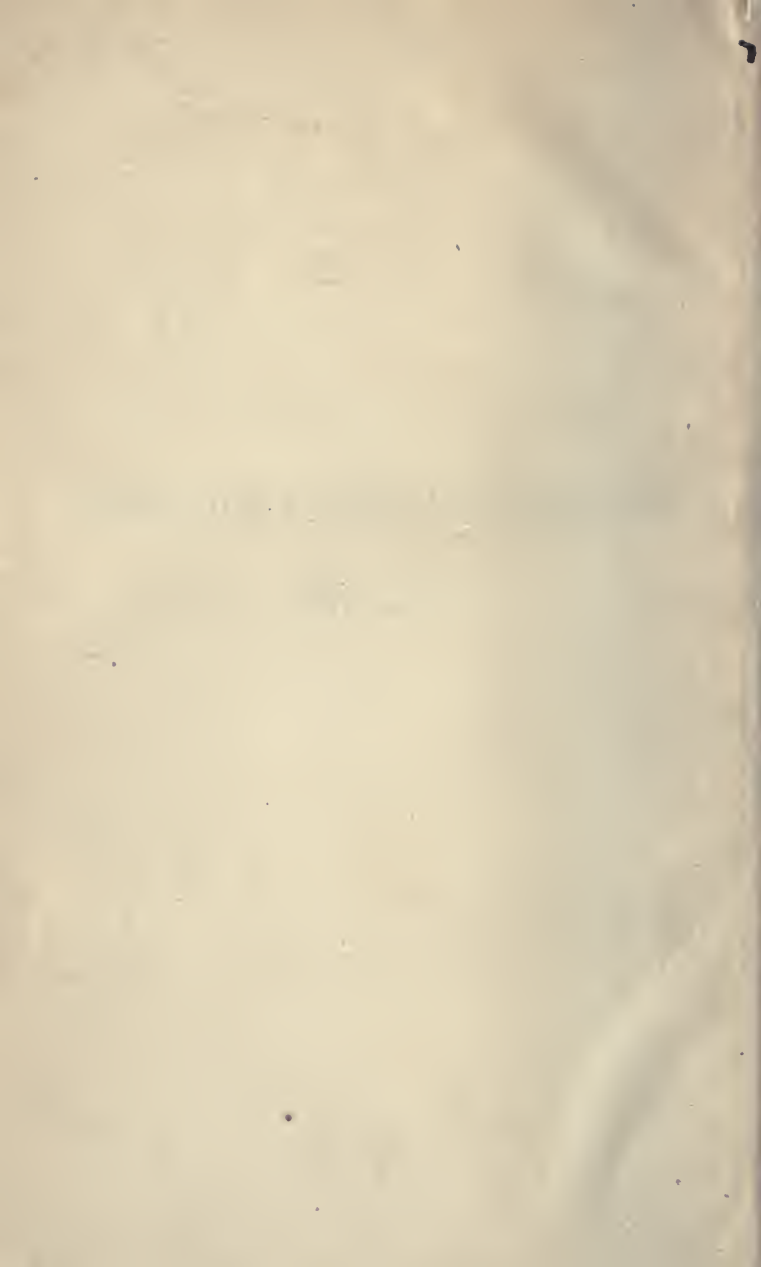
COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

Tomo VII.

ROMANCEIRO PORTUGUEZ

COORDINADO, ANNOTADO

E

ACOMPANHADO D'UMA INTRODUCÇÃO E D'UM GLOSSARIO

POR

VICTOR EUGENIO HARDUNG.

TOMO PRIMEIRO.

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.

1877.

INTRODUCÇÃO.

Desde que Hernando del Castillo, em 1511, no seu Cancioneiro, apresentou reunidos alguns romances hespanhoes, colligidos da bôcca do povo ou de folhas volantes, a Hespanha nunca perdeu de todo o interesse para sua poesia popular, manifestando-o em numerosas collecções destinadas ao uso do povo ou para auxiliar as investigações dos criticos.

Se os sabios hespanhoes, em seus estudos para construir a historia da poesia popular, foram muito ajudados pelos trabalhos de distinctos criticos estrangeiros, deve-se esta vantagem em grande parte á facilidade com que, graças aos bem elaborados Cancioneiros e Romanceiros dos seculos XVI e XVII, se arranjava lá fóra o material necessario para proceder a indagações a respeito da tradição popular hespanhola.

Em Portugal a poesia popular não encontrou, antes do seculo XIX, quem a colligisse; desprezada pelas classes eruditas da sociedade vivia refugiada nas aldeias; os estranhos, apesar da melhor vontade, não podiam occupar-se scientificamente d'uma poesia desconhecida aos proprios nacionaes.

Os eruditos chamavam aos cantos populares romances para designar que eram compostos em linguagem popular conhecida sob o nome de romance. O povo portuguez tinha para suas tradições poeticas o nome de Aravia, denominação ainda hoje usada nas Ilhas do Archipelago Açoriano.

Baseando-se sobre este facto, Theophilo Braga, formulou a theoria de que este nome era antigamente commum a todas as tradições populares da Peninsula e proveiu de ter acceitado a raça mosárabe da convivencia com os Arabes a musica d'elles accommodando-a a seus cantos. [1]

Os romances são compostos em versos de oito syllabas, chamados de redondilha maior, muito poucos, mas entre estes alguns com vestigios de grande antiguidade são em endeixas de arte maior, ou em redondilha menor, versos de cinco syllabas metricas, circumstancia que leva Theophilo Braga a suppor que a fórma primitiva dos romances era a redondilha menor sendo esta substituida, no seculo XV, por uma influencia desconhecida, pela redondilha maior. [2]

Hoje o thesouro de romances portuguezes é notavelmente inferior ao que devia ser antigamente; grande numero de creações poeticas do povo desappareceram de todo, consequencia natural do abandono em que as deixou o desprezo dos eruditos; o pouco que até hoje foi salvo deve sua conservação unicamente «ás amas sêccas e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'ésta archeologia nacional — galan-

---

[1] Theophilo Braga, Theoria da Historia da Litteratura portugueza, Porto 1872, Imprensa Portugueza, p. 21. Manual da Historia da Litteratura portugueza, Porto 1875, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, p. 130.

[2] Theophilo Braga, Manual da Historia da Litteratura portugueza, p. 129.

tes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o pullus gallinaceus de Phedro.»[1]

Em todas as provincias de Portugal o numero de romances que andam na tradição oral, é consideravel, mas quem já conseguiu obter qualquer versão immediatamente do povo, sabe com quantas difficuldades ha-de luctar o collector para chegar ao seu fim, pois só a grande custo as velhas resolvem-se a trahir seus segredos.

Durante minhas viagens pelas provincias do reino, muitas vezes tive occasião de ouvir cantar romances que me eram completamente desconhecidos e que não andam recolhidos em nenhum dos Romanceiros até hoje publicados.

Os pontos do territorio portuguez onde mais abundante e mais pura corre a fonte da tradição popular, são a Beira-Baixa, o Algarve e as Ilhas dos Açores.[2]

Já Almeida-Garrett observou que as versões que lhe chegavam da Beira-Baixa, eram geralmente preferiveis a todas as outras; esta provincia, verdadeiro amago de Portugal, encerrava uma população essencialmente mosárabe, como provou Alexandre Herculano; o Algarve brilha por seus romances sacros; as Ilhas dos Açores, povoadas na segundo metade do seculo XV, conservaram na sua isolação muitas preciosidades que se perderam na mãi patria.

Os poetas eruditos, estes nunca fizeram grande caso dos cantos populares, limitando-se a algumas allusões que andam dispersas em suas obras. Observa-se, porém, que quanto melhor um poeta comprehende o verdadeiro sentimento nacional, quanto mais perto está do

---

[1] Almeida-Garrett, Romanceiro I, 17, Edição de 1843.

[2] Theophilo Braga, Theoria da Historia da Litteratura portugueza, p. 34.

povo, tanto mais frequentamente apresenta vestigios da tradição portugueza.

Numerosas são as citações de romances populares nos Autos de Gil-Vicente. Na Comedia de Rubena a Feiticeira pergunta á Ama quaes eram as cantigas que cantava, e a Ama nomêa-lhe a Creancinha despida; Val'-me Lianor; De pequena mataes, Amor; Em Paris está Dona Alda; Di-me tu, senora, di; Vamo-nos, dijo mi tio; Llevadme por el rio; Calbi ora bi; Llevantéme un dia; Lunes de Mañana; Muliana, Muliana; Não venhaes, alegria. Cita mais Gil Vicente o romance de Los hijos de Dona Sancha (Obras I, 227), Nunca fue pena maior (II, 410), Eu me sam Dona Giralda (II, 27), Mal me quieren en Castilla (III, 143), La bella mal maridada (II, 333), D'onde estás que te no veo (II, 329), Guay Valencia, guay Valencia (II, 270), En el mez era de Abril (II, 249), Yo me estaba em Coimbra (III, 212).[1]

Jorge Ferreira de Vasconcellos refere-se em suas comedias muitas vezes a romances populares, vê-se que elle conhecia os romances: Por aquel postigo viejo; Buen Conde Fernam Gonçalves; Conde Claros (Eufrosina p. 12); Retrahida está la Infanta; Para que paristes madre (Ulyssipo p. 255 e 260); Pregonadas son las guerras (Aulegraphia).

Antonio Prestes cita o Moro Alcalde, moro Alcaide; Yo le daria bel Conde (Auto da Ave Maria); Vamonos, dijo mi tio; Ibanse las casadas (Auto do Procurador); o Dom Duardos, o Conde Claros; Falso malo enganador; Guay Valencia (Auto do Desembargador);

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Manual da Historia da Litteratura portugueza, desde as suas origens até ao presente, p. 213.

Miran ojos; Bella mal maridada (Auto da Ciosa); a Oração do Justo Juiz (Auto do Mouro Encantado).

Jorge Pinto conhecia: En el mez era de Abril, A Bella mal maridada; Helo, helo, por do viene; Riberas del Dauro arriba (Auto de Rodrigo e Mendo); Jeronymo Ribeiro cita: Sobre mi vi guerra armar. Antonio Ribeiro Chiado e Sá de Miranda conheciam a Bella mal maridada. [1]

Egualmente em Luiz de Camões encontram-se numerosas allusões a romances populares; cita o poeta o Mi padre era de Ronda (Disparates da India); Riberas del Dauro arriba; Su comer las carnes crudas; Afora, afora, Rodrigo (Carta I da India); Una adarga ante los pechos; Mirando la mar de España; Vi benir pendon vermejo; La flor de la Berberia; Caballeros de Alcalá; A las armas Mouriscote; D'onde estás que te no veo; Y que nova me traedes; Mira Nero da Tarpea (Cartas em redondilhas); Ya cavalgava Calaynos (Rimas p. 173, ed. de 1666); Velho malo em minha cama (Auto d'El-rei Seleuco). [2]

Dom Francisco Manoel de Mello, no seculo XVII, cita: Se ha dez annos que amarrado Qual forçado de Dragut (Obras II, 215), Si is a Francia el caballero Por Gayfeiros perguntad (Obras II, 97), Trago a rojo lá do Minho Mais prisões que um mouro Zaide (Çanfonha d'Eut. p. 99), Mais loução que Don Reynaldos (Ib. p. 116); Passeava-se Silvana Por um corredor um dia; A cazar vá el Cavallero; Mis amorosos cuidados, Como se estaran durmendo; Gavião, gavião branco, Vae ferido e vae voando (Fidalgo Aprendiz. Obras metr. p. 247).

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Ibid. p. 214.
[2] Ibid. p. 216.

Raras vezes, porém, os poetas eruditos compozeram romances imitando a fórma popular. No Cancioneiro Geral encontra-se o Romance á morte do principe D. Alfonso, por Alvaro de Brito (Canc. Geral. T. I, 221), á morte de Dona Inez de Castro, por Garcia de Resende (T. III, 617); Gil-Vicente apresenta o Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz para Saboya (Obras II, 416), o Romance burlesco (T. III, 202); a Cantiga dos Romeiros (II, 392) o Romance ao nascimento do infante Dom Felipe (II, 531); Romance á morte d'El-rei Dom Manuel (III, 348); Romance á acclamação de D. João 3º (III, 355); Bernardim Ribeiro compoz o Cantar á maneira de Solao (Menina e Moça, cap. XXI), o Romance de Avalor (Saudades II, 11), Cuidado e Desejo (Eclog. V.); Jorge Ferreira de Vasconcellos publicou varios romances originaes no Memorial das Proezas dos Cavalleiros da Tavola Redonda.

O compor romances tornou-se moda depois da reimpressão do celebre cancioneiro de Anvers em Portugal,[1] imitando-se principalmente os romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello collocaram-se á frente d'esta eschola.

A Arcadia destruiu este gosto, cultivando principalmente a poesia pastoril, e o romance, até na fórma culta, ficou de novo desconsiderado e sem popularidade.

Pelo fim do seculo XVIII, a poesia de romances estava, em Portugal, menospresada pelos eruditos nacionaes e ignorada pelos estrangeiros; só o povo conhecia e guardava o thesouro de sua poesia tradicional.

---

1 Cancionero de Romances, en que estan recopilados la mayor parte de romances castellanos, que hasta agora se han compuesto. Lisboa 1581, por Manuel de Lyra. Consta de 182 romances.

O romantismo, porém, inspirando-se nas antigas tradições dos povos europeos, chamou a attenção dos criticos e dos poetas para o estudo dos romances e cantos populares na peninsula iberica. Grimm abriu o caminho com sua Silva de romances viejos (Vienna d'Austria 1815), Depping publicou seu Romancero castellano (Leipzig 1817), Duran no seu vasto Romancero general (5 vol. Madrid 1828—32) reuniu todos os trabalhos anteriores, mas ninguem se lembrava de prestar similhante serviço a Portugal.

«No sacudir o jugo academico estrangeiro, diz Almeida-Garrett, e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos; a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, sôccorro o mais minimo.» [1]

A concurrencia de varias circumstancias favoraveis fez com que o grande poeta João Baptista de Almeida-Garrett descobriu que sua patria possuia tambem uma poesia popular, e resolveu seguir o exemplo dos romanticos estrangeiros e tirar do esquecimento este thesouro nacional.

De menino fôra embalado, na pequena quinta do Castello, ao som dos romances do Conde Alarcos pela sua ama Rosa de Lima e ouvia as historias da tia Brigida, velha criada e chronista-mór de feitiços e milagres. [2]

Emigrado depois para Londres, em 1823, quando cahíra a Constituição, teve occasião de observar de perto a grande corrente litteraria que, na Inglaterra

---

1 Romanceiro, T. II. p. XLIV. Edição de 1863.

2 ALMEIDA-GARRETT, Dona Branca, III, 3.

como na Allemanha, se occupava com a rehabilitação da antiga poesia popular.

De volta para Portugal, começou logo a colligir os textos de romances que encontrava com o intuito de compor sobre estes themas balladas no gosto do Bispo Percy. A revolução de 1828 levou-o de novo para a Inglaterra e alli, em 1828, publicou a Adozinda que foi calorosamente recebida e obteve grande successo. Uma vez despertado o interesse para este esquecido genero de poesias, Almeida-Garrett recebeu, pelo correio, muitas versões que lhe mandavam amigos zelosos e principalmente uma joven senhora de Lisboa.

Em Londres, em casa de Duarte Lessa, encontrou manuscriptos importantes e livros raros que tinham pertencido á livraria do celebre cavalheiro de Oliveira, que renunciou ao cargo de ministro de Portugal na Haya para abraçar o protestantismo.

«Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barbosa, inquadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas éstas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas Memorias, porque a miudo se referia a elles, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos D. Diniz, Gil-Vicente, Bernardim-Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodriguez Lobo, D. Francisco Manuel, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e

até prophecias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Ms. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tam louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.» [1]

Servindo-se d'estes textos Almeida-Garrett corrigiu de novo as versões já recolhidas e completou, segundo diz, alguns fragmentos que desesperára de poder vir nunca a restaurar.

Theophilo Braga, porém, é de opinião que Almeida-Garrett inventou os manuscriptos do cavalheiro de Oliveira para justificar assim a antiguidade dos romances que forjava. [2]

Na Ilha Terceira, para onde embarcou Almeida-Garrett, em 1832, com praça de simples soldado, umas criadas velhas de sua mãi e uma mulata brazileira de sua irmã dictaram-lhe alguns romances que elle ainda não tinha e variantes dos que já obtivera. [3]

Partindo para Portugal na expedição dos chamados «sete mil bravos» que desembarcaram nas praias de Mindello, deixou sua collecção de romances junctamente com outros livros e estudos manuscriptos em poder de sua mãi com ordem de mandar-lh'os depois para o Porto.

O navio, porém, que os levava, foi a pique ao entrar a barra do Porto, affundado pelas balas inimigas do exercito miguelista. Felizmente o Romanceiro tinha sido esquecido e escapou assim á triste sorte dos outros

---

1 ALMEIDA-GARRETT, Romanceiro, T. I. p. VII. Edição de 1843.
2 THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, p. 343.
3 ALMEIDA-GARRETT, Romanceiro, T. I. p. XII. Edição de 1843.

trabalhos, chegando á mão do poeta, são e salvo, em 1834.

Logo Almeida-Garrett recomeçou a occupar-se do assumpto e continuou a enriquecer seu peculio de versões até 1842.

No seu trabalho de colligir foi auxiliado por Mr. Pichon, consul francez no Porto e depois em Barcelona, que tinha começado a formar em 1832—33 uma collecção de xacaras portuguezas, pelo Dr. Emygdio Costa, que lhe mandou as versões das duas Beiras, pelo antigo bibliothecario Heliodoro da Cunha Rivara, em Evora, com relação ao Alemtejo, por M. Rodrigues d'Abreu, bibliothecario em Braga com relação ao Minho e pelo Dr. Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór-o-novo, com relação á Extremadura. Egualmente Alexandre Herculano e o visconde Antonio Feliciano de Castilho offereceram-lhe seu valioso prestimo. Segundo o plano primitivo, a collecção devia conter cinco livros, a saber:

Livro I. Romances da renascença, imitacões, reconstrucções e estudos sobre o antigo;

Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia á historia, ou não a teem conhecida;

Livro III. Lendas e prophecias;

Livro IV. Romances historicos compostos sobre factos ou mythos da historia portugueza e de outras;

Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.[1]

Chegou, porém, no seu Romanceiro,[2] sómente a

1 Romanceiro, T. II. p. XLVIII. Edição de 1863.

2 O Romanceiro de Almeida-Garrett forma tres volumes, dos quaes o primeiro sahiu á luz em 1842, existindo todos em varias edições e reimpressões.

publicar as duas primeiras partes que conteem, além de suas imitações, trinta e dois romances anonymos e cinco com fórma litteraria de auctores conhecidos. Depois da morte do poeta, em 1854, nada mais se encontrou nos seus papeis com respeito á projectada continuação do Romanceiro.

Almeida-Garrett precedeu cada romance d'um pequeno artigo critico em que o primor do estylo está a par com o fino gosto artistico e um raro talento de adivinhar a verdade, notando-se, porém, a falta d'uma idea clara do desenvolvimento da litteratura patria, defeito muito desculpavel para aquella epocha. Quanto aos textos que apresenta, Almeida-Garrett teve o costume de combinar as diversas versões e variantes provincianas adoptando de cada uma d'ellas o que mais lhe aprazia e accrescentando bastantes vezes versos e situações por sua propria conta.

Assim seus romances, sob o poncto de vista artistico, são excellentes, mas não se aproveitam sem perigo para o estudo da poesia popular.

A classificação adoptada por Almeida-Garrett é impossivel; nas definições dos generos de romances nota-se grande incerteza.

O successo que teve Almeida-Garrett com suas imitações modernas, o interesse que o grande poeta soube dispertar por este genero de poesias, determinou muitos outros poetas a tentativas similhantes, e o compor poesias no gosto popular tornou-se quasi moda.

João Freire de Serpa, hoje visconde de Gouvêa, publicou um volume de Solaos, o visconde Antonio Feliciano de Castilho compoz a Xacara de Nazareth e o Acalentar da Neta, Alexandre Herculano a Xacara de Affonso e Isolina, distribuida em quadras de octosyllabos, e Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento of-

fereceu, em dois volumes, o Romanceiro portuguez ou collecção de romances da historia portugueza.

«Seguiram-se os dramas ultra-romanticos de Mendes Leal, que começavam com a melopêa de romances forjados; todos os jornaes litterarios regorgitavam com romances de juras e emprazamentos, de espectros que se revolviam nas campas, assignados por Latino Coelho, Antonio de Serpa, João de Lemos, Passos, e outros tantos, uns já mortos, outros cavillando n'esta noite de Walpurgis da politica portugueza.» [1]

A maior parte d'estas numerosas composições são unicamente imitações de fórmas sem verdade interior; os romances historicos de Moraes Sarmento, apesar de serem lidos com avidez nos solares aristocraticos, não passam de prosa versificada.

O systema empregado por Almeida-Garrett no seu Romanceiro, por muito tempo a unica fonte dos romances portuguezes no estrangeiro, enganou sabios distinctos como Du Puymaigre e Amador de Los Rios sobre o verdadeiro valor da poesia dos romances portuguezes. Pelo estudo das versões aperfeiçoadas de Almeida-Garrett chegaram elles á conclusão de que os romances portuguezes são mais bem metrificados e dramatisados do que os do Romanceiro hespanhol e julgavam-os por isso productos de uma segunda elaboração mais moderna.

Foi o Dr. Theophilo Braga, hoje professor de Litteraturas modernas e especialmente de Litteratura Portugueza no Curso Superior de Lettras em Lisboa, quem emprehendeu a ardua tarefa de colligir de novo os romances portuguezes da tradição oral e de publicar as differentes versões e variantes sem alteração nenhuma. Cursando a Universidade de Coimbra, o Dr. Theo-

---

1 Theophilo Braga, Epopêas da Raça Mosárabe, p. 356.

philo Braga teve a idea eminentamente practica de servir-se da amisade que o ligava a muitos estudantes vindos da provincia, para obter, por meio d'elles, as versões e variantes provincianas.

Os resultados d'estas investigações foram publicados no Cancioneiro Popular,[1] no Romanceiro Geral[2] e na Historia da Poesia Popular.[3]

O Romanceiro Geral contem 61 romances divididos da maneira seguinte:

I. Romances communs aos povos do Meio Dia da Europa.
II. Romances de supposta origem portugueza.
III. Romances que se encontram nas Collecções hespanholas.
IV. Romances mouriscos e Contos de Cativos.
V. Lendas piedosas.
VI. Xacaras e Coplas de burlas.

Um appendice de Notas contem valiosos apontamentos sobre a origem dos diversos romances e a comparação critica da tradição portugueza com a dos outros povos europeos.

Apenas sahíra á luz o Romanceiro Geral, o auctor recebeu do Dr. João Teixeira Soares, da Ilha de S. Jorge (Açores), uma preciosa collecção de romances e cantigas, recolhidos da tradição insulana e originariamente destinados a enriquecer o Romanceiro de Almeida-Garrett, cuja publicação foi interrompida pela morte do poeta.

---

[1] Cancioneiro Popular, colligido da Tradição. Coimbra 1867, Imprensa da Universidade.

[2] Romanceiro Geral, colligido da Tradição. Coimbra 1867, Imprensa da Universidade.

[3] Historia da Poesia popular portugueza. Porto 1867, Typographia Lusitana.

O patriotico collector insulano, determinado pela publicação do Romanceiro Geral, poz seu thesouro desinteressadamente á disposição do Dr. Theophilo Braga acompanhando a remessa com as seguintes linhas: «Sobre a publicação do Romanceiro açoriano, permitta-me que exponha, que elle é para v. além d'outros motivos, um titulo de gloria, porque é legitimo filho do seu Romanceiro Geral; sem este elle nunca veria a luz publica, nem cresceria tanto em forças; e não será tambem para a nação uma gloria a conservação das suas tradições poeticas por uma colonia, filha legitima, quando essas tradições se acham em boa parte obliteradas e menos bem conservadas na mãi patria?» [1]

Em 1869 foi publicado a preciosa collecção dos Cantos Populares do Archipelago Açoriano,[2] que adiantou por muito o conhecimento da poesia de romances em Portugal. A parte que contem os textos dos romances, é intitulado Romanceiro de Aravias e divide-se em seis partes:

I. Enselada de Romances Novellescos.
II. Primavera de Romances Maritimos.
III. Rosa de Romances Mouriscos.
IV. Silva de Romances Historicos.
V. Coro de Romances Sacros.
VI. Enseladilha de Romances entretenidos.

Para completar sua collecção dos romances, o Dr. Theophilo Braga publicou outro volume que continha os romances de fórma culta, em que os eruditos dos seculos XVI e XVII imitaram as creações do genio

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, pag. 366.

[2] Cantos Populares do Archipelago Açoriano publicados e annotados por THEOPHILO BRAGA. Porto 1869, Typographia da Livraria Nacional.

popular.[1] Este trabalho provou a asserção de que o romance soffreu em Portugal as mesmas modificações que em Hespanha, na reacção contra a Eschola italiana.[2] A Floresta de Varios Romances traz, na primeira secção, os romances e canções com fórma litteraria, até ao seculo XVII, e entre elles muitos que versam sobre factos importantes da historia portugueza, em quanto, na segunda parte, estão colligidos os romances hespanhoes que se referem á historia portugueza, dando-se o facto notavel de que elles são muito mais numerosos que os romances historicos escriptos em portuguez.

Em 1870, S. P. M. Estacio da Veiga, môço fidalgo com exercicio na R. C. de S. M. F. publicou o Romanceiro do Algarve,[3] collecção de 26 romances e 9 lendas christãs, que em parte já andavam impressos, por cura do collector, nos jornaes o Futuro e a Nação em 1858, 1859 e 1860.

O Romanceiro do Algarve é precedido d'uma introducção litterario-historica, que, além de conter digressões desnecessarias, como a lista dos poetas algarvios, incluindo-se n'esta resenha todos os parentes do collector que tiveram o grande merito de compor um soneto ou ode genethliaca, não está á altura da sciencia, notando-se n'ella desconhecimento de importantes factos litterarios e ethnographicos e ausencia de juizo critico: falta que não se compensa sufficientemente pelo enthusiasmo patriotico do auctor para as antiguidades e o passado litterario de sua bella provincia.

No systema de colligir os textos, Estacio da Veiga

---

[1] Floresta de varios Romances, colligidos por THEOPHILO BRAGA. Porto 1869, Typographia da Livraria Nacional.

[2] THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, pag. 369.

[3] Romanceiro do Algarve. Lisboa 1870, Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.

segue o modelo de Almeida-Garrett. Não dá as versões e variantes na fórma em que as obteve da tradição oral, mas confunde-as e solda-as ao seu arbitrio a uma composição hermaphrodita em que não se sabe exactamente onde acaba a lição genuina e principia o refacimento moderno da mão do collector.

Assim, no Romanceiro do Algarve, o leitor tropeça com numerosos aperfeiçoamentos e retoques visiveis. O romance de Dom Julião senão é inteiramente apocrypho, torna-se pelo menos muito suspeito mórmente por causa da apostrophe:

> Triste Hispanha, flor do mundo,
> Tão nobre, e tão desgraçada!

sentimentalismo que estranha na bôcca de um povo que tantas vezes luctára com seus visinhos e que, em seus adagios, não revela muita sympathia pelos castelhanos.

Apesar d'estes defeitos, o Romanceiro do Algarve não deixa de ter bastante merecimento litterario, porque contem pela primeira vez muitos romances lindissimos que andam na tradição do Algarve, auxiliando assim poderosamente o estudo do thesouro de romances algarvio, quando se proceder com a cautela necessaria. Sería, porém, muito para desejar, que mão mais auctorisada procedesse a uma nova collecção dos romances algarvios.

Na presente edição propuz-me reunir quanto andasse colligido nos differentes romanceiros portuguezes, publicados no reino, cuja edição está, em parte, esgotada, incluindo alguma coisa inedita que pude obter da tradição oral.

D'este modo, quiz remover os obstaculos e difficuldades com que tropeçam até hoje os estranhos que se

interessam pelo estudo da poesia dos romances em Portugal, offerecendo-lhes um livro em que encontram toda a materia juncta e disposta de maneira que permitta assistir ao desenvolvimento do romance desde as origens até a mallograda tentativa dos romanticos de fazer reviver, na fórma litteraria, este ramo importante da poesia popular.

A comparação das versões provincianas dá azo a fazer muitas observações interessantes e ferteis em resultados litterarios, historicos e até ethnographicos. Abstrahindo nas differentes lições e variantes do que é meramente casual e colorido local, o leitor, por um processo critico muito simples, elimina a substancia do romance tal qual sahiu da fonte genuina do genio popular antes de ser alterada, amplificada ou amalgamada com fragmentos de outros romances pela mão do versificador aldeão.

Nas notas, com que acompanhei os textos, limiteime a apontar o que me pareceu indispensavel para determinar a origem e a epocha do respectivo romance. Julguei desnecessario o demostrar as bellezas de cada peça, porque o leitor illustrado saberá sentil-as melhor do que eu, nem confrontei os romances portuguezes com os hespanhoes ou as cantigas e contos populares das outras nações, baseados sobre a mesma tradição. Por mais interessante que fôsse um tal estudo comparativo, ao qual procedeu Theophilo Braga com sua reconhecida erudição, renunciei a fazel-o, porque, n'esse caso, tornava-se preciso alargar por muito o quadro d'este livro.

No glossario o leitor incontrará os idiotismos, as formas archaicas, locuções e vocabulos cuja explicação ou falta ou é insufficiente nos diccionarios da lingua portugueza, e nomes proprios menos conhecidos.

Intenciono publicar, em breve, uma Historia da poesia dos romances em Portugal, a qual espero ministrará aos numerosos amigos d'este genero de creações poeticas bastantes recursos para penetrarem na comprehensão intima d'estas composições da alma popular, tão dignas de attenção e de estudo minucioso.

Porto, 18 de julho de 1876.

V. E. HARDUNG.

INDICE.

C. ROMANCES DE AVENTURAS.

D. ROMANCES CAVALHERESCOS E NOVELLESCOS.

APPENDICE.

A.

ROMANCES HISTORICOS.

I.

DOM JULIÃO.[1]

Versão do Algarve.

Dom Rodrigo, Dom Rodrigo,
Rei sem alma e sem palavra,
Com a vida pagas hoje
A traição de Dona Cava![2]

Dom Juliano lá em Ceita,[3]
Lá em Ceita a bem fadada,
A jurar está vingança
Pelas suas mesmas barbas.
Não estivera elle enfermo,
Já com armas se voltára,
Que onde Juliano chega,
Ninguem chega nem chegára;
Cavalleiro de armadura
Não se lhe mostre com armas,
Que fadado foi Juliano
Para só vencer batalhas!

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 5. O romance de Dom Julião, tambem chamado do Conde de Ceuta ou do Conde Juliano, é puramente algarvio. Contem a recordação popular da grande invasão dos Arabes, auxiliada por D. Julião, conde de Ceuta, que, por vingar sua filha, Dona Cava, violada pelo rei visigodo, entregou as chaves da Peninsula aos infieis.

[2] A traição de Dona Clara. — Algarve.
O povo adoptou Clara por Cava.

[3] Juliano está em Ceita. — Algarve.
Ceita = Ceuta (Septum).

Sete noites pensa o conde,
Todas las sete pensára
Como poderá vingar-se
De quem tanto o magoára;
Quer escrever, mas não póde,
Por seus servos rebradára,
Ao mais velho escrever manda
E o conde a carta notava;
Mal acaba de escrever-se,
Ao rei moiro a enviava.
Na carta lhe dava o conde
Todo o reino de Granada,
Se logo ao campo mandasse
Sua gente bem armada
Para vingar sua filha,
Que el-rei godo deshonrára.
Mal recebe el-rei a carta,
Sua gente aparelhava
Para vingar Juliano,
Para conquistar Granada.

Triste Hispanha, flor do mundo,
Tão nobre, e tão desgraçada!
Por vingança de um trédor
Serás dentro em pouco escrava!
Tuas cidades e villas
Todas te serão ganhadas!
Andalusia não hade
Dar-te mais vida, mais alma!

Terras bemditas são logo
De perros moiros cercadas;
O triste de Dom Rodrigo
Ao campo vai dar batalha,
Mas lo trédor de Dom Oppas [1]
Tudo alli lhe atraiçoára.

---

[1] D. Oppas, arcebispo de Sevilha, tomou parte na traição do conde de Ceuta.

Grande senhor de Moirama [1]
Commandava grande armada;
Pondo o pé em terra firme
Toda a terra conquistava;
O sangue já era tanto
Que todo o campo ensanguava.

Assim perde Dom Rodrigo
A sua grande batalha,
Tambem perde Andalusia,
E tambem perde Granada;
Guadalete outra não víra [2]
Tão fera e tão pelejada!

Toda Hispanha se converte
Em poderosa Moirama.
Dom Juliano e Dom Oppas
Dona Cava assim vingavam!

II.

ROMANCE DO PASSO DE RONCESVAL. [3]

Versão de Trás-os-Montes.

— «Quêdos, quêdos, cavalleiros,
Que el-rei os manda contar!» —

Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar;

---

[1] Tarik.

[2] Guadalete ou Chrissus é o nome do pequeno rio sobre cujas margens pereceu o imperio visigodo.

[3] ALMEIDA-GARRETT, Rom. II. p. 245. TH. BRAGA, Rom. p. 89. O excellente romance do Passo de Roncesval ou de Dom Beltrão, como lhe chama A. Garrett, um dos poucos romances portuguezes que pertencem ao cyclo carolino, é em Portugal arraiano, anda pelos extremos da Beira e de Trás-os-Montes.

Era esse Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos do mal passar;
Deitam sortes á ventura
A qual o ha de ir buscar; [1]
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar:
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem no ha de ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho de seu pai.
Volta rédeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lh' a sorte não cahíra,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se vae andando, [2]
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo val,
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal.

— «Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fóra,
Ninguem não n'o viu passar.» —

Vae andando, vae andando
Sem nunca desanimar,

[1] A qual o havia buscar. — ALMEIDA-GARRETT.
[2] Triste e só se foi andando. — ALMEIDA-GARRETT.

Chega áquella mortandade
Dónde fôra Roncesval:
Os braços já tem cansados
De tanto morto virar.
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atrás o velho triste,
Volta por um areal,
Viu estar um perro mouro
Em um adarve a velar:

— «Por Deos te peço, bom mouro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas,
Se o viste por 'qui passar,
Hontem á noite sería,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está cativo
A oiro o hei de pesar.» —

— «Esse cavalleiro, amigo,
Diz'-me tu que signaes traz?» —

— «Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal,
Na ponta da sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh' o bordou sua dama
Bordado a ponto real.» —

— «Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n' esse pragal;
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito,
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.» —

— «Não tórno a culpa a meu filho
Nem aos mouros de o matar:
Tórno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.» —

Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôz a fallar:

— «Não me tornes essa culpa,
Que m'a não podes tornar;
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e rédea,
Co'a sanha de pelejar,
Tres vezes me apertou silhas,
Me alargou o peitoral...
Á terceira fui á terra
D'esta ferida mortal.» —

III.

FRAGMENTO DE UM ROMANCE DO CID. [1]

Versão de Gil Vicente.

Ai Valença, guai Valença,
De fogo sejas queimada,
Primeiro foste de Mouros
Que de Christianos tomada.
Alfaleme na cabeça,
En la mano uma azagaya,

---

[1] Gil Vicente, Auto da Luzitania (Obras T. III. p. 270). Th. Braga, Rom. p. 93. Este fragmento é o unico que apparece em Portugal do grande cyclo de romances hespanhoes que se referem ao Cid Campeador. Ochoa no Tesoro de los Romanceros p. 185 traz este fragmento por extenso e julga-o um dos mais antigos e mais populares. Em 1094 o Cid pôz cerco a Valencia para vingar o assassinato do emir Jahia Alkadir.

Guai Valença, guai Valença,
Como estás bem assentada,
Antes que sejam tres dias
De Moiros serás cercada.

IV.

ROMANCES DA MÁ-NOVA.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Açores).

Casada de outo dias
Á janella foi chegar;
Viu vir um cavalleiro
Tão de contente a mirar:

— «Que novas traz, cavalleiro,
Que novas traz p'ra me dar?» —

— «Novas vos trago, senhora,
Má nova é de contar...
Vosso marido é morto,
Caíu no areal;
Rebentou o fel no corpo
Em duvida de escapar;
Se o quereis inda vêr vivo,
Tratae já de caminhar.» —

Cobriu o seu manto preto
Começou de caminhar;
Ao pranto que ella fazia
O chão fazia abrandar,

---

[1] Th. Braga, Cantos populares do Archipelago Açoriano p. 328—329. O romance popular não pôde deixar de tractar o desastre acontecido ao Principe D. Affonso, em 1491, junto a Santarem, onde morreu d'uma queda fatal, deixando viuva a Infanta D. Isabel com que se desposára havia apenas oito mezes.

Tres Infantes atrás d'ella
Sem a poder alcançar.
Chegando á freguezia
Começou de perguntar;
Chegando aonde elle estava
Começou de prantear.

— «Isto são ais da Infanta,
Quem tal nova lhe foi dar?
Calae-vos, minha mulher,
Não me dobres o meu mal;
D'aqui não vos ficam filhos
Que vos custem a criar;
Sondes menina e moça,[1]
Vos tornareis a casar.» —

Pegam na mão um ao outro
Ambos foram acabar.

— «Toquem-me harpas e violas[2]
E sinos á reveria,
Para entrar a senhora,
Senhora Dona Maria.» —

— «Já me não chamem senhora,
Senhora Dona Maria,
Chamem-me triste coitada,
Apartada de alegria,
Que lhe morreu o seu bem
Capitão de infanteria;
Elle não morreu em guerra,
Nem batalha que trazia,
Morreu no areial
De poços e agua fria.» —

---

1 Allusão á celebre novella de Bernardim Ribeiro: Menina e Moça, publicada pela primeira vez em Ferrara, no anno de 1554, data que nos auxilía a determinar a época do romance.

2 Os versos que seguem são visivelmente interpolados por mão jogralesca.

2.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Casadinha de outo dias,
Sentadinha á janella,
Víra vir um cavalleiro
Com cartinhas a abanar:

— «Que trazeis vós cavalleiro?
Que trazeis p'ra me contar?» —

— «Senhora, trago-vos novas,
Muito caras para as dar.»

— «Quando vós de as dardes,
Que farei eu de acceitar?» —

— «Vosso marido caíu
No fundo do areial;
Rebentou-lhe o fel no corpo,
Está em risco de escapar!
Se o quereis achar vivo,
Tratae já de caminhar.» —

Cobríra-se com seu manto,
Tractára de caminhar;
As servas iam trás ella,
Cuidando de a não alcançar,
O pranto que ella fazia
Pedras fazia abrandar.
Respondeu-lhe o marido
Do logar aonde estava:

— «Calae-vos, minha mulher,
Não me dobreis o meu mal;
Tendes pae e tendes mãe,
Podem-vos tornar a levar.
Ficaes menina e moça,
Podeis tornar a casar.» —

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 330—331.

— «Esse conselho, marido,
Eu não o hei de tomar,
Hei de pegar n'umas contas,
Não farei fim a resar.» —

— «Abri lá esse portão
O portão da galhardia,
Para a senhora entrar,
Senhora Dona Maria.» —

— «Chamem-me triste viuva,
Apartada de alegria!
Que me morreu um cravo
A quem eu tanto queria.
Elle não morreu na guerra,
Nem em batalha vencida;
Morreu, morreu cá em terra
N'um poço de agua fria.» —

V.

ROMANCES DE DOM DUARDOS E FLÉRIDA. [1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge.

Era pelo mez d'Abril,
De Maio antes um dia,
Quando a bella Infanta
Já da frota se espedia:

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 331—332. Gil Vicente, no fim do auto de Dom Duardos traz o romance de Dom Duardos e Flérida em castelhano. Era tam bello e simples que foi adoptado pelo povo e incorporado aos Romanceiros hespanhoes como romance anonymo. A versão popular portugueza, encontrou-a o sr. João Teixeira Soares na Ilha de S. Jorge, na bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares, abastado lavrador do logar, a qual a tinha aprendido em sua mocidade. Gil Vicente, compondo o romance, tinha talvez em mira alludir á partida da infanta D. Brites para Saboya e reanimar saudades do passado na alma de D. João III, irmão da princesa, em cuja côrte e presença se representou o auto de Dom Duardos.

Fôra ao jardim de seu pae,
Ella chorava e dizia:

— «Ficade embora mil flores,
Meu jardim d'agoa fria,
Qu'eu te não tórno a vêr
Senão hoje, n'este dia.
Se meu pae te perguntar
Pelo bem que me queria,
Diz-lhe que o amor me leva,
Que me venceu uma porfia;
Não sei p'ra onde me leva
Nem que ventura é a minha.» —

Respondeu Dom Duardos
Que escutava o que dizia:

— «Calae-vos bella infanta,
Calae-vos pérola minha!
Em portos de Inglaterra
Mais claras agoas havia,
Mais jardins e arvoredos
Para vossa senhoria;
Tambem isto quero donzella
Para vossa companhia.» —

Chegados são as galleras
Que Dom Duardos trazia;
A mar lhe catava honra
E as ondas cortezia!
Ao doce remar dos remos
A menina adormecia
No collo do seu amor,
Pois assim lhe convencia.

2.

Lição do Cavalheiro de Oliveira.[1]

Era pelo mez d'abril,
De maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no céo podia,
Quando a formosa infanta
Flérida já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia:

— «Com Deos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe que amor me leva,
Que eu por vontade não ía;
Mas tanto ateimou commigo,
Que me venceu co'a porfia.
Triste não sei onde vou,
E ninguem m'o dizia! . . . » —

Alli falla Dom Duardos:

— «Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. T. III. p. 137—149. Th. Braga, Cont. do Archip. Açor. p. 333—334. A lição do cavalheiro de Oliveira foi achada n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo de Gil Vicente, circumstancia que leva a suppor que o poeta se serviu d'uma lição popular.

De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacintos,
E ouro fino da Turquia,
Com letreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déste n'esse dia,
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Matastes-me vós, senhora,
Que eu a elle não temia.» —

Suas lagrimas enchuga
Flérida, que isto ouvia.
Já se foram as galleras
Que Dom Duardos havia;
Cincoenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princeza adormecia
Nos braços de Dom Duardos
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varía:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valía.

VI.

DOM RODRIGO.[1]

Versão do Algarve.

Enfermo el-rei de Castella
Em cama de prata estava;
Des que seu mal o turgíra,
Sete doutos consultava,
Qual d'elles de mais sabença,
Quasi todos de Granada.
Uns e outros lhe diziam
Que o seu mal não era nada,
Mas o mais velho de todos
Outras fallas lhe fallava:

— «Confessai-vos, Dom Rodrigo,
Fazei bem por vossa alma;
Sete horas tendes de vida,
E uma já quasi passada.» —

— «Fazer quero testamento
N'esta hora atribulada;
Deixo a Dom Ramiro o burgo,
A Dom Gaifeiros a barra;
A Dona Aimansa, a formosa,
Minha riqueza contada.» —

A isto acode a princeza
Muito triste e magoada:

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 16—22. O collector dos romances algarvios obteve duas lições do romance de Dom Rodrigo, uma d'uma mendiga da cidade de Tavira e outra d'uma pobre mulher da Fuzeta. O romance é pouco sabido no Algarve nem consta que tenha apparecido em outras provincias. O assumpto é castelhano e parece-me que andam n'elle confundidos dois factos historicos: o testamento de Sancho III, rei de Navarra, e o celebre cerco de Zamora de 1072, onde foi assassinado D. Sancho II de Castella e em que tomou parte o Cid Campeador.

— «Que Deus vos salve, ó meu pae,
E a mim, filha abandonada,
Que assim daes a minha herança
A quem a vós não é nada!
Uma só filha que tendes,
Bem que a deixaes desherdada!
Ái, pobre de minha vida,
Pobre de mim, malfadada!
Para as portas de Sevilha
Irei demandar pousada;
Ganharei com triste pranto
Para ser alimentada!» —

— «Mulher que taes fallas resa,
Devéra ser degollada;
Eu só te deixo em Zamora
Uma torre por coutada;
E a quem lá fôr procurar-te
Seja a cabeça cortada.[1]
Não tenho mais que deixar
A uma filha deshonrada.» —

Ao romper do novo dia
Zamora estava cercada.

— «Que parta já Dom Ramiro,
Leve em punho a minha espada
Que parta já Dom Gaifeiros,
Commandando a minha armada,
E que em Zamora não fique
Uma torre alevantada.» —

— «Lesto, lesto, Dom Ramiro,
Com vossa real espada;
Lesto, lesto, Dom Gaifeiros
Com a vossa nobre armada;
Que não fique uma só torre,

[1] Que minha maldição haja — Variante.

Zamora fique arrazada!
Dom Ramiro, avante, avante
Com vosso cavallo e malha;
Minha mãe vos deu vestidos,
Meu pae dá-vos sua espada,
E eu vos dou esporas de ouro,
Pendão de seda encarnada
Que de um lado leva o sol,
De outro a lua prateada.
Vencei com esta bandeira
Por minha mão só lavrada;
De ha muito que eu vol-a déra,
Se essa mão não fôra dada...
Hojé é de Ximena Gomes,
Filha do conde Lousada.
Não m'importára que o fôra,
Se me não devesseis nada.» —

— «Pois como assim é senhora,
Vai ella ser degollada.» —

— «Não o queira Deus bemdito,
Nem a virgem consagrada,
Que união que o céu permitte,
Seja por mim apartada!
Adiante, ó Dom Ramiro,
Com vossa real espada,
Que já lá vai Dom Gaifeiros
Commandando nobre armada.
Eu só nasci n'este mundo
Para infanta desgraçada.» —

B.

ROMANCES MARITIMOS.

I.

ROMANCES DA NAU CATHERINETA.[1]

1.

Versão de Lisboa.

Ora da nau Cath'rineta
D'ella vos quero contar,
Sete annos e mais um dia
Andou nas aguas do mar.
Não tinham lá que comer,
Nem mais que para manjar,
Deitaram solas de môlho
Para o domingo jantar.
A sola era tão dura
Não a puderam tragar.
Deitám sortes á ventura
A vêr quem se ha de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— «Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Ou praias de Portugal.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 58—60. O romance da Nau Catherineta, nome que Th. Braga julga se referir ao celebre galeão Santa Catherina do Monte Synai que levou a infanta D. Beatriz para Saboya, anda em muitas versões e variantes por quasi todas as provincias do reino. Os horrores da antropophagia ameaçaram muitas vezes aquelles intrepidos marinheiros que navegavam para as Indias ou o Brazil.

— «Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.» —

— «Acima, acima, gageiro,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.» —

— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha
E praias de Portugal.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Oh quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas,
Comtigo a hei de casar.» —

— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.» —

— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.» —

— «Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.» —

— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»

— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de eu dar?» —

— «Eu quero a Nau Cath'rineta
Para n'ella navegar.» —

— «A Nau Cath'rineta, amigo,
É de el-rei de Portugal;
Mas ou eu não sou quem sou
Ou el-rei t'a ha de dar.

2.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Lá vem a nau Cathrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de môlho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de mattar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 97—106. Th. Braga diz que a lenda da Nau Catherineta «não tem uma determinada origem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios», mas Almeida-Garrett é de opinião que se refere ao naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565. Na versão de Almeida-Garrett, que é uma das algarvias, o gageiro apparece na figura do diabo.

— «Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.» —

— «Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas,
Que estão para te matar.»

— «Acima, acima, gageiro,
Acima ao topo real,
Olha se inxergas Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais inxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas,
Está no meio a chorar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.» —

— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»

— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»

«Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual.» [1]

— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a insinar.» —

— «Dar-te-hei a nau Cathrineta
Para n'ella navegar.» —

— «Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.» —

— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?»

— «Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.» —

— «Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.» [2] —

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar;
Deu um estouro o demonio,
Accalmaram vento e mar,
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar. [3]

---

[1] Para n'elle campear. — RIBATEJO.
[2] O corpo da agua do mar. — RIBATEJO.
[3] A bom porto foi parar. — RIBATEJO.

3.

Versão do Algarve. [1]

Nau Cathrineta, tão linda,
Que anda nas voltas do mar,
Manda el-rei que se aparelhe
Para de manhã largar.
O conde se aparelhára,
Nem mais tinha que esperar.
Ao sair da barra em fóra
Tudo era arrebicar.
Por um lenho cacilheiro
Amarras manda levar;
Para navegar em cheio
Manda as velas desfraldar.
Salva a torre de Bogio
Quando a nau ía a passar.

— «Adeus, marinheiros velhos
Adeus, que vamos largar!» —

Nau Cathrineta, tão linda
Já vai nas voltas do mar;
Tres annos e mais um dia
Era a nau a navegar;
Já de beber não havia,
Nem havia que manjar.
Deitaram sola de môlho,
Que a fome vinha a apertar;
Mas a sola era tão dura,
Que a não podiam tragar.
Dizem todos á porfia
Que um se havia de matar,
Mas as sortes só caiam
No capitão general.

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 45—52. Na versão do Algarve, o romance da Nau Cathrineta anda amalgamado com outro de Dom Joam de Austria e contem alguns versos do romance da bella Infanta. Estacio da Veiga obteve onze licões, das quaes nem duas eram identicas.

— «Arriba, arriba, gageiro,
Áquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Não vejo terras de Hespanha
Nem praias de Portugal,
Só vejo uma grande armada
Que além cobre todo o mar;
Dentro d'ella vem um turco
Pelas barbas a jurar,
Que o conde, nosso almirante,
Ha de elle vir degollar.» —

O conde que tal ouvíra,
De rastos se foi prostrar
Abraçado a um santo lenho
E gritando a bom gritar:

— «Valei-me, senhor do céu,
Vinde-me aqui ajudar;
Não permittaes, vós senhor,
Que á moirama eu vá parar.» —

Palavras não eram ditas,
E as balas de par a par;
O sangue ja era tanto
Que ensanguava todo o mar;
Pelos imbernaes corria,
De continuo, sem cessar;
Umas naus já trebucavam
Outras íam a escapar.
Ganhára o conde a batalha,
Não mais havia a ganhar;
Tocam-se logo os apitos,
Tudo corre a manobrar.
Nau Cathrineta, tão linda,
Faz-se nas voltas do mar.

— «Arriba, arriba, gageiro,
Áquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo tres espadas nuas,
Que vos são a ameaçar.» —

— «Mira, mira, marujinho,
Sóbe esse tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Se alviçaras me trouveres,
Melhores t'as hei de eu dar.» —

— «Alviç'as, meu capitão,
Alviç'as meu general!
Alviç'as tenho ganhadas,
Se vós m'as quizerdes dar.
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma está fiando ouro,
Outra na téla a bordar,
E a mais pequena de todas
Com sua mãe a brincar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Meu é esse laranjal;
As meninas que lá viste
Todas eu te quero dar:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a que mais formosa fôr
Para comtigo casar.» —

— «Eu não quero as vossas filhas,
Que não tenho onde as guardar;
Só quero a Nau Cathrineta,
Que anda nas voltas do mar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Não a dou, não posso dar;
Dar-te-hei tamanha terra
Que a não possas avistar.» —

— «Eu não quero a vossa terra
Que por mim não sei lavrar;
A Nau Cathrineta quero
Que anda nas voltas do mar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Não me venhas attentar,
Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas tu contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Que me faz afugentar;
Só quero a Nau Cathrineta
Para no mar navegar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Que é d'el-rei de Portugal;
Não tens mais que me pedir
Nem eu tenho mais que te dar.
Vai-te d'aqui, inimigo,
Ou te vou a esconjurar.» —

— «Não quero a Nau Cathrineta
Que ella ahi se vai talar.
Este mar será a terra
Que vos ha de sepultar,
Os peixes serão os homens
Que vos hão de acompanhar,

Os mastros serão as velas
Que vos hão de allumiar!» —

Muito não era passado
E a nau em terra a varar!
Não creiam, não, em feitiços
Lá mesmo em meio do mar!

4.

Versão da Ilha de S. Jorge (Rosaes). [1]

Lá vem a Nau Catherineta
Que tem muito que contar;
Ha sete annos e um dia
Sobre as aguas do mar!
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Botaram sola de môlho,
Para ao domingo jantar;
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar.
Botam sortes á ventura,
A qual haviam matar;
A sorte caiu em preto
Ao capitão general.

— «Assobe acima gageiro,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 285—287 offerece cinco variantes do romance da Nau Catherineta, todas recolhidas na Ilha de S. Jorge, das quaes me limito a reproduzir uma, porque não divergem muito.

— «Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Vejo tres espadas nuas
P'r'a cabeça te cortar.» —

Pensando que era verdade
As sortes botou ao mar;
Tanta cutilada deram,
Sem nenhuma lhe acertar.

— «Assobe acima, chiquito,
Áquelle tópe real;
Senão poderes assobir
Pois Deos te hade ajudar.» —

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu ao mar;
Eram botes, e escaleres
Sem o poder agarrar.

— «Assobe, acima, gageiro,
Acima, á gávea real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma está lavrando ouro,
Outra fio de crystal,
A mais mocinha de todas
Anda buscando um dedal.» —

— «Essas são as minhas filhas,
Todas tres t'eu quero dar,

Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.» —

— «Não quero as tuas filhas,
Deus vol-as deixe criar;
O que te quero pedir,
Se vós me quizeres dar,
É a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.» —

— «Essa Nau já não é minha,
É do Rei de Portugal,
Elle, assim que lá chegar,
Elle a mandará queimar.» —

II.

ROMANCE DE DONA MARIA. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Eu era a filha de um rei,
Chamada Dona Maria;
Amava a um capitão
Pelo bem que me elle queria.
Meu pae tanto que o soube
Dava-me muito má vida,
Dava-me o pão por onça,
E a agua por medida;

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 302—304. Braga é de opinião que no Romance de Dona Maria ha uma reminiscencia da poesia do tempo dos godos. Os povos do norte tinham uma lei que mandava embarcar os traidôres n'um navio sem remos e sem leme abandonando-os assim á mercê dos ventos e das ondas.

Mandou botar um pregão
Por toda a cidade acima,
Calafates, carpinteiros
Se ajuntassem n'esse dia
Para fazer uma nau
Para ir Dona Maria.
Calafates eram muitos,
Deram-na feita n'um dia;
Metteram-lhe mantimentos
Para sete annos e um dia,
Deitaram-na n'esses mares
Sem velas, sem remaria;
Dona Maria foi n'ella,
Só sem a mais companhia.
Chegou lá á uma terra
Onde gente não havia,
Senão um ermitão santo
Que vida santa fazia.

— «Quem te trouxe aqui, mulher,
A fazer perder minha vida?» —

— «Vá d'aí, ermitão santo,
Mais a sua santa vida,
Que o vento que aqui me trouxe
Outra vez me levaria.
Carrega, vento, carrega,
Obedece marezia,
Levae-me á minha terra,
Que isso era o que eu queria.» —

Estando o rei á janella,
Á hora do meio dia,
Víra entrar uma nau
Sem vela nem remaria.

— «Dizei-me que nau é aquella,
Que entra sem licença minha?» —

— «É vossa filha, senhor,
Chamada Dona Maria.» —
— «Pois se ella é minha filha,
Quero-a ir visitar:

— «Dize-me tu, filha minha
Como passastel-o mar?» —

— «Os mares me cataram honra,
E os ventos cortezia,
E os anjos iam de noite,
Para minha companhia;
Iam com uma bora de sol,
E vinham com outra de dia,
E a virgem me chamava
Sua donzella Maria.» —

III.

ROMANCES DE DOM JOÃO DA ARMADA.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira do Nabo).

Sua Alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para de noite largar.
Dom João se aparelhou
N'uma fragata mui bella,

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 304—307. Dom João da Armada é Dom João d'Austria, o vencedor na batalha de Lepanto. Esta celebre victoria fez uma profunda impressão sobre todas as nações do Meio-Dia da Europa e tornou-se thema predilecto dos cantos populares.

Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vella.
Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companha se ajuntar
Que queria dar á vella.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

— «Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior idade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.» —

Á partida da galera
Houve taes gritos e choros!
Capitão e commandantes
Todos se encheram de dores.
Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram mestres, contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fóra
Ouviram tinos de prata:
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata!
Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não viam,
Chegou a armada uma á outra
Lá em pinos do meio dia.

— «Dize-me alferes da bitaute
Que na recta-guarda vinha,
Dize-me alferes habitante
Galeras que traz Turquia?» —

— «Se me perdôas a morte
Dom João, eu t'o diria;
Nove centas e oitenta
Galeras que traz Turquia.» —

Pegára em Jesus nas mãos,
De pôpa á prôa dizia:

— «Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós, Senhor, não permittaes
Que eu vá parar á Turquia,
Nem permittaes que alperros
Se encham de valentia;
Nem os fracos portuguezes
Se encham de cobardia.» —

Chegou a armada uma á outra
Lá em pinos do meio dia!
As ballas que lhe atiravam
Tornavam-se mosquetaria;
As que Dom João lhe atirava
Eram de grande valia.
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobriam.
Oh Jesus! oh tanto sangue!
Nem um pingo d'agua havia!
Mandou o gageiro acima
Para vêr que descobria.
O gageiro lá de cima
Que em altas vozes dizia:

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia.
Leva a bandeira de rasto,

A pôpa a traz rendida, [1]
E rendida traz a pôpa
Só para desprezar Turquia.» —

Ainda a Nau não apontava
Lá na barra de Lisboa,
Já diziam: vem a armada
Com o sceptro mais a corôa.

— «Dize-me alferes da bitante
Que na recta-guarda vinhas,
Quem venceu esta batalha
Que era de tanta valia?» —

— «Foi Dom João rei da armada,
Que é o rei da valentia.» —

— «Capitão e commandantes
Vamo-nos para a Turquia,
Vamos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias). [2]

Dom João se preparou
N'uma fragata mui bella!
Atirou peça de leva
Que queria gente n'ella.

— «Oh homens do mar mais velhos,
Não vos queiraes embarcar;
Deixae ir a mancebia
P'r'o meio do mar brigar!» —

---

[1] Th. Braga tem:

Á pôpa atraz rendida.

[2] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 307—310.

Oh que choro vae no porto,
Apartamento no caes;
Choram os paes pelos filhos,
Não os tornam a ver mais.
Oh que choro vae no porto
Ao partir dos mareantes;
Choram as mães pelos filhos;
As secias pelos amantes.
Oh que choro vae no porto,
Ao embarcar dos soldados;
Choram os paes pelos filhos
As secias p'los namorados.
Ao ir das lanchas a bordo
Ouviu-se grandes terrores:
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus amores,
A içar panos acima
Com seus apitos de prata!
Oh que ricos mandadores
Traz esta real fragata!
Já estavam em mar largo
Onde terras não havia:

— «Acima, acima, gageiro
Vai vêr o que descobria!» —

— «Gageiros da nossa Nau
Alimpem a artilheria,
Que aqui para a nossa Nau
Vem uma combataria.» —

Aonde vinha um belchor
Que na recta-guarda vinha:

— «Dize-me tu, oh belchor,
Que navios traz Turquia?» —

— «Se Dom João me perdôa,
Eu tudo lhe contaria!

Novecentas e oitenta
Galeras traz a Turquia.
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.» —

Pegára em Jesus nos braços
Da ré p'r'a prôa dizia:

— «Vós sois neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós não permittaes, Senhor,
Que morra tal christandia!
Morram esses mouros perros
Bem cheios de phantazia.» —

O que elles de lá botavam
Tornou-se em mosquetaria;
O que elle de cá botava,
Lindo emprego fazia.
Pelas duas horas da tarde,
Passado do meio dia:

— «Acima, acima, gageiro,
A vêr o que descobria!» —

O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

— «Tanto sangue derramado,
Já nenhuma agua havia!
Cabeças por esses ares
Sol e lua encobriam.
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Leva seus mastros quebrados,
Suas vellas vão rendidas,
Leva bandeira de rastos
Só p'ra desprezar Turquia.

Leva novas, leva novas,
Micheriqueira afamada,
Leva novas a el-rei Turco
Que sua armada é tomada.» —

— «Eu não se me dá dos navios,
Eu outros de pau fazia;
Dá-se-me da gente d'elles
Que era a flor da bizarria.» —

Dom João mal apontava
Contra a barra de Lisboa:
— «Já lá vem Dom João da Armada,
Traz o sceptro mais a corôa.» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge (Vellas). [1]

Sua Alteza, a quem Deos guarde
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.
O Conde se aparelhou
De uma maneira tão bella!
Pela meia noite em ponto
Atirou peça de leva.
As lagrimas eram tantas
Em riba d'aquelle caes;
Choram as mães pelos filhos
Que vão para nunca mais.
Chegando á dita Nau
Ouviram grandes terrores:

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 310—313.

Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus valores.
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata,
Tocando novos apitos
Encastoados em prata!
Oh que rico commandante
Leva este real thesouro,
Tocando novos apitos
Encastoados em ouro!

Caminhára Dom João
Na sua viagem seguida;
Era meio dia em ponto,
Mandou gageiro acima.
O gageiro subiu logo
Para vêr que descobria,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

— «Safa, safa Dom João,
Safá a tua artilheria,
Que aqui vem tamanha armada
Que o sol e a lua encobria.» —

Dentro da mesma armada
Um arrenegado vinha;
Empenhando as suas barbas,
Dom João que lh'o pagaria!
Dom João que tal ouvíra
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

— «Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!

Não permittaes que os mouros
Se encham de phantàzia;
Não queiras que os vossos filhos
Se encham de cobardia!» —

Chegou a armada uma á outra
Em pino do meio dia;
A fumaria era tanta,
Nem uns, nem outros se viam.
Bala que Dom João botava,
Era de ferro, rendia;
Bala que elles deitavam
Tornava-se em mosquetaria.
A sangreira era tanta
Que p'los embornaes corria.
Era tanta a gente morta,
Os navios empeçariam.
De setecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Com os seus mastros quebrados,
Os seus garupés rendidos;
Com a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.
Chegando á sua terra
Ancoram em francaria;
O seu rei que o ouvíra
Pergunta que succedia.

— «Foi o Dom João da Armada
Que a todos meteu a pique.» —

O rei lhe respondeu:

— «Não se me dá dos navios:
Eu outros melhores faria;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flor da Turquia.» —

— «Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?» —

— «Foi o Dom João da Armada,
Que era o rei da valentia.» —

4.

Versão do Algarve. [1]

Sua Alteza, que Deus guarde,
Aviso ao mar mandaria;
Que se aparelhasse a armada
Para largar no outro dia.
A armada se aparelhára
Com extrema galhardia.
Meia noite que era em ponto,
Dom Joaquim já não dormia.
Mas o sol vinha raiando,
Tudo já manobraria;
Tirára peças de leva
Em signal de que saía.
Saindo de barra em fóra,
Quando já terra não via,
Forte armada avista ao longe,
Que em todo o mar se estendia.
Uma á outra se chegára,
Pelo pino do meio dia,
A batalhar se pozeram
Cada qual com mais porfia;
A salva que o perro dava,
Tudo era mosqueteria;
Muito tempo já durava,
Nem um nem outro vencia;
Dom Joaquim quasi perdido
Sem saber o que faria,
A um Santo Christo abraçado,
De pôpa á prôa dizia:

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 53—57.

— «Deus do céu, que me estaes vendo,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes, Deus bemdito,
Que vamos dar á Turquia!» —

Palavras não eram ditas,
Sua voz o céu ouvia,
Pois passado pouco tempo
O rei moiro se perdia.
As galés que elle trouvéra
Todas lo mar engolia;
De quatrocentas e oitenta
Uma só lhe escaparia,
Essa co'o leme quebrado,
E a pôpa em grande avaria,
Com a bandeira de rastos
Em desprezo da Turquia.

— «Que nobre armada era aquella,
Que tão briosa vencia?» —

— «Commandava-a Dom Joaquim,
Mais valente não havia.» —

Já voltava ás suas praias
Com soberba galhardia.
O perro moiro vencido
Com muita magoa dizia:

— «Não se me dá das galeras,
Nem do que n'ellas havia;
Dá-se-me da minha gente,
Que era flor de Turquia,
E mais de uma filha moça,
Que era a estrella do meu dia!»

C.

ROMANCES DE AVENTURAS.

I.

ROMANCE DO CAÇADOR. [1]

Versão de Almeida-Garrett.

O caçador foi á caça,
A caça como sohia; [2]
Os cães já leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite [3]
Por uma mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada
Uma donzella tam linda!
Dos cabellos da cabeça
A mesma árvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 17—30. O romance do Caçador, chamado nas collecções hespanholas da Infantina, é, segundo a opinião de Almeida-Garrett, de origem portugueza, porque os hespanhoes não se lançaram no maravilhoso das fadas e incantamentos da eschola celtica de França e Inglaterra.

[2] Á caça de montaria. — Alemtejo.
Á caça de altanaria. — Tras-os-Montes.

[3] Fez-se noite no caminho. — Beiralta.

Alli fallou a donzella,
Já vereis o que dizia:

— «Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tammanha frima;
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemdita rainha.
Sete fadas me fadaram,
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia;
Hoje se acabam n'os annos,
Ámanhã se conta o dia.
Leva-me, por Deos t'o peço,
Leva em tua companhia.» —

— «Espera-me aqui, donzella,
Té ámanhã, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Consélho com minha tia.» —

Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia:

— «Oh, mal haja o cavalleiro
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto [1]
Sem lhe fazer companhia!» —

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Já voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,

---

[1] Deixa a menina no monte. — BEIRABAIXA.
Souto parece mais minhoto, mais assim vem n'uma cópia da Extremadura.

A enzinha não descubria.
Vai correndo e vai chamando,
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia.
Levavam n'a linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada mettia:

— «Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.» —

II.

ROMANCES DA INFEITIÇADA.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Vai correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. II. p. Tudo leva a suppor este romance de origem franceza. Existe tambem na Hespanha (DURAN, Rom. Gen. IV. 1); mas o texto portuguez é superior á versão hespanhola.)

— «Que fazeis aqui, donzella,
Que fazeis, ó donzellinha?» —

— «Vou-me á córte de París [1]
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Puz-me a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,
Se te praz, ó cavalleiro, [2]
Leva-me em tua companhia.» —

Respondeu-lhe o cavalleiro:

— «Pois que me praz, vida minha.» —

Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito inchuta [3]
Lhe disse com ousadia:

— «Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal villania;
Que, antes que me baptisassem
Me deram feitiçaria:
Sete bruxas me imbruxaram
Antes que eu fosse á pia;
O homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.»

---

[1] Vou-me á côrte de França. — Extremadura.

[2] — «Quereis vós, ó cavalleiro,
Que eu va em vossa companhia?» —
Respondeu-lhe o cavalleiro:
— «Pois não quero, minha vida:» — Ribatejo.

[3] A donzella mui sisuda,
Sem ter medo, lhe dizia. — Beiralta.

Não responde o cavalleiro, [1]
Todo na sella tremia.
Lá para o fim do caminho [2]
A donzella que surria.

— «De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua fittaria,
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das môças
E bruxas velhas temia.» —

— «Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebemos
Deixo uma espora perdida.» —

— «Cavalleiro, adeante, adeante,
Que eu atraz não tornaria.
Se a sua espora é de prata,
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que ás portas de meu pae [3]
Se mede oiro cada dia.» —

— «Dizei-me vós, ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha?» —

— «Sou filha d'el-rei de França
E da rainha Constantina.» —

---

[1] O cavalleiro com medo
Tremendo lhe respondia. — ALEMTEJO.

[2] Passado largo caminho. — BEIRALTA.

[3] Que ás portas de meu palacio. — EXTREMADURA.

— «Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!
Cuidei de levar amante
Levo uma irman minha.»[1] —

2.

Versão da Covilhã.[2]

Dom João foi para caça,
Foi á caça á porfia,
Anoiteceu-lhe n'um bosque,
Era o que elle mais temia;
Seus cavallos por ferrar,
Era o que elle mais sentia!
Lá pela noite adiante
Um lindo cantar ouvia,
Deitou os olhos ao largo
Viu lá estar uma donzilla,
Penteando o seu cabello
Em um tanque de agua fria.

— «Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de madre minha,
Fadaram-me por sete annos,
Por sete annos e um dia.
Hoje se acabam os annos,
Á manhã por noute o dia;
Bem podera o cavalleiro
Levar-me na companhia.» —

---

[1] Depois d'estes versos a lição do Minho accrescenta, em fórma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalleiro:

Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!

[2] Th. Braga, Rom. p. 26—28. N'esta versão como em todas as seguintes ha uma combinação do romance do Caçador com o da Infeitiçada.

— «Desde já, minha senhora,
Eu tudo isso lhe faria;
Dizei-me, oh minha senhora,
Se ides de anca ou de silha?» —

— «Eu vou de anca, oh cavalleiro,
Que isso é da honra minha.» —

La pelo caminho adiante
Ella se pôz a sorrir.

— «De que rides vós, senhora?
De que rides vós, donzilla?» —

— «Eu rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia,
Achar donzilla no campo
E guardar-lhe cortezia.» —

— «Tornemos atraz, senhora,
Tornemos atraz, donzilla,
Que deixei a minha espora
No tanque de agua fria.» —

— «Adiante, oh cavalleiro,
Eu atraz não tornaria,
Se a espora era de prata
Meu pai de ouro lh'a daria.» —

— «Dizei-me, oh minha senhora,
De quem é que vós sois filha?» —

— «Sou filha do rei de França,
Neta do rei de Castilla.»

— «Pelos signaes que me daes,
Vós sois uma mana minha!
Mal hajam todos os homens,
E quem em mulheres se fia;

Cuidando que levo esposa
Levo a uma irmã minha!
Abram-se esses palacios,
Venha toda a fidalguia,
Trago aqui uma mana,
Ha sete annos que a não viram.
Venha cá, senhora mãi,
Ande vêr a sua filha,
Cuidei trazer nóra sua
E trago uma mana minha.» —

Levantou-se a sua mãi
Da cadeira aonde estava:

— «Se tu és a minha filha,
Anda cá para os meus braços,
Se tu es a minha nóra
Aí tens os teus palacios.» —

3.

Variante da Foz. [1]

Indo um cavalleiro á caça,
Á caça de altanaria,
Lá chegando ao alvoredo
Viu estar uma donzilla.

— «Que fazeis ahi, senhora?
Que fazeis aqui, donzilla? —

— «Sete fadas me fadaram
No ventre d'uma mãi minha:

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 28—29. No outumno de 1874 ouvi cantar esta variante pelas banheiras de S. João da Foz (Foz do Douro), praia predilecta dos portuenses.

De eu aqui estar sete annos,
Sete annos e mais um dia.
Sete annos são acabados,
Hoje se acaba o dia;
Se quereis, oh cavalleiro,
Levai-me por companhia,
Não me leveis por senhora,
Não me leveis por donzilla;
Levai-me por estrangeira
Que achaes na terra perdida.» —

— «Montai-vos aqui, senhora,
Montai-vos aqui, donzilla,
Ou nas ancas ou na sella,
Onde fôr mais honra minha.» —

Montou-se logo a donzella,
Foi seguindo o seu caminho,
Lá chegando á estrada,
De risos o accommettia.

— «De que se ri, oh menina?
De que se ri, oh donzilla?» —

— «Rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia
De achar menina na serra
E lhe guardar cortezia.» —

— «Deixai-me agora chorar,
Olhae a minha mofina!
O quem perdeu o que eu perco
Grande pena merecia.» —

4.

Variante do Algarve.[1]

A caçar andava Almendo,
A caçar, como sohia,
Mas seu perro tão cançado
Que já correr não podia;
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia,
Em que não houvera gente
Nem tampouco abrigo havia;
Tão só um grande arvoredo
O campo todo cobria.
Deita olhos a um loureiro,
Vê um rosto que sorria;
Seu fino cabello de ouro
Toda la rama cobria;
O lindo olhar de seus olhos
Em todo o monte lumbria.

— «Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?
Ái quem veiu aquí leixar-vos
N'esta chaparra sombria?
Contai-me la vossa historia,
Que eu por gosto a escutaria.» —

— «Sou filha d'el-rei de França,
Neta sou d'el-rei de Hungria;
Aqui me trouxeram moiros
Com sua feitiçaria;
Encantada me leixaram
Até ver quem me queria.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 38—44. Existe no Algarve em muitas lições, com o nome de Almendo, Dom Almendo ou de Alberto promiscuamente intitulado.

Se o cavalleiro quizéra,
Minha sina quebraria,
Montára-me em seu cavallo
E d'aqui me levaria.» —

— «Levára, sim vos levára,
Já vos déra companhia,
Mas tenho atraz de voltar
Pelo perro que trazia,
Que a taes horas, de cançado
Para ahi se estenderia.» —

— «Adiante, ó cavalleiro,
Não useis descortezia,
Leixando uma dama infanta
Por um perro que dormia.
Se me leixaes pelo perro,
Tem elle bem mais valia.» —

— «Não é sómente por elle,
Que eu ahi o leixaria;
Mas é tambem pela caça
Que me deteve este dia,
Que me ficou resguardada
N'uma longe penedia.» —

— «Adiante, ó cavalleiro,
Não useis de villania,
Não leixeis por pennas mortas
Minhas penas em porfia;
Ora comvosco levai-me,
Que meu pae por vós seria.» —

— «Não se me dá d'essa caça,
Que por hi me ficaria;
Mas a sêde agora é tanta,
Que já me causa agonia.

Quedai-vos, senhora, um pouco,
Que eu á fonte correria;
De volta fôra comvosco
Antes que raiasse o dia.» —

— «Ái cavalleiro, escutai-me
Por Deus e a Virgem Maria;
Eu vos matarei a sêde
Que ora matar-vos queria;
Eu vos darei a beber
Prantos de minha alegria!»

Captiva-se o cavalleiro,
Quem se não captivaria?
N'isto la enfeitiçada
Do loureiro se descia.

— «Vamos, cavalleiro, a Roma
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Sancto que lá seja,
Absolvição nos daria.» —

— «Não iremos lá tão longe,
Que em vós não ha maladia,
Ireis á minha albergada,
Lá tereis albergaria.» —

A caminhar se pozeram
Quando a lua mais lumbria,
E dava o clarão no rosto
De la infanta que fugia,
Quando ao meio do caminho
Perro moiro lhe saía,
Que era quem a vigiava
Que era quem a guardaria.

— «Tem-te, tem te, cavalleiro,
Se a vida não te agonia;

Se la poncella me levas,
Levas a luz do meu dia.» —

— «Só m'importa o que te levo,
De ti não m'importaria.» —

— »Se a dona tu me roubáras,
Logo aqui te mataria.» —

Para elle avança o moiro,
Pensando que o deteria,
Mas ao puxar pela infanta
A mão aos pés lhe caía.
Quêda-se elle pensativo,
Sem saber o que faria.
Em quanto o moiro pensava,
Em quanto elle se doria,
O christane com la infanta
Voava que não corria! [1]

5.

Versão da Ilha de S. Jorge. [2]

A caçar se foi Dom Jorge,
A caçar como solia;
Seus perros leva cansados,
Seu falcão perdido havia.
Anoutecéra na serra,
N'uma escura montilla;

---

[1] Algumas lições terminam com a seguinte estrophe, que não adoptei, por me parecer um mal cabido enxerto:

Quem não quizer ver mulher
Em outros braços rendida,
Não a deixe um só momento,
Por toda a parte a persiga.

[2] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 183—185.

Víra estar um arvoredo
Bem alto á maravilha;
No pé lhe tinia o ouro,
Na rama a prata fina.
Lá no mais alto dos galhos
Víra estar uma menina,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.

— «Que fazeis aqui, donzella,
Que fazeis aqui, menina?» —

— «Sete fadas me fadaram
Nos braços de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos
Sete annos e um dia.
Hontem se encerraram annos,
Hoje se acaba o dia!
Leva-me tu, cavalleiro,
Leva-me por tua vida!
Não me leves por mulher,
Nem mais pouco por amiga;
Leva-me por tua moça,
Por tua escrava captiva,
Que eu sou filha de um malato,
Da maior malataria,
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.» —

Puzera-a na sua sella,
Nas andilhas não cabia.
Indo mais para diante
A donzella se sorria.

— «De que vos rides donzella,
De que vos rides, menina?» —

— «Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria,

Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

Indo mais para diante
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella,
De que vos rides, menina?» —

— «Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia.» —

— «Torna atraz meu cavallinho,
Que a espora é perdida.
Na fonte aonde estivemos
Ella lá nos ficaria.» —

— «Tate, tate, cavalleiro,
Não façaes tal tyrannia;
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro t'a daria.
O meu pae lavra no ouro,
Minha mão na prata fina:
Sou filha do rei de França,
Da rainha Constantina.» —

— «Valha-me Deos, Deos me valha,
Valha-me a Virgem Maria!
Cuidei que trazia amores,
Trago uma irmã minha.» —

— «Se meu pae tal soubera
Que sua filha aqui ia,
Mandára correr cavallos,
Mandára tanger manilha.» —

6.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Caçador que foi á caça
Na caça lhe foi o dia;
Anoutecéra na serra
Onde casas não havia.
Víra estar um arvoredo
De uma alta françaria;
No pé lhe tinia o ouro,
E na rama a prata fina,
E nos galhinhos mais altos
No derradeiro de cima,
Víra estar uma donzella,
Víra estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.
O cabello da cabeça
Todo o arvoredo cobria,
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria.
Da maçã do seu rosto
Arrubim bello corria;
Os dentes da sua bocca
Crystaes bellos pareciam.
Dos beiços da sua bocca
Sangue vermelho corria.

— «Que fazeis aqui, donzella?
Que fazeis aqui, donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e um dia;

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 185—188.

Hontem se acabaram annos,
Hoje se encerra o dia. [1]
Quer me levar, cavalleiro,
N'essa sua companhia?
Sem me levar por mulher,
Nem tampouco por amiga;
Leve-me por sua serva,
Por sua escrava captiva.» —

— «Dize-me, por a tua alma,
Dize-me de quem és filha?» —

— «Sou filha de um malato,
Da maior malataria!
Quem no meu corpo tocar
Malato se tornaria.» —

— «Dize-me a minha menina
Se quer ancas ou andilhas?» —

— «Quero ancas, cavalleiro,
Que eu na sella não regia.» —

Indo em meio da serra
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella,
De que vos rides, donzilla?
Ou vos rides do cavallo,
Ou da sua sellaria.» —

— «Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria.
Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

---

[1] TH. BRAGA tem:
Hontem se encerra o dia.

Avistando a cidade,
A donzella se sorria.

— «Valha-te Deos, oh donzella
Oh valha-te Deos, donzilla;
Tu ou te ris do cavallo,
Ou da sua sellaria?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua sellaria:
Rio-me do cavalleiro,
Da sua má covardia:
Achou a ninha no campo,
Não a quiz por sua amiga...» —

— «Volta p'ra traz meu cavallo,
Que a espora é perdida!» —

— «Tenha-se em si, cavalleiro,
Não faça tal tyrannia!
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro lh'a daria;
Que em casa de meu pae
Lavra-se ouro todo o dia.» —

— «Dize-me, pela tua alma,
Dize-me, de quem és filha?» —

— «Sou filha do rei de França,
Minha mãe Dona Maria!» —

— «Valha-te Deos, oh donzella,
Valha-te Deos, donzilla.
Disseste que eras malata,
Tu és uma mana minha!» —

7.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Caçador que ia á caça,
Caçador que á caça ia
Seus cães leva cansados,
Sua furôa perdida;
Se sentára a descançar
De tão cansado que ia,
Debaixo de um arvoredo
Bem alto da françaria.
Levantou olhos p'ra cima,
Viu estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear se queria.
O cabello da cabeça
Todo o arvoredo cobria;
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria;
Os dentes de sua bocca
Marfim bello pareciam.

— «Que fazeis aqui donzella,
Que fazeis aqui donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Para estar aqui sete annos,
Hoje se atima o dia.
Bem podias, cavalleiro,
Levar-me na companhia;
Não me leveis por mulher
Nem tampouco por amiga,
Levae-me por vossa serva,
Que eu tambem vos serviria.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 188—191.

— «Espera-me aqui donzella,
Té ámanhã, que é dia;
Que eu vou a tomar conselho
De uma mãe que me pariu.
Resposta que me mandar
Essa mesma vos daria.» —

— «Não a tragas por criada,
Nem tambem por tua amiga,
Tral-a por tua mulher,
Tua mulher toda a vida.» —

Puzera-a no seu cavallo,
Pois nas ancas a trazia;
Lá no meio da estrada
De amores a accommettia.

— «Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal tyrannia;
Que eu sou filha de um malato,
Da maior malataria:
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.
A fonte aonde eu beber
Sangue lá correria.» —

Indo mais para diante.
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella?
De que vos rides, donzilla?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua sellaria;
Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

Á entrada da cidade
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella?
De que vos rides, donzilla?» —

— Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria;
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua phantasia;
Achou menina na serra
E logo a accommettia!» —

— «Torna atraz meu cavallo,
Temos uma espora perdida!» —

— «Adiante, cavalleiro,
Adiante, paz em guia!
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro t'a daria,
Eu sou filha do rei Cosme,
Da rainha Constantina.» —

— «Mais tolo é o menino
Que de meninas se fia!
Cuidei de levar mulher,
Levo uma irmã minha.» —

D.

ROMANCES CAVALHERESCOS E NOVELLESCOS.

I.

ROMANCES DA BELLA-INFANTA. [1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada,
Capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava. [2]

— «Dize-me, ó capitão [3]
D'essa tua nobre armada,
Se incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava.» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. 1—16. O romance da Bella-Intante é talvez o mais sabido e cantado pelo povo portuguez. Almeida-Garrett introduziu este romance no quinto acto do ‚Alfageme', fazendo-o cantar por um coro de mulheres do povo, á hora do trabalho, o que foi calorosamente applaudido pelo publico. A Bella-Infanta é o unico romance que allude ao tempo das Cruzadas; versões mais modernas substituiram a terra sagrada pelo Brasil ou pela França. O assumpto da Bella-Infanta devia-se tornar muito popular n'um paiz onde Fr. Luiz de Sousa tinha voltado da batalha de Alcacer-Kivir e todo o povo esperava ainda a reapparição de D. Sebastião.

[2] Muito bem que a guiava. — Lisboa.

[3] Dize-me, ó cavalleiro,
Os signaes que traz. — Ribatejo.

— «Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.» —

— «Levava cavallo branco
Sellim de prata doirada,
Na ponta da sua lança [1]
A cruz de Christo levava.» —

— «Pelos signaes que me deste
Lá o vi n'uma estacada [2]
Morrer morte de valente,
Eu sua morte vingava.» —

— «Ái triste de mim viuva,
Ái triste de mim coitada!
De tres filhinhas que tenho
Sem nenhuma ser casada!» —

— «Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

— «Dera-lhe oiro e prata fina
Quanta riqueza ha por hi.» —

— «Não quero oiro nem prata,
Não n'os quero para mi:
Quė darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

---

[1] Nos punhos da sua espada. — Extremadura.
[2] Lá o vi morto ás lançadas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça passada. — Varias.
Lá morreu ás cutilladas
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada. — Varias.

— «De tres moinhos que tenho
Todos tres t'os dera a ti,[1]
Rica farinha que fazem!
Tomára-os el-rei p'ra si.» —

— «Os teus moinhos não quero
Não n'os quero para mi:
Que darias mais senhora,
A quem t'o trouxera aqui?»

— «As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.» —

— «As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
Aquem t'o trouxera aqui?» —

— «De tres filhas que eu tenho,[2]
Todas tres te dera á ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.» —

— «As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:

---

[1] Almeida-Garrett traz aqui dois versos:
Um móe o cravo e a cannella,
Outro móe do gerzerli
que são visivelmente uma interpolação moderna.

[2] De tres filhas que eu tenho
Todas tres te hei de dar:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais formosa de todas
Para comtigo casar. — Extremadura.
Esta variante assás vulgarizada é comtudo uma pruderie moderna da linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na falla que fal'ava nos costumes.

Dá-me outra coisa senhora,
Se queres que o traga aqui.» —

— «Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.» [1] —

— «Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.» —

— «Cavalleiro que tal pede,
Que tam villão é de si, [2]
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo
Á volta do meu jardin.
Vassallos, os meus vassallos,
Acudi-me agora aqui!» —

— «Este annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti...
Que é d'elle a outra metade?
Pois a minha vê-la ahi!» —

— «Tantos annos que chorei
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias matando aqui.» [3] —

---

[1] Quanto tinha, offereci. — BEIRA-ALTA.

[2] Que pede e torna a pedir. — EXTREMADURA.

[3] Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.

2.

Variante da Beira-Baixa. [1]

Andando a Dona Infanta
No seu jardim passeava;
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma grande armada.

— «Dizei-me, oh meu capitão,
Dizei-me por vossa alma,
Marido que Deos me deu,
Se ahi vem na vossa armada?» —

— «Diga-me, minha senhora,
Que signaes é que levava?» —

— «Levava cavallo branco,
Cavallo branco levava,
Levava sella amarella
Por cima sobredourada;
E adiante de si levava
A cruz de Christo pregada.» —

— «Eu o lá vi, oh senhora,
Elle na guerra ficava,
Com tres chagas bem abertas,
E todas eram mortaes.
Por uma se via o sol,
Por outra o bello luar;
Por outra tambem se via
Rica bola de jogar.» [2] —

— «Ái triste de mim viuva,
Ái triste de mim coitada!

---

[1] Th. Braga, Rom. pag. 1—4.

[2] Esta descripção das feridas parece-se muito com a do romance do Passo de Roncesval.

Ir-me-hei por este mundo
Chamando-me desgraçada.
Ái triste da só viuva,
De mim que nem já de si.» —

— «Quanto dereis vós senhora
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-lhe ouro e prata,
Fôra mais rico que mim.» —

— «O vosso ouro e a vossa prata
Não me servem para mim.
Eu sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui.
Mas quanto davas, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Tres laranjaes que tenho
Todos tres os dera assim.» —

— «Não quero os seus laranjaes
Não me servem para mim;
Que sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui.» —

— «Os tres moinhos que tenho
Todos tres os dera a si:
Um que móe pau de canella,
Outro móe pau do Brazil;
Outro móe rica farinha
Que el-rei me manda pedir.» —

— «Eu não quero os seus moinhos,
Não me servem para mim;
O que dereis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Essas tres filhas que tenho,
Todas tres quizera dar:
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.» —

— «Eu não quero as vossas filhas,
Não me servem para mim.
O que dereis mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?« —

— «Não tenho mais que lhe dar,
Nem você mais que pedir.»

— «Inda tem mais que me dar,
E eu tambem que lhe pedir:
Esse corpo delicado
Para commigo dormir.» —

— «Merece ser arrastado
O marôto que tal diz
Ao rabo do meu cavallo,
Á roda do meu jardim.» —

— «Não se amofine, senhora,
Que eu comsigo já dormi.
O anel de cinco pedras
Que eu comvosco reparti,
Que é da vossa metade,
Pois a minha eil-a aqui?» —

— «Pois a minha ametade
Esqueceu-me no jardim.
Vão-me já chamar meus manos,
Que o venham conhecer;

Se elle o meu marido fôr,
Eu o quero receber;
E se algum marôto fôr,
Veja como se ha de haver.» —

3.

DONA CLARA.[1]

Variante do Minho.

Dona Clara, dona infante,
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De veludo cramezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava,
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle só
Com a vizeira callada,
Vem saudar a dona infante
Que assim triste lhe fallou:

— «Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?» —

— «Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.» —

— «Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. pag. 12—14.

Na ponta da sua lança
Uma fitta encarnada;
Um cordão do meu cabello
Que lhe prendia a espada.
Se porém o tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,
Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada!» —

— «Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.» —

— «Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi,
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-te as minhas joias
Que não tem pezo e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.» —

— «Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida;
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.» —

— «Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer,
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

— «Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.»

— «Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino,
Onde eu quizera dormir.» —

— «Cavalleiro que tal diz,
Merece ser arrastado
Em roda de meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigai este soldado.» —

— «Não chames os teus criados,
Que criados são de mi.» —

— «Se tu es o meu marido,
Porque me fallas assim?» —

— «Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quando eu d'aqui sahi,

O anel de sete pedras,
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.» —

— «Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pai é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe,
Ha tanto tempo fechado;
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é dom infante a meu lado.» —

4.

DONA CATHERINA.[1]

Variante da Beira-Baixa.

Stando Dona Catherina
No seu jardim assentada,
Com um pente de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Deitou os olhos ao largo,
Viu vir uma grande armada,
Capitão que n'ella vinha,
Trazia-a mui bem guiada.

— «Catherina, Catherina,
Catherina de Menezes,
Sabbado vou para França,
Catherina que quereis?» —

— «Saudae-me o meu marido,
Que por lá o achareis.» —

[1] Th. Braga, Rom. p. 4—7.

— «Diga-me, minha senhora,
Que signaes levava elle?» —

— «Levava cavallo branco,
E espada de Marquez;
Capote de camelão,
Forrado de setim verde.» —

— «Pelos signaes que me daes,
Não o vi senão uma vez;
Vi-o morrer em França,
Enterral-o em Santa Inez.» —

Já Catherina chorava
Lagrimas de tres a tres.

— «Calae-vos, oh Catherina,
Casae commigo outra vez.» —

— «Senhoras da minha laia
Não casam mais que uma vez.» —

— «Quanto déreis vós, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Dera-lhe armas e cavallos,
Que cresceram de Dom Luiz.» —

— «Suas armas, seus cavallos
Não me servem para mim;
Que eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?»

— «Dera ouro, dera prata,
Fôra mais rico que mim.» —

— «O seu ouro e sua prata
Não me servem para mim;
Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «As tres azenhas que tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma móe cravo e canella,
A outra móe serzelim,
Outra móe rica farinha
Para el-rei, mais para mim.» —

— «Vossas azenhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Uma pereira que eu tenho,
No meio do meu jardim,
Pois quando ella dá peras,
O rei m'as manda pedir.» —

— «Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Essas tres filhas que eu tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comtigo dormir.» —

— «As suas filhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Não tenho mais que vos dar
Nem vós mais que me pedir.» —

— «Ainda não me offereceu
Esse seu corpo gentil.» —

— «Cavalleiro que tal falla,
Cavalleiro que tal diz,
Merece a lingua arrancada,
Cortada pela raiz.[1]
Levantae-vos, meus criados,
Vinde lh'o fazer assim,
Ao rabo do meu cavallo
Ao redor do meu jardim.» —

— «Os criados que a servem,
Já me serviram a mim,
As suas filhas, senhora,
Tambem são filhas de mim.
Suas azenhas, senhora,
Tambem pertencem a mim,
Sua pereira, senhora,
Tambem me pertence a mim;
Suas armas e cavallos
Tambem pertencem a mim.
O anel que vos eu dei,
Quando eu d'aqui sahi;
Mostrae-me a vossa metade,

---

[1] Theophilo Braga traz:
Cortada pelo nariz.

Pois a minha eil-a aqui!
O anel que vos eu dei,
Que se nos partiu no chão,
Mostrae-me a vossa metade,
Aqui está o meu quinhão.» —

5.

Versão da Ilha de S. Jorge (Rosaes.) [1]

Estando a bella Infanta
No seu jardim assentada,
Com pentes de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Corréra os olhos ao mar
Víra vir tão linda armada;
Capitão que n'ella vinha
Tanto bem a governava.

— «Dize-me tu, capitão,
Dize-me pela tua alma,
Marido que Deos me deu
Se o trazes na tua alçada?» —

— «Não o vi, nem o conheço,
Dae-me os signaes, que levava.»

— «Levava cavallo branco,
Com sua sella dourada,
Na ponta da sua sella
Um Christo d'ouro levava;
Na copa do seu chapeu
Laço de fita encarnada.» —

— «Bem o vi, bem o conheço!
Com vinte e cinco facadas,

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 298—300.

Lá ficou morto na guerra
De outras tantas estocadas:
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.» —

— «Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Tres filhinhas que eu tenho
Sem nenhuma ser casada!» —

— «Sou soldado, ando na guerra,
Não habito por aqui;
Que darieis vós, senhora
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Dera-lhe tanto dinheiro,
Que no contar não tem fim!» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Que não me convem a mim!
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim;
Tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti:
Um é de moer canella,
Outro de moer farinha;
Dos tres moinhos que tenho
O outro móe gerzelim.» —

— «Não quero as vossas telhas,
Não quero os vossos moinhos;
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Tres filhinhas que eu tenho,
Todas tres t'as dera a ti:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.» —

— «Não quero as vossas filhas,
Que me não convem a mim!
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui,
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Valha me Deos! Deos me valha,
Isto já não leva fim!
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.» —

— «Vós tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir:
Vosso corpo bem gentil
Para com elle dormir.» —

— «Cavalleiro que tal diz,
Hade mister arrastado
Á roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
Abaixo, pretos, abaixo,
Matem-m'o agora aqui;
Que eu abaixarei meus olhos,
Farei que o não vi.» —

— «Alto, alto meus criados,
Que criados são de mim!» —

— «Se tu és o meu marido,
Ai não zombavas commigo.» —

— «Se o queres saber ao certo,
Anda, vamos ao jardim,
O anel de sete pedras
Que eu comtigo reparti,
Mostrae-me a vossa ametade,
Pois a minha eil-a aqui.» —

— «Se tu és o meu marido
Que me vem experimentar,
Se eu a morte mereci,
Podes-me agora matar.» —

— «A morte me não merecestes,
Sempre me foste leal.» —

II.

ROMANCES DE D. MARTINHO DE AVIZADO.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

— «Já se apregôam as guerras [2]
Entre Frauça e Aragão:
Ai de mim que já sou velho,
Não nas posso brigar, não! [3]

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 71—89. Este romance foi citado por Jorge Ferreira de Vasconcellos na Aulegraphia (Sc. I. A. III.) e publicado pela primeira vez por José Maria da Costa e Silva nas notas ao poema Isabel ou a heroina de Aragão, em 1832.

[2] Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão.
Como as faria triste,
Velho, cano e peccador? — Lição em Jorge Ferreira.

[3] As guerras me acabarão. — Lisboa.

De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!» —

Responde a filha mais velha [1]
Com toda a resolução:

— «Venham armas e cavallo,
Que eu serei filho varão.» —

— «Tendes los olhos mui vivos, [2]
Filha, conhecer-vos hão.» —

— «Quando passar pela armada, [3]
Porei os olhos no chão.» —

— «Tendes los hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.»

— «Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaterão.» [4] —

— «Tende'-los peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos hão.» —

— «Venha gibão apertado, [5]
Os peitos incolherão.» —

— «Tende'-las mãos pequeninas, [6]
Filha, conhecer-vos-hão.» —

---

1 Responde Dona Guiomar. — LISBOA.
2 Tendes las tranças compridas . . .
Venham já umas tesouras,
As tranças irão ao chão. — MINHO.
3 Quando passar pela hoste. — BEIRALTA.
4 Incolherei os meus peitos
Dentro do meu coração. — MINHO.
5 Venha já um alfaiate,
Faça-me um justo gibão. — ALEMTEJO, ALGARVE.
6 Tendes las mãos delicadas. — ALEMTEJO, BEIRALTA.

— «Venham já guantes de ferro,[1]
E compridas ficarão.» —

— «Tende'-los pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Calçarei botas e esporas,
Nunca d'ellas sahirão.» —

— «Senhor pai, senhor mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros[2]
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar.[3]
Que se elle mulher fôr,
Á maçan se hade pegar.»[4] —

A donzella por discreta,
O camoez foi apanhar.[5]

— «Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçans para damas:
Quem lh'as podéra levar!» —

— «Senhor pai, senhora mãi,
Grande dor de coração;

---

1 Venham manapolas de ferro. — TRAS-OS-MONTES.
2 Dom João. — AÇORES.
Dom Marcos. — EXTREMADURA.
Dom Claros. — MINHO.
3 Para ir comvosco ao jardim. — MINHO.
4 Co'as rosas se hade tentar. — LISBOA.
Com flores se hade armar. — MINHO.
As rosas o hão de buscar. — AÇORES.
5 Á lima se foi pegar.
— «Oh que bella lima é esta!» — LISBOA.
Uma cidra foi mirar. — ALGARVE, MINHO.

Que os olhos do conde Daros[1]
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o-vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Que, se elle mulher fôr,[2]
No estrado se hade incruzar.» —

A donzella, por discreta,
Nos altos se foi sentar.

— «Senhor pai, senhor mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar;
Que, se elle mulher fôr,
Ás fitas se hade pegar.» —

A donzella, por discreta,
Uma adaga foi comprar.[3]

— «Oh que bella adaga ésta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas:
Quem lh'as podéra levar!» —

---

1 As mesmas variantes respectivas.

2 Porque no partir do pão
Se virá a delatar:
Que se elle o partir no peito,
Por mulher se hade mostrar. — Açores.

3 N'uma adaga foi pegar. — Lisboa.
Foi uma espada apreçar. — Minho.
Oh que lindas fitas verdes
Para môças inganar! — Açores.

— «Senhor pai, senhora mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Davos
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco nadar;
Que, se elle mulher fôr,
O convite hade escusar.»[1] —

A donzella, por discreta,
Começou-se a desnudar..
Traz-lhe o seu page uma carta,
Pôz-se a ler, pôz-se a chorar:

— «Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar:
De que minha mãi é morta,
Meu pai se está a finar,
Os sinos da minha terra,
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmãs que eu tenho,
D'aqui as oiço chorar.» —

— «Monta, monta, cavalleiro!
Se me quer acompanhar.» —

Chegavam a uns altos paços,[2]
Foram-se logo apear.

— «Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quizer acceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...

---

[1] Desculpa vos hade dar. — Lisboa.
Já se hade acovardar. — Alemtejo.
[2] Chegam juntos do castello. — Lisboa.

Se ainda me quer agora,
Com meu pai hade fallar.
Sete annos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.» —

2.

Versão da Beira-Baixa. [1]

— «Grandes guerras 'stão armadas
Entre França e Aragão!
Mal o hajas tu mulher,
Mais a tua criação;
Sete filhas que tiveste
Sem nenhuma ser varão!» —

Respondeu logo a mais velha
Com todo o seu coração:

— «Dê-me armas e cavallo,
Que eu irei por capitão.» —

— «Tendes o cabello louro,
Filha, conhecer-vos-hão!» —

— Dê-me cá uma thezoura,
Verei-o cahir no chão.» —

— «Tendes os olhos fagueiros,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 8—11.

— «Quando passar pelos hombres,
Eu os ferrarei no chão.» —

— «Tendes os peitos crescidos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mande fazer um justilho
Que me aperte o coração.» —

— «Tendes as mãos mui mimosas,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Dê-me cá as suas botas,
Encherei-as de algodão.» —

— «Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.»

— «Quando passar pelos hombres,
Farei passo de ganhão.» —

— «Filha, se fores á guerra,
Como te lá chamarão?» —

— «Dom Martinho de Avizado,
Filho do Rei Dom João.» —

— «Ái minha mãi que me morro,
Morro-me do coração;
Os olhos de Dom Martinho,
Mi madre, matar-me-hão,
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— »Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco jantar,

Se então elle fôr mulher,
Em baixo se hade assentar.» —

Dom Martinho de Avizado
Cadeira mandou chegar,
Com o seu capote em cima
Para mais alto ficar.

— «Ái minha mãi que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão.
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Que vá comvosco enfeirar,
Elle então se fôr mulher
Ás fitas se hade pegar.» —

— «Oh que espadas finas estas
Para hombre guerrear!
Oh que fitas para damas:
Quem lh'as pudera mandar.» —

— «Ái minha mãi, que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão!
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— «Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco dormir,
Que se elle fôr mulher,
Não se hade querer despir.» —

— «Tenho feito juramento,
Espero de o cumprir,

De emquanto eu andar na guerra
As ceroulas não despir.» —

— «Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco nadar;
Que se elle fôr mulher,
Certo, se hade acovardar.» —

Dom Martinho de Avizado
Primeiro o mandou entrar:

— «Ide vós mais adiante
Para me ires ensinar!
Cartas me vêm da terra,
Cartas de muito pezar;
Meu pai que já é morto,
Minha mãi está a acabar.
Tenho seis irmãs mais novas,
Quero as ir amparar;
Venha á casa de meu pai
Se commigo quer casar.
Sete annos andei na guerra,
Sete annos por capitão,
Sem ninguem me conhecer
Se eu era mulher ou não.» —

3.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira do Nabo.) [1]

— «Hoje se apregôam guerras
Entre França e Aragão;
Ái de mim! um pobre velho,
As guerras me acabarão;
De tres filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 211—215.

Responde a filha mais moça
Por ter grande discreção:

— «Venham-me armas e cavallo,
Quero ser filho varão!
Quero ir vencer as guerras
Entre França e Aragão.» —

— «Tendes o cabello grande,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Venha-me pente e tesoura,
Que o vereis cahir ao chão.» —

— «Tendes os olhos bonitos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Quando fallar c'os soldados,
Hei de inclinal-os p'r'o chão.» —

— «Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Venham-me armas carregadas,
Meus hombros abaixarão.» —

— «Tendes os peitos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Vou-me á casa do alfaiate
Fazer apertado gibão.» —

— «Tendes as mãos fidalguinhas,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mettel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.» —

— «Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mettel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sairão.» —

Foi p'ra casa do alfaiate
Fazer apertado gibão;
Montou logo para a guerra
A brigar como varão.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar,
Que se elle mulher fôr,
Á maçã se ha de apegar.» —

Dom Varão como discreto
A uma cidra foi mirar:

— «Oh que rica cidra esta
Para Dom Varão cheirar!
Oh que ricas maçãsinhas
P'ra uma secia merendar.» —

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar,

Pondo-lhe cadeiras altas
E baixas p'ra se sentar,
Que se elle mulher fôr,
Nas baixas se ha de assentar,
E quando fôr a partir pão
Ao peito o ha de levar.» —

Dom Varão como discreto
Nas mais altas se assentou:
E quando foi a partir pão
Sómente ao punho o levou.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica,
Que se ella mulher fôr,
Ha de se apegar ás fitas.» —

Dom Varão como discreto
Ás espadas se apegou:

— «Oh que rica espada esta
Para Dom Varão brigar;
Mas que lindas fitas estas
Para moças enganar.» —

— «Minha mãi eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco dormir;
Que se elle mulher fôr,
Não se ha de querer despir.» —

Dom Varão como discreto
Começou a descalçar;
Naquella noite seguinte
As guerras a começar.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco nadar,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer botar.» —

Dom Varão como discreto
Começou-se a descalçar:

— «Oh que novas, oh que novas
Me acabaram de chegar!
Que meu pae que era morto
Minha mãi para acabar.
Acompanhe-me, acompanhe-me,
Se quereis-me acempanhar;
Sete annos servi el-rei
Em palacio a brigar!
Virgem vim, e virgem vou,
O filho do rei como asno ficou;
Se quizer casar commigo,
Siga-me por onde eu vou.

III.

ROMANCES DE GERINALDO.[1]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

— «Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem de el-rei mais querido,
Queres tu, oh Gerinaldo,
Tomar amores commigo?» —

— «Vós como sois ama minha,
Senhora, zombais commigo?» —

— «Eu não mango Gerinaldo,
Que eu bem de véras t'o digo.» —

— «Diga-me, minha senhora,
Quando hei de ir no promettido?» —

— «Lá da uma para as duas,
Que meu pae esteja dormindo.» —

Inda bem não era a uma
Gerinaldo ao postigo,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 18—20. Gerinaldo, no Minho e Porto Girinaldo o atrevido, no Alemtejo Generaldo, em outras partes Reginaldo, na Beira Eginaldo, é o nome aportuguezado de Einhard ou Eginhart, o celebre secretario de Carlos Magno. O romance de Gerinaldo, que se acha tambem nas collecções hespanholas (Duran, Rom. nº. 220) conta admiravelmente o amor romantico do secretario e da filha do Imperador, a bella Infanta Emma, o castigo que Carlos Magno impõe aos amantes e finalmente o perdão que o coração generoso e bondoso do Soberano não lhes pódo negar.

— «Oh quem bate á minha porta,
Oh quem é o atrevido?» —

— «É Gerinaldo, senhora,
Que aqui vem ao promettido,
Descalço de pé e perna,
Para não fazer trupido.» —

— «Pousa ahi as tuas armas
E deita-te aqui commigo.» —

El-rei sonhava um sonho
Que bem certo lhe sahia:
Ou deshonram a Infanta,
Ou me roubam o castillo.
Levantou-se el-rei da cama
Com desgraçado sentido,
Pegou em a sua espada
E foi dar volta ao castillo;
Achou-os ambos na cama
Como mulher e marido:

— «Eu se mato a Gerinaldo,
Criei-o de pequechinho!
Eu se mato a dona Infanta,
Fica o reino perdido.
Metto-lhe a espada no meio
Para que sirva de aviso.» —

Acordou o Gerinaldo,
Ficou mais morto que vivo.

— «Não te assustes, Gerinaldo,
Que meu pai o tem sabido,
Se nos quizera matar
Poder estava comsigo.
Não te assustes, Gerinaldo,
Vem ter com o rei ao castillo.» —

— «D'onde vens, oh Gerinaldo,
D'onde vens espulverido?» —

— «Venho de matar caça,
Senhor, da borda do rio.» —

— «Não me mintas Gerinaldo,
Que nunca me tens mentido.» —

— «Venho de regar as flores,
Que ellas o estavam pedindo.» —

— «Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido.» —

2.

Versão da Ilha de S. Miguel.[1]

— «Gerenaldo, Gerenaldo,
Pagem do Rei bem querido;
Porque não fallas de amores,
Que estás aqui só commigo?» —

— «Por eu ser vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo?» —

— «Gerenaldo, eu não zombo,
Fallo de véras comtigo.» —

— «Vós quando quereis, senhora,
Que vá ao vosso serviço?» —

— «Das dez horas para as onze,
Quando o rei 'stiver dormindo.» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 265—267.

Ainda não eram dez horas
Gerenaldo já erguido,
Sapatinho descalçou
A fim de não ser sentido;
Foi á sala da Infanta
Deu um ái mui dolorido.

— «Quem é esse cavalleiro
Das armas tão atrevido?» —

— «É Gerenaldo, senhora,
Que vem ao vosso serviço.» —

— «Levanta os cortinados,
Vem-te aqui deitar commigo.
De beijinhos e abraços
Has de ser mui bem servido!
Nada mais t'eu não prometto
Que entre nós será sentido.» —

D'alli mais a poucochinho
O rei andava erguido,
Chamando por Gerenaldo,
Que lhe désse o seu vestido.
Andou de sala em sala,
De postigo em postigo:

— «Gerenaldo não me falla
Gerenaldo é fallecido!
Ou Gerenaldo é morto,
Ou traição tem commettido,
Ou me está com a Infanta,
A prenda que eu mais estimo.» —

Alevantou-se o bom rei,
O seu vestido vestiu;
Sēus sapatos na mão,
P'ra o passo não ser sentido.

Fôra de paço em paço,[1]
De castillo em castillo!
Foi á cama da princeza,
Aonde elle nunca ia;
Estavam cara com cara,
Como mulher com marido!

— «Para matar Gerenaldo
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Fica meu reino perdido.» —

Pegára do seu punhal,
Entre elles ficou mettido.

— «Acordae, senhora Infanta,
Que o nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae,
Entre nós está mettido.» —

— «Cal'-te, Cal'-te, Gerenaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Se elle te mandar matar
Applico que és meu marido;
Se elle te mandar prender,
Não has de ser mal servido.
Se elle te perguntar,
Não lhe negues o partido.» —

— «Donde vens, oh Gerenaldo,
Que vens tão descolorido?» —

— «Venho de regar a horta
Pela manhã do rocio.» —

---

1 Th. Braga tem:

Fôra de passo em passo

mas parece-me que quadra melhor com o verso seguinte a lição que adoptei.

— «Não me mintas Gerenaldo,
Que nunca me has mentido.» —

— «Venho de caçar a rôla
Da outra banda do rio.» —

— «A rôla que tu caçaste
Já t'a tinha promettido,
Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido;
Se queria outro mais alto
Tivera ella juizo!» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

— «Girinaldo, Girinaldo,
Pagem d'el-rei tão querido!
Porque não tractas de amores
Quando te achas só commigo?» —

— «Porque sou vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo!» —

— «Girinaldo, Girinaldo,
Pois eu de véras t'o digo.» —

— «Vós quando quereis, senhora,
Que eu vá ao vosso serviço?» —

— «Das dez horas para as onze,
Quando meu pae está dormindo.» —

Inda as dez não eram dadas,
Girinaldo já erguido:
Foi á porta da Infanta,
Deu um ái muito sentido.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 268—270.

— «D'onde vindes, cavalleiro,
Das armas tão atrevido?» —

— «Elle não é cavalleiro,
Nem traz armas atrevido;
É Gerinaldo, senhora,
Quem vem ao vosso serviço.» —

— «Aferra-te a essas cortinas,
Vem-te cá deitar commigo.» —

Ainda não eram bem onze
Já o rei andava erguido;
Andava de sala em sala,
De postigo em postigo
A chamar por Girinaldo,
Que lhe désse o seu vestido.

— «Girinaldo não me falla,
Que lhe terá succedido?
Ou Girinaldo é morto,
Ou d'amores está rendido.» —

Foi-se á camara da Infanta,
Aonde nunca tinha ido,
Com seu calçado na mão,
Para menos ser sentido;
E os achára estar dormindo
Que nem mulher com marido.

— «Para matar Girinaldo,
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Fica o meu reino perdido.» —

Pegára do seu cutello,
Deixa-o entre ambos mettido,
Com a ponta para a filha,

Que a morte tinha merecido!
Despertára Girinaldo
Do somno adormecido:

— «Acorda, oh bella Infanta,
Já nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae
Entre nós está mettido,
Com a ponta para vós,
Que a morte tens merecido.» —

— «Cal'-te, cal'-te, Girinaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Vae-te botar aos seus pés,
Que elle te dará o castigo.
Se te elle mandar matar,
Carpir-te-hei por marido;
Se elle te mandar prender,
Canta que has de ser ouvido.» —

— «Erguei-vos bella Infanta,
Vindo ouvir lindo cantar;
Ou são os anjos no céu,
Ou as sereias no mar.» —

— «Pois não são anjos no céu,
Nem as sereias no mar;
É um triste prisioneiro
Que meu pae manda matar.» —

— «Dizei-me, bella Infanta,
Se com elle queres casar?» —

— «Esse é o melhor dote
Que meu pae me póde dar.» —

— «Girinaldo, Girinaldo,
Tu fôste bem atrevido!
Hontem eras meu vassallo,
Hoje és meu genro querido;
Hontem comias de parte,
Hoje é á meza commigo.» —

4.

Lição de Almeida-Garrett. [1]

— «Reginaldo, Reginaldo,
Pagem d'el-rei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo, [2]
Te chamam o atrevido.» —

— «Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.» —

— «Não fôras tu tam covarde
Que já dormíras commigo.» —

— «Senhora zombais de mim,
Porque sou vosso captivo.» —

— «Eu não n'o digo zombando,
Que de véras te lo digo.» —

— «Pois quando quereis, infanta,
Que va pelo promettido?» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 163—173. Na lição de Almeida-Garrett o final pertence visivelmente ao romance da Enganada (Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 129—133).

[2] A lição da Extremadura e muitas outras ommittem estes seis versos, e completam a primeira copla com est' outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

— «Entre las dez e las onze [1]
Que el-rei não seja sentido.» —

Inda não era sol pôsto,
Reginaldo adormecido;
As dez não eram bem dadas,
Reginaldo já erguido;
Calçou çapato de panno
Que d'el-rei não fôsse ouvido;
Foi-se á camara da infanta,
Deu-lhe um ái, deu-lhe um gemido.

— «Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?» —

— «É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.» —

— «Levantae-vos minhas aias,
Que Deus assim vos dê marido!
E ide abrir mansinha a porta
Que el-rei não seja sentido.» —

Vela o pagem toda a noite...
Por manhã é adormecido;
Chamava o rei que chamava [2]
Que lhe désse o seu vestido:

— «Reginaldo não responde,
Alguma tem succedido!
Ou está morto o meu pagem,
Ou grande traição ha sido.» [3] —

---

[1] Entre la uma e as duas
Quando el-rei esteja dormindo. — ALEMTEJO.

[2] Lá por sôbre a madrugada
Pede el-rei o seu vestido. — ALEMTEJO.

[3] Ou traição tem commettido. — EXTREMADURA.
Ou traição me ha commettido. — BEIRALTA.

Responderam os vassallos [1]
Que tudo tinham sentido:

— «Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.» —

Vestiu-se el-rei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo, [2]
Vai correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Entrou sem fazer ruido.
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido,
De nada do que se passava,
De nada davam sentido.
Accudiram os vassallos,
Que viram a el-rei perdido:

— «Nunca vossa majestade
Mate um home' adormecido.» [3] —

Tira el-rei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio:

— «Acorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido!

---

[1] Accode d'alli um pagem
Que é de Reginaldo amigo:
— «Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.» —
— «Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo.» — BEIRABAIXA.

[2] Leva um traçado comsigo. — EXTREMADURA.

[3] Dê n'um home' adormecido. — MINHO.

Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.» —

— «Cal'-te d'ahi, Reginaldo,[1]
Não sejas tão dolorido;
Vai já deitar-te a seus pés,
Que el-rei é bom e soffrido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo;
Mas se el-rei mandar matar-te,
Eu hei de morrer comtigo» —

— «D'onde vens, oh Reginaldo?»[2] —

— «Senhor, de caçar sou vindo.» —

— «Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?» —

— «Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago commigo;
Que o trazer caça real
A vassallo é defendido.
Só vos trago uma cabeça,
A minha: dae-lhe o castigo.» —

— «Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.» —

Vêdes ora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:

---

1 Vai-te deitar, Reginaldo,
A seus pés muito rendido,
Que el-rei tem bom coração
E te ha de casar commigo. — Beirabaixa.

2 Estas tres coplas são ommissas em todas as lições, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

— «Se mato a bella infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para matar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Mettê-lo-hei n'uma tôrre [1]
Por principio de castigo.
Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
N'este pagem atrevido?» —

Respondem os condes todos
E muito bem respondido:

— «Pagem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido.» —

Já o mettem n'uma tôrre, [2]
Já o vão incarcerar,
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãi de Reginaldo
O seu filho a visitar:

— «Filho quando te pari
Com tanta dôr e pezar,

---

[1] A lição do Alemtejo termina o romance com esta copla:

Levanta-te, oh Reginaldo,
Reginaldo atrevido
O castigo que te dou
É que sejas seu marido.

Quereria o perfido menestrel pôr um epigramma na bôcca de sua real majestade? Outra lição da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
Que tudo tinham sentido:
— «Oh! quem teria a fortuna
Que Reginaldo tem tido!
Atéqui pagem d'el-rei,
Agora filho querido!» — Alemtejo.

[2] Só as versões do Ribatejo trazem este episodio da tôrre.

Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas dos olhos,
Filho, te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar.[1]
E teu pae já na agonia,
Que me estava a incommendar:
Emquanto fôsses piqueno
De bom insino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te intregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar![2]
A el-rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vais dormir co'a infanta
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que el-rei t'a manda costar!...
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.» —

— «Como hei de eu cantar, mi madre,[3]
Se me sinto já finar?» —

— «Canta, meu filhinho, canta,
Para havér minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.
Canta-me o que elle cantava
Na noite de San João;
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.» —

---

[1] Pensamento favorito dos menestreis populares, que se incontra repetido em muitos romances portuguezes.

[2] Que te não soube ensinar. — RIBATEJO.

[3] Mãi minha. — RIBATEJO.

— «Um dia antes do dia,
Que é dia de San João,
Me incerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Mettido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.» [1] —

De suas varandas altas
El-rei estava a escutar;
Já se vai onde a princeza
Pela mão a foi buscar:

— «Anda ouvir, oh minha filha,
Este tam lindo cantar,
Que ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar.» —

— «Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura
A quem mandais degollar.» —

---

[1] Em uma lição ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apezar de se conhecer n'ella visivel interpolação e desharmonia de estylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga, como tantos que se incontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dous passarinhos
Que me trazem alcanfôres;
Elles vão e elles vêem
Com novas dos meus amores.

Alcanfôres? e trazer alcanfôres? quid?

Assim pergunta A. Garrett, mostrando, a difficuldade que offerece o entendimento d'estes versos. Th. Braga (Epopêas da Raça Mosarabe, p. 135) baseando-se n'uma noticia de Frei João de Sousa (Vestigios da lingua arabica, p. 27) opina que o prisioneiro quer dar a entender que estava perto da morte. Suppтnho que o alcunfôr tinha, entre a população mosarabe, uma significação symbolica, talvez d'amor, de origem arabica, mas hoje desconhecida.

— «Pois já revogo a sentença
E já o mando soltar;
Prende-o tu, infanta, agora,
Pois comtigo ha de casar.» —

VI.

ROMANCE DO ALFERES MATADOR.[1]

Versão da Covilhã.

Indo eu por quelha abaixo,
Topando por quelha acima,
Olhei para uma janella,
Onde vi 'star trez donzillas.
Aquella de azul claro
É linda em demasia,
Tenho de a ir buscar
Inde que me custe a vida.

As dez horas eram dadas
E elle á porta batia.

— «Quem bate á minha porta,
Deshoras á porta minha?» —

— «É um grande cavalleiro
Que vem buscar sua filha.» —

— «Minha filha não 'stá em casa,
Foi para a de sua tia,
Que a mandou cá buscar
Para uma funcção que havia.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 22–24. O romance do Alferes matador foi recolhido pela primeira vez por Theophilo Braga; veio da Covilhã, «a mina mais rica d'estas preciosidades, e aonde se encontram as versões mais puras.»

Deitou os hombros á porta,
Não uzou mais cortezia;
Entrou pela casa dentro
Com toda a sua ousadia,
E foi direito a um quarto
Aonde a filha dormia.

— «Oh filha faz, pela honra
Antes que te custe a vida;
Honra as barbas a teu pae,
Que brancas na cara as tinha.» —

Pegou-lhe pelos cabellos,
Foi-a arrastar pela villa,
E depois de a ver morta
Á sua mãi a trazia.

— «Aqui tendes oh D. Anna,
Oh Dona Anna, vossa filha,
Honrada e virtuosa,
Mas porém custou-lhe a vida.» —

— «Antes a quero ver morta
Que a sua honra perdida,
Justiça venha do céo
Que na terra não a havia,
E caia sobre um alferes,
Matador da minha filha.» —

V.

ROMANCE DA ROMEIRINHA.[1]

Versão de Trás-os-Montes.

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia:
Tão honesta e formosinha
Não vai outra á romaria.
Sua saia leva baixa,
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapellinho cahido
Que os lindos olhos cobria.
Cavalleiro vai traz d'ella
Alcançal-a não podia;[2]
Alcançou-a descançando
Á sombra da arvore benta[3]
Que está no adro da ermida.

— «Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.» —

---

1 Th. Braga, Rom. p. 24—25. O romance da Romeirinha, um d'aquelles que tiveram origem nos perigos que corriam os romeiros e sobretudo as romeiras em suas peregrinações, é conhecido em Trás-os-Montes e no Minho. Almeida-Garrett, Rom. III. p. 9—14 traz uma lição apurada pelas duas versões d'estas provincias e pouco differente da versão de Trás-os-Montes. Por isso limito-me a notar as variantes mais importantes.

2 De má tenção que a seguia!
Não a alcánça, por mais que ande,
Alcançal-a não podia. — A. Garrett.

3 Senão juncto a essa oliveira. — A. Garrett.

Cavalleiro de malvado
De amores a accommettia; [1]
Pegaram de braço a braço.
Qual de baixo, qual de cima. [2]
A romeira por mais fraca
Logo debaixo cahia. [3]
No cahir lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia,
Com toda a força o arranca,
No coração lh'o mettia. [4]

— «Da vingança que tomaste
Eu te peço romeirinha, [5]
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha.» [6] —

— «Hei de dizel-o em tua terra,
Hei de-me ir gabar á minha
Da vingança que tomei
Da affronta que me fazias;
Que matei um vil cobarde
Com as armas que elle trazia.» —

Tocou a campa da ermida
A campa que retinia:

— «Eu te peço, ermitão,
Por Deos e Santa Maria,

---

1 Nem Deos nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto . . . — A. Garrett.
2 Lucta de grande porfia! — A. Garrett.
3 Emfim rendida cahia. — A. Garrett.
4 O sangue negro saltava,
O negro sangue corria. — A. Garrett.
5 Por Deos te peço, romeira. — A. Garrett.
6 Da vingança que tomaste
Da affronta que te eu fazia. — A. Garrett.

Que enterres esse traidor
Lá na tua santa ermida.» [1] —

VI.

ROMANCES DO CONDE PRÊSO.[2]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por home' haver matado.
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago.
Não bastou dormir com ella,
Se não dal-a ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado;
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.

---

[1] Ermitão, por Deos vos peço,
Bom ermitão d'esta ermida,
Tenhais dó d'essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deos lhe perdoaria. — A. Garrett.

[2] Th. Braga, Rom. p. 60—62. «Um facto notavel se dá n'estes romances: como tres provincias, Trás-os-Montes, Beira-Baixa e Beira-Alta se apoderaram de uma mesma tradição, e dos diversos modos como a bordaram. A versão de Trás-os-Montes é simples, não admitte a intervenção do maravilhoso, que repugna ao genio dos romances carolinos; a versão da Beira-Alta foi tomando uma côr religiosa, traz o milagre do romeiro, que era San' Thiago vindo proteger sua devota. Garrett (Rom. II. p. 301—305) confundiu as duas versões.»

Foi á presença do rei
Onde o conde era levado:

— «Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollada;
Não ha fôro ou privilegio
Onde Deos é o aggravado.» —

Disse o rei aos do conselho
Com semblante carregado:

— «Sem mais detença este feito
Quero já desembargado!» —

— «Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado;
Ou ha de casar com ella,
Ou senão... ser degollado.» —

— «Pois que me praz, disse o rei,
O algoz seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.» —

— «Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Antes morrerei mil vezes,
Antes que ser deshonrado!
Não me enterrem na egreja
Nem tão pouco em sagrado:
Naquelle prado me enterrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado;

De cabeceira me ponham
A pelle do meu cavallo,
Que digam os passageiros:

— «Triste de ti, desgraçado;
Morreste de mal de amores,
Que é um mal desesperado!» —

2.

DOM GARFOS.[1]

Variante da Beira-Baixa.

Lá abaixo vem o conde,
Prêso vem, arreatado,
Não por furtos que haja feito,
Nem por homens que ha matado;
Foi por zombar da romeira
Que vinha de Sanctiago.
A romeira era nobre,
A el-rei se ha queixado.
Manda que case com ella,
Ou que seja enforcado.

— «Não hei de casar com ella,
Nem hei de ser enforcado;
Quem me dera aqui meus pretos,
Ou meus velozes cavallos,
Ou meu sobrinho Dom Garfos,
Que eu me víra bem vingado.» —

Palavras não eram ditas,
Dom Garfos era chegado:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 62—64.

— «Quem vos trouxe aqui, meu tio,
Tão prêso e arreatado?
Não por furto que haja feito,
Nem por homens que ha matado?» —

— «Foi por zombar com a romeira
Que vinha de Sanctiago,
A romeira era nobre,
A el-rei se ha queixado.
Manda que case com ella,
Ou que seja enforcado.
Vai tu fallar com el-rei,
A vêr se me ha perdoado.» —

Entrou por palacio dentro:

— «Deos vos salve, meu bom rei!
Mandae-me soltar meu tio,
Se não eu o soltarei.» —

— «Vai Dom Garfos para casa,
Dorme um somno descançado;
Das onze p'r'a meia noite
Teu tio será soltado.» —

Lá pela noite adiante
Acordou sobresaltado!
Disse p'ra sua mulher
Que um sonho tinha sonhado:

— «Lá no Terreiro do Paço [1]
Está meu tio enforcado.» —

— «Não digas isso zombando,
Que esta noite ouvi um brado.» —

---

[1] Terreiro do Paço, assim chamado do paço real que se achava n'aquelle sitio até o grande terremoto de 1755, é hoje conhecido sob o nome de Praça do Commercio e chamado pelos inglezes *Black Horse Square* por causa da estatua equestre de D. José I. O povo, porém, conserva a antiga denominação.

Com uma mão veste a capa,
Com outra sella o cavallo;
A um pretinho que tinha
Uma lança lhe ha dado.
Foi-se ao Terreiro do Paço
E viu seu tio enforcado!

— «Deos te perdôe, meu tio,
Deos te tenha perdoado.» —

Sete condes caminharam
A verem o enforcado;
A um mata, outro degolla,
Só um lhe ha escapado;
E esse mesmo que escapou
Foi á unha de cavallo.

— «Oh Dom Garfos, oh Dom Garfos,
Não sejas desatinado,
Mataste-me já seis condes,
Os melhores do meu reinado.» —

— «E a vós tambem proprio Rei,
Se cá estivesses em baixo;
Mas como estaes de ventana,
Palraes nem um papagaio!
Mas n'uma filha que tendes,
Eu me verei bem vingado.» —

Vai Dom Garfos para casa,
Quatro facadas lhe ha dado:

— «Uma é á honra de tu padre,
Outra á honra de tu madre;
Outra por minha saúde
Que te as haja mui bem dado!
Outra por seres traidora,
Que me não has acordado.» —

3.

JUSTIÇA DE DEOS.[1]

Variante da Beira-Alta.

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por homem ter matado,
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado.
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado:
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, nem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deos sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
As barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado;
Vieiras traz na esclavina,
O chapeo d'ellas coroado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:

— «Não chores mais, filha minha,
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro
Prêso vai a bom recado.» —

Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 65—67. Almeida-Garrett, Rom. p. 301—305.

Vão á presença d'el-rei
Onde o conde era levado.

— «Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta tua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguia
Onde Deos é o aggravado.» —

Disse el-rei aos do conselho
Com semblante carregado:

— «Sem mais detença, este feito
Quero já desembargado.» —

— «Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou ha de casar com ella,
Ou senão, ser degollado.» —

— «Pois que me praz, disse o rei,
O algoz que seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.» —

— «Venham algoz e cutello,
Respondeu o accusado:
Mas antes morrer mil vezes
Que viver envergonhado.» —

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:

— «Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado;

Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.» —

Palavras não eram ditas,
A espada tinha arrojado;
Despe o gaivão de romeiro,
Despe as armas do soldado,
Nos trajos de um santo Bispo
Apparece transformado!
Sua mitra de pedras finas,
De ouro puro o seu cajado;
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado.
O santo Bispo o absolvia
Contricto do seu peccado.
D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado;
Justiça de Deos foi n'elle:
Antes de uma hora é finado.[1]

---

[1] A lição de Almeida-Garrett acrescenta:

Mas acudiu áquella alma
O apóstolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado

dando assim a entender que o bispo mysterioso era o apostolo San' Thiago.

VII.

ROMANCES DA SYLVANA.[1]

1.

Versão da Lisboa.

Passeava-se Sylvana
Pelo corredor acima;
Viola de ouro levava,
Oh que bem que a tangia!
E se ella bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a accommettia.

— «Atreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?» —

— «Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?» —

— «Penal-as hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia.» —

Foi-se d'alli a Sylvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 30—34. O romance da Sylvana é um dos mais sabidos em Portugal. Já foi citado no seculo XVII por D. Francisco Manuel de Mello no seu «Fidalgo aprendiz» (Ed. de Leão de França, 1663, p. 247). O mesmo romance encontra-se nas Asturias e foi publicado na versão asturiana por Amador de los Rios no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, T. III. p. 284 com o titulo de Delgadina.

— «Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, oh filha minha?» —

— «Oh quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores,
Oh minha mãi, cada dia.» —

— «Vai, filha, vai para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de ouro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria....
E ha de valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa Maria.» —

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accommettia:

— «Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria...» —

— «Esta não é a Sylvana,
É a mãi que a paria;
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor da cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infanteria,
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae a accommettia.» —

— «Oh mal haja, que haja a filha
Que seu padre descobria!» —

— «Oh mal haja, que haja o padre
Que sua filha accommettia!» —

Manda-a metter n'uma tôrre
Que nem sol nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça
E agua por medida.
Ao cabo de sete annos
Eis a torre que se abria...
Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com sua madre
Lavrando n'uma almofada:

— «Estejaes embora, madre,
Oh madre da minha alma;
Peço-vos por Deos do céo,
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma:» —

— «Dera-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sete para outo annos
Que por ti sou mal casada.
Que teu padre tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te désse agua,
Tinha a cabeça cortada!» —

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mui alta;
Foi-se encontrar com os irmãos,
Que estavam jogando as cannas:

— «Estejaes embora irmãos,
Meus irmãos já da minha alma,

Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.» —

— «Dera-t'a eu, irmã minha,
Se a tivera empeçonhada:
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te désse agua
Tinha a cabeça cortada.» —

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar com seu pae
A jogar a imbocada:

— «Estejaes embora, padre,
Padre meu já da minha alma:
Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma...
E de hoje por diante
Serei vossa namorada.» —

— «Alevantem-se, meus pagens,
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de ouro,
Outros com jarros de prata:
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada,
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.» —

Os criados que chegavam,
Sylvaninha que finava,
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada.

— «Vai-te embora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma,
Tua alma vai para o céo,
A minha fica culpada.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

Passeava-se Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae estava mirando
Paços d'onde ella vivia:

— «Bem puderas tu, Sylvana,
Gosar minha companhia!» —

— «E as penas do inferno
Pae meu, quem as passaria?» —

— «Passava-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.» —

— «Mas deixae-me ir a palacio
Vestire outra camisa;
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.» —

Chegára d'onde a mãe estava,
Justiça do céo pedia,
Justiça do céo á terra,
Que no mundo não havia.

— «Um pae que Deos me déra
De amores me commettia.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p 193—196.

— «Despe esses trajos, Sylvana,
Que d'elles me vestiria;
Irei aonde o rei estava,
Pois muito bem no sabia.» —

Tanto cego estava o pae,
Cuidava que era a filha.

— «Se eu sabia, tal peccado
Pois d'elle não commettia.» —

— «Não tive senão dois filhos,
Dom Pedro e a Sylvaninha!» —

— «Filha que chocalha o pae,
Que castigo merecia?» —

— «O pae que accommette a filha
Mil infernos merecia.» —

Mandou fazer altas tôrres
A fim d'ella lá não ir; [1]
Ao cabo de sete annos
A mãi as mandou abrir,
Chegára onde o pae estava,
Estava o pae p'ra acabar:

— «Oh meu pae da minha alma,
Vós estaes para acabar!
Lembrae-vos da grande conta
Que a Deos tendes para dar!
A Dom Pedro deixaes tudo,
Só a mim nada deixaes.» —

— «Que mulher é esta aqui,
Que tanto está de enfadada?» —

---

[1] Th. Braga tem: A fim d'ell*e* lá não ir. Parece-me que se deve ler: d'ell*a*, pois se tracta da mãi a quem o pae quer prohibir a communicação com a filha. A mãi solta a filha quando o pae estava para acabar.

— «É vossa filha Sylvana,
Que a deixaes desherdada;
A Dom Pedro deixaes tudo,
A ella não deixaes nada?» —

— «Deos se não lembre de mim,
Se tal filha me lembrava!
Aqui tem um punhal de ouro,
Para seu brio sustentar;
Agora que a tua mãi
Que te acabe de herdar.» —

3.

ALDINA. [1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Vellas).

Um rei tinha tres filhas,
Alvas como prata fina;
Namorou-se da mais moça
Por lhe chamarem Aldina:

— «Bem podias tu Aldina,
Fazer-me a cama um dia!» —

— «Padre Santo não confessa
Peccados de pae com filha.» —

— «Bem puderas vós, Aldina,
Ser a minha namorada;
Eu te vestiria de ouro,
De prata fina lavrada.» —

— «Não o permitta Jesus,
Nem a hostia consagrada

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 193—196.

Que eu sendo vossa filha
Fôsse vossa namorada.
Nem meu pae por amor d'isso
Não condemne a sua alma.» —

— «Pois as penas do inferno
Eu por ti as passaria.» —

— «Deixae-me ir á minha sala
Vestir uma alva camisa,
Que esta que eu tenho vestida
Tal peccado não faria.» —

Indo para a sua sala
Com sua mãi se encontrou:

— «Oh rica mãi da minha alma
Casae-me hoje n'este dia,
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.» —

— «Dae-me cá os teus vestidos
De semana cada dia,
Que eu por ti, Dona Aldina,
Faço essa romaria.» —

— «Se eu soubera, Dona Aldina,
Que estavas tão corrompida,
Eu as penas do inferno
Por ti as não passaria.» —

— «Quando zombáras commigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.» —

— «Maldição cubra a Aldina
Que a seu pae foi descobrir.» —

— «Maldição cubra seu pae
Que de amores a commettia.» —

Mandou fazer altas tôrres
De prata fina lavrada,
Para lá metter Aldina
Sete annos degradada
A comer a carne crua,
A beber agua salgada!
Ao cabo de sete annos
Aldina fôra soltada,
Fôra ter a uma varanda
Onde sua mana estava:

— «Rica mana da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.» —

— «Rica mana da minha alma,
Eu não te posso dar agua,
Que meu pae me tem jurado
Pela ponta da sua espada,
Quem a ti agua désse
Que a vida lhe tirava.» —

Chegou a uma varanda
Onde sua mãi estava:

— «Oh rica mãi da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta

De comer a carne crua,
De beber agua salgada.» —

— «Guar'-te tu d'aí, Aldina,
Triste filha mal fadada;
Que ha sete annos, vai em outo,
Que eu por ti sou mal casada.» —

Chegára a uma varanda
Aonde seu pae estava:

— «Oh rico pae da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua;
Hei de ser a vossa filha,
Mais a vossa namorada.» —

— «Corre, corre, cavalleiro,
Á Aldina buscar agua,
Em garafinhas de prata,
Em taça sobredourada!
O primeiro que chegar
Será Rei de Portugal.» —

O Rei como mais esperto
Foi o primeiro a chegar;
Quando elle cá chegou,
Já Aldina era passada,
Com sete tochas accesas
A cabeça arrodeada.
Estava no céo a cantar
N'uma rosa encarnada!
O pae estava no inferno
Com sua alma condemnada;
Mandára forrar as ruas
De preto e tafetá,
Não quiz a boa fortuna
Que as chegasse a lograr.

Ajuntaram-se os anjinhos,
Logo em Aldina pegaram,
Ajuntaram-se os garrazes,
Logos em seu pae agarraram.

4.

SYLVANA DESAMPARADA. [1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

Passeava Dona Sylvana
Por o corredor acima,
Viola de ouro no peito,
Pois ella bem retinia,
Pois se ella bem retinia
Melhor romance fazia;
Com sua viola á cinta
Melhor balanço trazia.
Seu pae a estava mirando
Da sala onde assistia.

— «Bem me pareces, Sylvana,
Em vestias de cada dia
Do que tua mãi rainha
Com quanto ouro havia.
Bem puderas tu, Sylvana,
Ser o meu amor um dia?» —

— «Pois as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria?» —

— «Passaria-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 197—200.

— «Deixae-me, senhor, deixae-me
Com honra e cortezai;
Quero ir á minha sala
Vestir uma alva camiza,
Pois esta que tenho no corpo
Com ella não peccaria.» —

«Que tendes, bella Sylvana,
Que vindes tão assustada?» —

— «Um pae que Deos me deu,
Quer que eu seja sua amada.» —

— «Dae-me cá os teus vestidos,
Vestidos de cada dia,
Quero ir a esse logar
Cumprir essa romaria.» —

— «Se eu soubera, oh Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
As penas lá do inferno
Por ti não as passaria.» —

— «Eu não sou Dona Sylvana,
Sou a mãi que a paria;
Emquanto fallei comtigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.» —

— «Maldição cubra a filha
Que o seu pae descobria.» —

— «Maldição cubra o pae
Que tal filha commettia.» —

Mandára-a metter n'um carcer
D'onde sol nem lua havia,

Dava-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida;
Ao cabo de nove mezes
Corredores ella corria.
Encontrára sua mãi,
Pediu-lhe um pinguinho d'agua.

— «Oh rica mãi da minha alma,
Dae-me um pinguinho d'agua,
Que eu trago os meus bofes seccos,
Minha alma se desaparta
De comer a carne crua,
De beber agua salgada,
De comer pão bolorento
Que o senhor pae me mandava.» —

— «Rica filha da minha alma,
Eu não te posso dar agua,
Pois teu pae me tem jurado
Pelo fio da sua espada,
Que a quem te désse agua
Sete vidas lhe tirára!
Vai ter com o teu irmão
Que te dê uma pinga d'agua.» —

— «Oh rico irmão da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua.» —

— «Rica irmã da minha alma,
Quem vol-a pudesse dar!
O rei meu pae, se o sabe,
Logo me manda matar;
Mas vai ter ao senhor pae
Que te dê uma gotinha d'agua.» —

— «Oh rico pae da minha alma
Dae-me uma gotinha d'agua;
Que eu d'hoje por diante
Serei sempre a tua amada.» —

— «Inda me appareces diante
Sylvana desamparada?
Deos se lembre da minha alma,
Se tu filha me lembravas.
Andem moços, corram moços
Depressa á buscar agua;
O que mais depressa fôr
Será rei de Portugal.» —

— «Oh rico pae da minha alma,
Já não quero a vossa agua,
Que a minha alma está no céo,
Está n'uma rosa pintada;
A vossa está no inferno,
Pois bem o tendes ganhado.» —

— «Andem moços, corram moços
Depressa a forrar palacio,
A minha alma está no inferno,
Pois ella o tinha jurado.» —

5.

FAUSTINA. [1]

Variante de Coimbra.

O conde da Villa Flor,
Por ser o conde maior,
De tres filhas que elle tinha
Clarinhas como o sol,
Uma sé chama Amada,
Outra se chama Querida,
Outra se chama Faustina
Por ser a mais fidalgada.

---

[1] Th. Braga, Rom. Notas p. 181—183.

— «Queres tu, filha Faustina
Ser a minha namorada?» —

— «Não permitta Deos do céo
Nem a Virgem consagrada
Que eu, sendo sua filha,
Seja sua namorada.» —

— «Deixa vir a mãi da missa,
Que eu, lh'o o saberei dizer.
Ora vinde mulher minha
Ver o que aconteceu:
A nossa filha Faustina
De amores me prometteu.
Dizei lá, oh mulher minha,
O que Faustina mereceu?» —

— «Tôrre de pedra lavrada
Para metteres Faustina!
Deras-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida.» —

Alli tiveram Faustina
Por sete annos encerrada:
Davam-lhe agua por onça,
E da carne mais salgada.
Ao cabo de sete annos,
Faustina sem ser findada,
Foi-se d'alli a Faustina,
Tristinha e desconsolada,
Assobindo uma ventana
Outra ventana mais alta,
D'ahi viu estar suas manas
Cosendo em uma almofada.

— «Deos vos guarde, manas minhas,
Manas minhas da minha alma;
Peço-vos pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua.» —

— «Deos te guarde, oh Faustina,
Oh mana da minha alma,
O nosso pae nos jurou,
P' los cópos da sua espada,
Que quem désse agua á Faustina
Sua cabeça é cortada.» —

Foi-se d'alli a Faustina
Tristinha e desconsolada,
Assobiu a uma ventana mais alta,
Outra ventana mais alta,
D'onde viu estar sua mãi
Lavrando a ouro e prata:

— «Deos vos guarde, oh minha mãe,
Mãe minha da minha alma!
Peço pelo amor de Deos
Que me dê uma pinga de agua.» —

— «Deos te guarde, oh Faustina,
Oh filha da minha alma
Ha sete annos que eu vivo
Com o teu pae mal casada.» —

Foi-se d'alli a Faustina,
Tristinha, desconsolada,
Assobiu a uma ventana,
Outra ventana mais alta,
D'onde viu andar seu pae
Passando n'uma sala:

— «Deos vos guarde, oh meu pae,
Oh pae meu da minha alma;
Peço pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua.» —

— «Deos vos guarde, oh Faustina,
Minha filha mal fadada.

Eu pedi-te a mão direita,
Tu não m'a quizeste dar.» —

— «Aqui tem a mão direita,
A esquerda se a quizer!» —

— «Venham as jarras de prata,
De ouro se as houver;
Quero dar agua á Faustina,
Que já é minha mulher.
Corram, corram, cavalleiros,
A dar agua á Faustininha;
O que primeiro chegar
Ha de ter uma prenda minha.» —

A agua era chegada,
Era findada Faustina!
No meio d'aquelle largo
Um tanque d'agua apparecia.
Vieram sete senhoras
Domingo de madrugada
Para levarem Faustina
Para o céo em corpo e alma.
Nossa Senhora do Pranto
É que a panteava,
Tu morreste, Faustininha,
P'la honra de seres honrada.
Nossa Senhora do Pranto
Era quem a pranteava;
No seu pranto, que dizia:
— «Domingo de madrugada
Vieram sete demonios,
Dormiram em tua casa
Para levarem teu pae
Pr'o inferno em corpo e alma.» —

VIII.

ROMANCES DO CONDE ALBERTO.[1]

1.

Versão do Porto.

Indo Dona Sylvaninha
Pelo corredor acima,
Tocando sua guitarra,
Muito bem que a tangia;
Accordou seu pae da cama
Com o estrondo que fazia.

— «Que tendes, Dona Sylvana,
Que tendes, oh vida minha?» —

— «Raparigas do meu tempo
São casadas, têm familia,
Eu por ser a mais formosa
Para o canto ficaria?» —

— «Não tenho com quem te case
N'este reino, minha filha;
Só se fôr o conde Alberto,
É casado e tem familia.» —

— «Mandae-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha,

[1] Th. Braga, Rom. p. 68—71. O bello romance do Conde Alberto, ou Conde Yanno, Conde Alves, Conde Alarcos, Conde Anarcos como o povo lhe chama promiscuamente, anda no principio amalgamado com o romance da Sylvana. Encontra-se tambem na Hespanha (Duran, Rom. No. 365) e suppõe-se que se refere ao assassinato de Dona Maria Telles pelo Infante Dom João para casar com a filha da rainha Dona Leonor. É um dos romances mais populares em Portugal e tornou-se tão popular talvez porque as angustias da condessa, o adeos 'a tudo o que mais queria têm alguma similhança com o fim tragico de D. Ignez de Castro.

Que mate sua condessa,
E case com vossa filha;
Que traga a cabeça d'ella
N'esta dourada bacia.» —

Eis manda chamar o conde
Da sua parte e da filha;
Matasse a sua condessa,
Casasse com Sylvaninha.
Veio o conde muito depressa,
Mais depressa que podia:

— «Quero mates a condessa,
Que cases com minha filha.» —

— «Como matar a condessa
Se ella a morte não merecia?» —

— «Mata, mata, conde Alberto;
Antes de uma Ave-Maria
Me traz a sua cabeça
N'esta dourada bacia.» —

Foi o conde para casa,
Muito triste que elle ia;
Mandou fechar seus palacios,
Cousa que nunca fazia.
Mandou vestir seus criados
De luto á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa
Para fazer que comia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria;
Os suspiros eram tantos
Que o palacio estremecia.
Desceu a condessa abaixo
A vêr o que o conde tinha:

— «Que tens tu, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha?
Conta-me as tuas tristezas
Como contaes alegrias.» —

— «Minhas tristezas são tantas
Que contar-vos não queria.» —

— «Conta, conta, conde Alberto,
Conta, conta, vida minha.» —

— «Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

— «Cale-te lá, conde Alberto,
Que isso remedio teria:
Metter-me-has n'um convento,
Que não veja sol nem dia;
Deras-me o pão por onça,
Agua por uma medida.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa da minha vida?
Diz que te leve a cabeça
N'esta maldita bacia.» —

— «Cala-te d'ahi, oh conde,
Que isso remedio teria:
Matarias a donzella
Que se parece commigo.» —

— «Cala-te d'ahi, mulher,
Que isso não é honra minha.» —

— «Vou para casa de meu pae,
Nunca mais apparecia.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei á porta batia:

Se a condessa era morta,
Senão elle a mataria.

— «A condessa não é morta,
Anda n'essas agonias.» —

— «Deixe-me dar um passeio
Da sala até á cosinha:
Adeos moças, adeos aias
Com quem eu me divertia,
Adeos espelho real,
Onde me via e vestia;
Que ámanhã por estas horas
Já estarei na terra fria.
Dá-me cá esse menino
Que o quero pentear;
Dá-me cá o outro mais novo,
Quero-lhe dar de mammar:
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de paixão,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi no caixão.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de pesar,
Que ámanhã por estas horas
Vae tua mãi a enterrar.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de amargura,
Ámanhã por estas horas
Está tua mãi na sepultura.» —

Tocam sinos em palacio,
Ái Jesus! quem morreria!

Morreu a filha do rei
Pela soberba que tinha,
Descasar os bem casados,
Cousa que Deos não queria.

2.

Versão de Vianna do Castello. [1]

Indo Dona Sylvaninha
Pelo corredor acima,
Pelo corredor abaixo,
Tocando n'um cravo d'oiro;
Muito bem que o tangia.
Acordou seu pae da cama
Com o estrondo que fazia.

— «Oh que tens, Dona Sylvana,
Oh que tens, oh filha minha?» —

— «De sete irmãs que tinha
Casadas e têm familia
Eu que sou a mais formosa,
A um canto me deitaria?
Manda chamar o conde Alberto
Da sua parte e da minha.» —

— «Conde Alberto é casado,
É casado e tem familia.» —

— «Manda, manda, meu pae,
Da sua parte e da minha.» —

Veio o conde Alberto:

— «Aqui me tens, real senhor,
Que me quereis agora?» —

---

[1] Encontrei esta versão em Vianna do Castello, quando percorria as incantadoras paisagens do Minho. Foi-me dictada pela senhora Lopes. Esta versão é importante, porque contem o maravilhoso de uma criança que falla no peito da mãi, que se encontra tambem na lição de Garrett mas falta nas outras versões do continente portuguez, reapparecendo na Ilha de S. Jorge.

— «Quero que mates a condessa
Para casares com minha filha.» —

— «A condessa, não a mato,
A morte não merecia.» —

— «Mata, mata, mata, conde,
Antes que eu te tiro a vida
Deita o rosto aqui n'esta bacia.» —

Indo o conde para casa
Muito triste á maravilha,
Mandou fechar seus palacios
Cousa que elle não fazia.
Mandou pôr na sua mesa
Cousa que elle não queria,
Mandou vestir seus criados
Do lucto mais pesado que havia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria.
Mandou fazer a sua cama
Para ver se dormia.
Os ais eram tantos,
O palacio estremecia.
Bate a condessa á porta
Para ver que o conde tinha.

— «Conte-me as tuas tristezas,
Que eu te conte alegrias.» —

— «Foi o rei que mandou
Deitar o rosto n'esta maldita bacia.» —

— «Deita-me n'aquella convento,
Convento das recolhidas,
Dá-me agua por medida
E o pão por pêso,

Dareis-me carne salgada
Que me arranca a vida.
Deixa ver uma toalha,
Das mais finas que eu tinha
Para deitar no pescoço
Para acabar com minha vida.
Deixa-me dar quatro passadas
D'aqui até a cosinha.
Adeos aias, Adeos moças,
Com que eu me servia,
Adeos palacio real,
Onde eu passava o dia,
Adeos papagaio verde,
Com que eu me divertia,
Adeos jardim das flores,
Aonde passava as agonias.» —

Bate o rei á porta
Para ver se a condessa estava morta.

— «A condessa não está morta,
Mas está n'essas agonias.» —

— «Deixa ver o meu menino,
Quero dar-lhe de mammar.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de paixão,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi no caixão.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite da amargura,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi na sepultura.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de terror,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi a enterrar.
Mamma, mamma, meu menino,

Este leite da condessa,
Que ámanhã por estas horas
Mammarás o da princessa.» —

Tocam n'os sinos na Sé...
Ái Jesus! quem morreria?

Responde o menino do peito:

— «Morreu a Dona Sylvana
Por a traição que fazia,
Descasar os bem casados
Cousa que Deos não queria.» —

3.

CONDE ALVES.[1]

Variante da Beira-Baixa.

Estando a princeza a chorar,
Filha do rei de Castilla:
Seu pae se foi ter com ella
Ao estrondo que fazia:

— O que é isso, oh Sylvana,
Que é isso, oh filha minha?» —

— «De tres manas que eu tenho
São casadas, têm familia;
Eu por ser a mais formosa
Solteirinha ficaria?» —

— «Não tenho com quem te case
Na mais alta senhoria,
Só sendo com o conde Alves,
É casado e tem familia.» —

[1] Th. Braga, Rom. p. 71—74.

— «Com esse, meu pae, com esse,
Com esse é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha.» —

— «Ála, ála, meus criados,
O conde Alves vão chamar.» —

— «Ainda agora de lá venho,
Já para lá hei de voltar?» —

Entrou pelo paço dentro
Fazendo mil cortezias:

— «Que me quer Vossa Alteza,
Vossa Alteza Senhoria?» —

— «Quero que mates a condessa,
E cases com minha filha!» —

— «A condessa não a mato,
Que ella a morte não merecia.
Mando-a deitar aos matos,
Que os bichos a comeriam.» —

— «Mata, mata, conde Alves,
Não me tornes demasia;
A cabeça me ha de vir
N'esta dourada bacia.
Não m'a troques lá por outra,
Que eu bem a conhecia;
Que ao seu lado direito
Um sinal preto teria.» —

Foi-se d'alli o bom conde,
Cheio de melancholia;
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia;

Mandou pôr a sua meza,
Nem um, nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria.

— «O que é isso, oh bom conde,
Que é essa melancholia?
Conta-me as tuas tristezas
Que eu te conto alegrias!» —

— «Se eu te contasse tristezas,
Morta para trás cahirias:
Mandou o rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

— «Isso não, bom conde, não,
Que eu a morte não merecia;
Manda-me deitar aos mares,
Que os peixes me comeriam.» —

— «Isso não, condessa, não,
Que o rei logo o sabia,
A cabeça te ha de ir
N'aquella negra bacia,
Que te não troque por outra
Que elle bem te conhecia;
Que ao teu lado direito
Um sinal preto teria.» —

— «Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.
Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;
Deixa-me dar de mammar
Ao filho que tanto queria.

Mamma filho, mamma, filho,
Este leite amargurado,
Ámanhã por estas horas
Já teu pae está coroado.
Mamma, filho, mamma, filho,
Este leite de amargura;
Ámanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar
A tua mãi a rainha
Como lhe haveis de chamar,
Com o joelho no chão,
O chapeosinho no ar.» —

Estando n'estas razões,
El-rei á porta batia:
A condessa já é morta,
Senão ella a mataria.

Tocam os sinos na côrte,
Ái, Jesus! quem morreria?
Morreu, foi Dona Sylvana,
Por crimes que commettia;
O pae morreu ás dez horas,
E a filha ao meio dia.
Apartar os bem casados
Era o que Deos não queria.

4.
CONDE YANO.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias).

Passeava-se a Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae a estava mirando
Da cama d'onde jazia;
Se ella mui bem passeava
Melhor romance fazia.

— «Bem me pareces, Sylvana
Em trajo de cada dia,
Que a madre de vossa mãi
Com quanto ouro havia.
Bem podias vós, Sylvana,
Dormir commigo um dia!
Que as penas do inferno
Eu por vós as penaria.» —

— «Deixae-me ir ao meu quarto
Vestir um novo vestido,
Que este que agora tenho
Tal cousa não commettia.» —

— «Case-me, senhora mãi,
Hoje n'este santo dia;
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.» —

— «Vosso pae é homem velho,
Isse foi em zombaria.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 259—264. Na versão da Ilha de S. Jorge a fusão dos dois romances da Sylvana e do Conde Yano é evidente. Em outros logares da Ilha chamam ao Conde Yano Conde Delpho e Conde Dalvos.

— «Renego do seu zombar,
Mais da sua zombaria;
Case-me, senhora mãi,
Hoje n'este santo dia.» —

— «Filha, já não ha na côrte
Um que vos merecia.» —

— «Eu mereço-me de um conde,
Marido de minha tia.
Mandae vós cá chamar
Para cá jantar um dia;
Que depois da sobremeza
Eu propria lhe fallaria.» —

A razão não era dita,
Criado á porta batia:

— «Senhor conde está em casa?
El-rei o manda chamar.» —

— «Isso não é p'ra meu bem,
Certo será p'ra meu mal.» —

Indo pela côrte dentro
Mil cortezias fazia;
Mandaram-lhe pôr a mesa,
Puzeram-lhe graves comidas.
Atimante a sobremeza
O seu prato de alegria:

— «Alembra-te conde, alembra-te
O que fizestes um dia?» —

— «Eu tal cousa não me lembra,
Nem isso me parecia.» —

— «Anda, vae para casa,
Vae matar Dona Maria.»

— «Saiba o senhor rei conde
Que ella a morte não merecia.» —

— «Pega por agua dos pés,
Por outras cousas que tal;
Se ella não a tiver prompta
Rasão tens; vae-a matar.» —

Foi-se o conde para casa,
Bem triste, bem anojado:

— «Contae-me, conde, contae-me,
Contae-me das vossas magoas.» —

— «Como hei de contar magoas,
Senhora Dona Maria?
Se ella a ceia está prompta
Eu ceiar quereria.» —

— «A ceia já está prompta
Como d'antes succedia;
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.» —

Foram-se assentar á mesa,
Nem um, nem outro comia:

— «Como heide contar magoas
Senhora Dona Maria?
Se a agua dos pés está prompta
Eu lavar-me quereria.» —

— «A agua dos pés está prompta
Como d'antes succedia.
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.» —

— «Se a cama está feita
Eu deitar-me quereria.» —

Foram-se deitar na cama,
Nem um, nem outro dormia;
As lagrimas de um e outro
Toda a cama alagariam.

— «Contae-me das vossas magoas,
Como contaes alegrias.» —

— «Como vos contarei magoas
Senhora Dona Maria?
O rei vos manda matar
Para dar honra á filha.» —

— «E vós não lhe perguntastes
Isso que remedio tinha?» —

— «Isso lhe preguntei eu,
Disse elle que não sabia.» —

— «Esse rei de mil diabos
Que raiva me tomaria?
Já me matou pae e mãi,
E tres irmãos que havia.» —

Estando n'esta afflição
O rei á porta batia:
A condessa não é morta?
Senão elle a mataria.

— «A condessa não é morta,
Mas já está n'essa agonia.» —

— «Mata, conde, mata, conde,
Antes de uma Ave-Maria.» —

— «Deixa-me dar um passeio
Da sala para o quintal;
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do laranjal!
Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim,
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.
Deixem-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;

Venham-me cá os escravos
Que tanto bem me serviram,
Ámanhã servirão outra
De mais alta senhoria.
Venham-me cá os meus filhos,
Que os quero abraçar;
As palavras da má madrasta
Nunca os hão de accalentar;
Quando lhe pedirem pão
Agua fria lhes ha de dar;
Quando lhe pedirem vinho
Com um viminho lhe ha de dar!
Mamma, mamma, meu menino,
N'este leite derradeiro;
Nunca tornarás a achar
Uma mãi como a primeira.
Chamem-me o filho mais velho
Que eu o quero aconselhar,
Que conselhos da madrasta
M'o hão de escandalisar.
Venha cá uma toalha
D'essas mais finas que houver,
Para apertar a garganta
Que o nosso rei assim quer.» —

Tocam os sinos na côrte,
Ái Jesus! quem morreria?
Responde o infante do berço
Que ainda fallar não sabia:

— «Alviçaras, senhor pae,
Que eu as dou com alegria:
Morreu a Dona Sylvana
Pela traição que fazia;
Quiz descasar um casal,
Cousa que Deos não queria.» —

5.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Chorava a infanta, chorava, [2]
Chorava e razão havia,
Vivendo tam descontente,
Seu pae por casar a tinha.
Acordou el-rei da cama [3]
Com o pranto que fazia:

— «Que tens tu, querida infanta,
Que tens tu, oh filha minha?» —

— «Senhor pae, o que hei de eu ter
Senão que me pésa a vida?
De tres irmãs que nós eramos,
Solteira eu só ficaria?» —

— «Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Ca vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia; [4]
Nem ouvil-as não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
Só se fôsse o conde Yanno [5]
E esse já mulher havia.» —

— «Ái! rico pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.

---

1 Almeida-Garrett, Rom. II. p. 43—73.

2 Chorava a infanta Solisa,
Razão de chorar havia. — Alemtejo.
Chorava Dona Sylvana — Extremadura.

3 Despertou el-rei seu pae. — Beiralta.

4 De Leão e de Castilla. — Tras-os-Montes.

5 Só se fôsse o conde Albano. — Minho.
Só se fôsse o conde Alarcos. — Beirabaixa.

Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia;
Que me não soube guardar
A fé que me promettia.» —

Manda el-rei chamar o conde,
Sem saber o que faria,
Que lhe viesse fallar...
Sem saber o que lhe diria.

— «Inda agora vim do paço,
Já el-rei lá me queria!
Ái! será para meu bem?
Ái! para meu mal seria?» —

Conde Yanno que chegava,
El-rei que a buscar o vinha:

— «Beijo a mão a Vossa Alteza;
Que quer Vossa Senhoria?» —

Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:

— «Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.» —

Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia.

— «Senhor rei, que sou casado,
Já passa mais de anno e dia.» —

— «Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.» —

— «Senhor, como hei de mata-la
Se a morte me não mer'cia?» —

— «Calae-vos, conde, calae-vos,
Não vos quero demazia;

Filhas de reis não se inganam
Como uma mulher captiva.» —

— «Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me matar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas matar uma innocente,
Com tamanha aleivozia,
N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria.» —

— «A condessa ha de morrer
Pelo mal que cá fazia,
Quero ver sua cabeça
N'esta doirada bacia.» —

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia.
Adeante um pagem d'el-rei
Levava a negra bacia,
O pagem ia de luto,
De luto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os appertos da agonia.
A condessa, que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçal-o corria.

— «Bem vindo sejais, meu conde,
Bem vinda minha alegria!» —

Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;[1]

---

1 O que d'antes não fazia. — Minho.

Mandou logo pôr a cea
Como quem lhe appetecia. [1]
Sentaram-se ambos á mesa
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram um rio
Que pela mesa corria. [2]
Foi a beijar o filhinho
Que a mãi aos peitos trazia,
Largou o seio o innocente,
Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tamanho chôro
Que em toda a casa se ouvia:

— «Que tens tu, querido conde,
Que tens tu, oh vida minha?
Tira-me já d'estas âncias,
El-rei o que te queria?» —

Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:

— «Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Dá-me da tua tristeza,
Dar-te-hei da minha alegria.» —

Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia.
Deitaram-se ambos no leito,
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada,
Ouvide ora o que dizia:

---

[1] Como quem comer queria. — LISBOA.

[2] As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam. — VÁRIAS.
Todas as versões lêem assim; só a de Lisboa como vai no texto.

— «Peço-te por Deus do ceo
E pela Virgem Maria,
Antes me mates, meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia.»

— «Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!» —

— «Ái! não te intendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta
Que entre nós está mettida?» —

— «Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina!
Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

Palavras não eram ditas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.
Não quiz Deus que alli morresse..
Triste que alli não morria!
Maior dor do que a da morte
A torna a chamar á vida.

— «Cala, cala, conde Yanno,
Que indo remedio haveria;
Ái! não me mates, meu conde,
Eu um alvitro te daria: [1]
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-hei castidade
Como sempre t'a mantia.» —

[1] Um conselho te daria. — Beirabaixa.

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?» —

— «Cala, cala, conde Yanno,
Que inda remedio teria,
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu la morrerei de pena
E a infanta o não saberia.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?» —

— «Fecharás-me n'uma tôrre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas de minha vida
Por meus ais as contaria.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?» —

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia:

— «Se a condessa não é morta,
Que então elle a mataria.» —

— «A condessa não é morta,
Mas está na agonia.» —

— «Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.» —

— «Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.» —

— «Ái! quem podéra rezar,
Oh Virgem Sancta Maria![1]
Que eu não me peza da morte,
Peza-me da aleivozia:
Mais me peza de ti, conde,
E te tua covardia.
Matas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria!
Ái! Deus te perdoe, conde,
Lá na hora da contia.
Deixa-me dizer adeos
A tudo o que eu mais queria:
Ás flores d'este jardim,
Ás aguas da fonte fria.
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor da Alexandria!
Guardae-me vós meus amores
Que outrem me não guardaria.
Dêm-me cá esse menino,
Intranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mammará por despedida.
Mamma, meu filhinho, mamma,
D'esse leite da agonia.
Que ategora tinhas mãi,
Mãi que tanto te queria,
Ámanhã terás madrasta
De mais alta senhoria.» —

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho as peito,
Respondeu — que maravilha!

---

[1] Na versão castelhana a condessa reza — e não é feia a sua *preghiera:* mais bonito e mais poetico é o pensamento do cantor portuguez, que lhe não dá nem animo para rezar.

— «Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.» —

IX.

ROMANCES DO CONDE D'ALLEMANHA.[1]

1.

Versão da Beira-Baixa.

Já o sol nasce na serra,
Já lá vem o claro dia,
Inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabia o rei,
Nem quantos na corte havia,
Sabia-o só a princesa
Juliana, sua filha.

— «Juliana, se o sabes,
Não o queiras descubrir;
Porque o conde é muito rico
De ouro te ha de vestir.» —

— «Não quero seus fatos d'oiro,
Já os tenho de damasco;
Inda meu pae não é morto,
Já me querem dar padrasto!

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 75—77. Braga traz duas versões, uma da Beira-Baixa e outra de Trás-os Montes que porém não offerecem differenças fundamentaes. O mesmo romance encontra se em quatro versões na Ilha de S. Jorge e é conhecida na Hespanha (Duran, Rom. no. 305). Se este conde d'Allemanha ou d'Aramenha é um ente historico, não se sabe; Duran diz: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del conde Garci Fernandez; pero un y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.»

As pregas d'esta camisa
Eu não as chegue a fazer,
Quando meu pae vier da missa
Se eu lh'o não fôr dizer.
As pregas d'esta camisa
Não as chegue eu a acabar,
Em meu pae vindo da missa
Se lh'o eu não fôr contar.» —

Estando n'estas razões
O pae á porta batia:

— «Oh que razões serão essas
Entre uma mãi e a filha?» —

— «Com bem venha, senhor pae,
Com Deus seja a sua vinda;
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha:
Estando eu no meu tear,
Tecendo cambraia fina
Veio o conde de Allemanha...» —

— «Algum fio te quebraria,
Não te zangues, minha filha,
Nem me faças tu zangar,
Porque o conde é divertido,
Talvez fôsse por brincar.» —

— «Mal o hajam os seus brincos,
Mais o seu negro brincar;
Que me pegou por um braço,
E á cama me quiz levar.» —

— «Accomoda-te pois, filha,
Não me faças mais zangar,
Ámanhã por estas horas
Vae o conde a degollar.» —

«Levante-se, minha mãi,
Venha vêr a bizarria!
E o conde da Allemanha
Tambem vae na companhia,
Com a cabeça n'um prato,
E o sangue n'uma bacia.» —

— «Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste;
Sendo o conde tão bonito
A morte que lhe causaste.» —

— «Accomode-se, minha mãi,
Não me faça mais zangar,
A morte, que o conde leva,
Não lh'a faça eu levar.» —

— «Bem hajas, oh minha filha,
Mais o leite que mammaste;
Menina de doze annos
Da morte que me livraste.» —

2.

Lição de Almeida-Garrett. [1]

Já lá vem o sol na serra, [2]
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido,
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta, [3]
A infanta sua filha.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 77—87.
[2] Já o sol dá na vidraça. — Ribatejo.
[3] Sabia-o Dona Sylvana. — Minho.
Sabia-o Dona Bernarda. — Beiralta.

— «Não nas chegue eu a romper
Mangas da minha camisa,
Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.» —

— «Cal'-te, cal'-te la infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde d'Allemanha
De oiro te vestiria.» —

— «Não quero vestidos d'oiro,
Mau fogo em quem n'os vestíra!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca o eu consentiria.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia.

— «Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.
Estando eu no meu tear
Seda amarella tecia,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios d'ella me tira.» —

— «Cal'-te d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde d'Allemanha
É menino, quer brincar.» —

— «Arrenego dos seus brincos
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
Á cama me quiz levar.» —

— «Cala-te já, minha filha,
Ninguem te oiça mais fallar;

Que em antes que o sol se ponha
Vai o conde a degollar.» —

Veis-lo conde d'Allemanha,
Veis-lo vai a degollar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

— «Venha cá, senhora mãi,[1]
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vai a degollar.» —

— «Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tão bonito
A morte foste causar.» —

— «Cal'-se d'ahi, minha mãi,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar.»[2] —

---

[1] Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os ingenhos d'aldea se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á rhyma certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permittem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

[2] Algumas copias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cabo* ou *fym:* remate que todavia se incontra quasi pelas mesmas palavras em outras muitas xácaras e romances:

N'uma campa raza e triste
Já o deixam interrado;
Pozeram-lhe á cabeceira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar quê diga:

— «Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal d'amores,
Que é mal desesparado.» —

X.

ROMANCES DE DOM ALEIXO. [1]

1.

Versão da Foz.

Na cidade de Madrid
Na melhor que el-rei tenia,
Havia um cavalleiro,
Dom Aleixo se dizia,
O cujo tal cavalleiro
Namorava uma donzilla;
Ella lhe pediu tres cousas,
Que ao seu corpo convenia:
Uma, que fôsse sósinho
Sem mais outra companhia,
Outra pela meia noite
Quando a gente dormia.
Inda as dez não eram dadas,
Dom Aleixo se vestia,
Seu capacete de grana,
Seu chapeu á bizarria.
Pegando na sua espada
Foi para vêr sua amiga;
Chegando a um alvoredo
Penhascos o cobririam:

— «Não me atireis com pedras
Que pedras é cobardia;
Pucha pela tua espada,
Que eu tambem trago a minha

[1] Th. Braga, Rom. p. 40—42. Apesar de que o primeiro verso parece indicar origem hespanhola do romance, não se encontra nas collecções hespanholas. Nas Ilhas dos Açores Castella é substituida pela Hungria. A versão de Almeida-Garrett é composta de varias lições provincias e o collector confessa que algumas palavras foram conjecturalmente substituidas por elle.

Cessae, cassae, oh villões,
Não useis de mais porfia,
Quero fazer testamento
Da fazenda que tenia:
A minha alma dou a Deos,
E á Virgem Sancta Maria;
O meu corpo tão valente
Já o dou á terra fria,
Coração á minha dama,
Discreta Dona Maria.» —

Rescordou Dona Maria
De somno em que jazia.

— «Quem te matou, Dom Aleixo?
Quem te matou, vida minha?» —

— «Os ladrões de teus irmãos
Já me tiraram a vida.
Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia;
Perde quem tem seus amores
Que d'elles se não retira.» —

Puchou por um faquim de ouro
Que á sua cinta trazia:

— «Quero sacar a minha alma,
Quero levar companhia.» —

2.

Versão do Algarve. [1]

Lá na côrte de Castella,
Entre los grandes vivia
Nobre e altivo cavalleiro,
Que era a flor da fidalguia.
Dom Aleixo lhe chamavam,
Dom Aleixo se dizia;
Secretario era d'el-rei,
E el-rei mui bem lhe queria.
De amores elle tractava
Com dama de alta valia;
De dia andava-lhe á porta,
E de noite a perseguia.

— «Sete annos tenho de amores,
Sete annos e mais um dia;
Vai ser cumprida a palavra
Jurou que não faltaria,
Que esta noite á meia noite
Aos meus braços se daria.» —

— «Tres cousas te peço, Aleixo,
Que á tu' honra pretendia;
A uma que venhas só,
Que não tomes companhia;
A outra que tragas armas
Como é uso e cortezia,
E que o teu pagem não saiba
O que saber não devia.» —

Dom Aleixo que tal ouve,
Muito altivo ficaria;
Inda o sol ia correndo,
Elle já se deitaria,

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve, p. 23—28.

Meia noite quasi a pino,
Da cama logo se erguia.
Vestíra saia de malha,
Seu capacete lumbria;
Na mão espada levava,
No cinto adaga escondia.
Ao sair encontra o pagem
Que os passos lhe já seguia.

— «Eu só me vou esta noite,
Eu só, sem mais galhardia;
De volta serei comvosco
Antes que amanheça o dia.» —

Rua abaixo caminhava,
Rua acima se volvia,
Víra vir um penitente
Que mui de perto o vigía.

— «Diz-me se és alma que pena
Pelas ruas d'agonia,
Que se vens buscar confôrto,
Salvação se te daria.» —

— «Penando de ha muito estava,
Porque ainda te não via.
Eu sou teu anjo da guarda,
O anjo da tua guia,
Que venho aqui avisar-te
Que te esperam á porfia
Sete espadas d'embuscada
Contra a tua bizarria.» —

— «Outras tantas que ellas fôssem,
Atraz eu não voltaria;
Com um só palmo de ferro
Minha vida guardaria.» —

Desapparece o phantasma,
Que um anjo bem parecia.
Volta abaixo o cavalleiro
E acima logo volvia;
N'isto as pedras eram tantas,
Que até o ar se movia.

— «Guarte, guarte, oh meus villões,
Não useis de villania;
Arrancae melhores armas,
Que eu por mim não fugiria;
Ao que espada não trouxesse,
A minha lhe eu já daria;
Com um só palmo de adaga
Todos sete mataria.» —

Avança, e todos por terra,
Bem mortos os julgaria,
Mas um dos sete que escapa
Fundo golpo lhe daria.
Aos gritos do cavalleiro
A dama logo acudia.

— «Quem te mata, Dom Aleixo,
Quem matar-te mandaria?» —

— «Mandaste-lo vós, senhora,
Com traição e covardia!
Não se me dá de morrer,
Que vida assim mal servia.
Por minha mãi, que é velha,
Eu só gritava e gemia!
Bem certo dizer é esse,
Que desde infante eu ouvia:
Perde quem anda de noite,
Ganha quem logra de dia,
Perde quem tem seus amores
Quando em donzellas se fia.
Se dellas não me fiára,
Tão cedo não morreria!» —

3.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Nós eramos tres irmãs,
Todas tres de um igualar;
Uma ensinava á outra
A cozer e a bordar: [2]
A mais pequena de todas
Se foi, de noite, a folgar [3]
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal. [4]
Vestiu vestido de pagem,
Que lhe ficava a matar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:

— «Das tres irmãs que aqui moram,
A qual hei de eu namorar?» —

Nós de dentro do balcão
A rirmos de seu brincar. [5]
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi abaixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.

---

1 Almeida-Garrett, Rom. II. p. 91—100.

2 É visivel o erro e corrupção das lições que, faltando á rhyma obrigada, lêem como n'esta:

Nós eramos tres irmãs
Todas tres de um parecer;
Uma ensinava a outra
A bordar e a cozer.

3 Andava pelo pomar. — Lisboa.

4 Ao redor do laranjal. — Beiralta.

5 A rirmos do seu folgar. — Beiralta.

— «Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este lugar?» —

O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar...
Tam alto em demazia,
Alto, alto, de pasmar.[1]

— «Se tu es a coisa má
Eu te quero esconjurar,
Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar.» —

— «Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar,
Tambem não sou alma em penas
Para tu me incommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo
Que aviso te venho dar:[2]
Sete te estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hão de tirar.» —

— «Pois eu por esse lhe juro
E pela Virgem Maria,
Que outros sete que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu ésta lhe imprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.» —

---

[1] Que era coisa de pasmar. — LISBOA.
[2] Que te venho avisar. — LISBOA.

Palavras não eram ditas,
O ermitão se descubria,
Foi a tomal-a nos braços
Com sobeja demazia.
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos
Que alli por morto cahia.

— «Quem te matou, Dom Aleixo,
Quem te matou, vida minha?» —

— «Mataste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.» —

Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.

XI.

ROMANCES DE DONA AUSENDA.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Á porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada,[2]
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 179—186. É pouco conhecido este romance em Portugal; segundo Garrett, duas provincias (Extremadura e Alemtejo) apenas o conservam, nem ha vestigios d'elle no resto da peninsnla.

[2] Cresce uma herva fadada. — Alemtejo.

Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que pôz a mão n'ella.
Logo se sentiu pejada.[1]
Vinha seu pae para a mesa,
Veio ella muito appressada
Para lhe dar agua ás mãos
Como filha bem criada.
Pôz-lhe elle os olhos direitos,
Ella fez-se muito corada.

— «Que é isso, Dona Ausenda;
Voto a Deus que estás pejada.» —

— «Não diga tal, senhor pae,
É da saia mal talhada;
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.» —

Mandou chamar os dois xastres
Que tinham mais nomeada?» —

— «Vejam-me esta saia, mestres;
Adonde está ella errada?» —

Olharam um para o outro:

— «Ésta saia não tem nada;
O erro que ella tem
É a menina estar pejada.» —

— «Confessa-te, Dona Ausenda,
Que ámanhã serás queimada.» —

— «Ái triste da minha vida,
Ái triste de mim coitada!

---

[1] Sentiu-se logo prenhada. — ALEMTEJO.

Sem nunca ter tido amores
Vou a morrer deshonrada!» —

Foram chamar o ermitão [1]
Da ponte da Alliviada;
Era um fradinho velho
Que o incontraram na estrada.
Mal o frade chega á porta,
Deitou-se á herva fadada,
Cortou-a pela raiz, [2]
Na manga a leva guardada.

— «Ajoelhae, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessae vosso peccado
A Deos e á Virgem sagrada.» —

— «Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demonio
Ver-me eu donzella e pejada!» —

— «Ha quanto tempo, senhora,
Vos sentis imbaraçada?» —

— «Os nove mezes faz hoje
Que alli n'aquella ramada
Na noite de San João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da herva rociada,
Sentia-me eu tam ditosa,
Tam feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veio a madrugada.» —

---

1 Foram buscar confessor
Á ermida da Alliviada. — EXTREMADURA.

2 Arranca raiz e tudo. — ALEMTEJO.

— «Tomae agora esta herva,
Que é uma herva fadada:
Com a benção que lhe eu deito [1]
Ficará herva sagrada.» —

— «Ái! este cheiro, meu padre,
É o que eu senti na ramada.» —

Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella herva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque [2]
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Metteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Já desperta Dona Ausenda,
Já se sente alliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um mau sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem talhada;
Foi-se encontrar com seu pae
Que estava na alpendorada
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada.

---

[1] Com as rezas que eu lhe rezo. — Extremadura.

[2] Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada. — Alemtejo.

— «Senhor pae, aqui me tendes
Já disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.» —

O pae que a mira e remira
Tam esbelta e bem pregada,
O seu corpo tão gentil,
Sua saia tão bem talhada:

— «Que feitiço era este, filha,
Com que estavas imbruxada?
Como se desfez o incanto,
Que te vejo tam mudada?» —

— «Fôsse elle poder de incanto,
Ou condão de herva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.» —

— «Metade de quanto eu tenho,
A metade bem contada,
A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.» —
Palavras não eram ditas
O ermitão que chegava:

— «Acceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a dais por desposada.» —

Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o habito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e espada.[1]

---

[1] Vestido de capa e espada. — EXTREMADURA.

Era o conde Dom Ramiro
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôz a mão na herva fadada.

XII.

DONA ALDONÇA. [1]

Versão do Algarve.

Á porta de Dona Aldonça
Corre um cano d'agua clara;
A mulher que d'ella bebe,
Logo se sente pejada;
Dona Aldonça bebeu d'ella
Em má hora desgraçada;
Indo assentar-se á mesa,
Seu pae que bem lhe olhára:

— «O que é isso, Dona Aldonça,
Que me pareces pejada?» —

— «Ái não é, não, senhor pae,
Sim a saia mal rodada;
Do mal vestida que foi,
Me ficou alevantada.» —

— «Como a falta é só da saia,
Que seja logo queimada..

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve, p. 75—80. O collector obteve differentes lições algarvias, uma em Portimão, duas em Tavira, e outra que de Lagos lhe foi enviada por uma senhora. O romance offerece notavel similhauça com o romance de Dona Ausenda e no fim lembra o romance de Gerinaldo.

Recolhe-te, Dona Aldonça,
Recolhe-te á tua sala;
Nunca mais tu me appareças
Com saia tão mal talhada.» —

Retirou-se Dona Aldonça
Muito triste e magoada;
Indo pela escada acima,
Dor de parto que apertava.

— «Anda já, criada minha,
Anda cá, minha criada,
Corre, corre, vai ligeira,
Vê quem passeia na praça.» —

— «Senhora, minha senhora,
Não vos deis por malfadada,
Só passeia Valdivinos,
Rico primo de voss' alma;
Já de cá lhe fiz aceno
Elle pôz-se de abalada.» —

Tal razão não era dita,
Valdivinos que chegava.

— «Deus vos salve, minha prima,
Que já estaes descançada!» —

— «Anda cá, ó Valdivinos,
Rico primo da minh' alma,
Toma lá esta menina,
A criar irás leval-a;
Despeza que ella fizer,
Eu sómente hei de pagal-a.» —

Indo pela escada abaixo
Com seu tio se encontrára.

— «Que Deus vos salve, oh meu tio,
Rico tio da minh' alma.» —

— «Anda cá, oh meu sobrinho,
Meu sobrinho da minh' alma;
Ái dize-me, oh Valdivinos,
Que levas n'ala da capa?» —

— «Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada.» —

— «Vai convidar tua prima,
Que ella n'esse estado estava.» —

— «Mesmo agora de lá venho,
Já ficou bem convidada.» —

— «Dá-me uma, dá-me duas,
Deixa ver se estão qualhadas.» —

— «Não posso, senhor meu tio,
Não posso, que vão contadas.» —

Ao dizer estas palavras,
A menina que chorava.

— «Foge d'aqui, Valdivinos,
Perdição da minha casa;
Se meu sobrinho não fôras,
Aqui mesmo te matára;
Dona Aldonça, tua prima,
Depois tambem a queimára.» —

— «Não se me dá que me matem,
Nem que ella seja queimada,
Dá-se-me d'esta innocente,
Que me fica desgraçada!» —

— «Eu se mato Dona Aldonça,
É minha filha adorada,
Eu se mato Valdivinos,
Ella fica deshonrada.
Casará elle com ella
N'esta hora aventurada.» —

Voltam ambos — Dona Aldonça,
Que em suspiros se finava,
Quando o pae lhe a filha entrega
Para que bem a criára,
Tal foi seu contentamento,
Que, de alegria, chorava.

XIII.

ROMANCES DE DOM CARLOS DE MONTEALBAR. [1]

1.

Versão do Porto e Beira-Alta.

Estando Dona Sylvana,
Mais Dom Carlos Montealbar,
Debaixo de uma roseira,
Debaixo de um rosal,
Passou por alli um pagico,
Que nunca elle passasse:

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 79—83. Depping julga que este romance derivado da tradição hespanhola (DURAN, Rom. no. 364) pertence ás aventuras de Eginhart e da filha de Carlos Magno. Quadra muito bem com esta opinião a circumstancia de que o pagem delator vae contar o succedido ao rei á casa dos estudantes, onde estava a estudar, o que revela uma reminiscencia de que Carlos Magno como rei ainda apprendia as primeiras letras.

— «Pagico, do que has visto
A el-rei não vás contar,
Que eu te dou a minha chave,
Quanto puderes levar;
E da parte da senhora
O que ella te quizer dar.» —

— «Não quero ouro, nem prata,
Se ouro e prata me heis dar;
Quero guardar lealdade
A quem a devo guardar.» —

Pagem, como ignorante,
A el-rei o foi contar,
Á casa dos estudantes
Onde estava a estudar.

— «Deos vos salve, senhor rei,
E a vossa corôa real;
Lá deixei o conde Claros
Com a princesa a folgar.» —

— «Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto fallaste,
Alto has de ir a enforcar.» —

— «Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar.» —

— «Ganhei a morte, senhora,
E a vida me podeis dar.» —

— «Se ella está na minha mão,
A vida não te hei de dar;
Para outra não fazeres
Já irás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.» —

Aos sete para outo mezes
Seu pae que a estava a mirar:

— «Que me mira, senhor pae,
Que tanto me está a mirar?» —

— «Eu miro-te, minha filha,
Que me pareces pejada.» —

— «Cale-se d'ahi, meu pae,
Que é das saias mal talhadas.» —

Mandou chamar dois obreiros
A quem elle mais amava,
Olharam um para o outro:

— «Estas saias não tem nada!» —

— «Cal'-te, cal'-te, minha filha,
Ámanhã serás queimada!» —

— «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real.
Ái quem me dera um pagico
Que me fôra bem mandado,
Que me levára uma carta
A Dom Carlos Montealbar.» —

— «Escreva, minha senhora,
Emquanto eu vou jantar.» —

— «Se elle estiver a dormir
Façam-no logo acordar,
Se elle estiver a comer
Não o deixem acabar.» —

— «Aqui lhe trago, senhor,
Novas de grande pesar,
Que a sua bella menina
Ámanhã vai a queimar.» —

— «Jornada de trinta leguas
Temol-a nós para andar.» —

Era meia noite em ponto
Dom Carlos a repousar;
Chamou um dos seus criados,
O que lhe era mais leal,
Lhe aparelhasse um cavallo
Dos que tem melhor andar;
Doze campainhas d'ouro
Lhe puzesse ao peitoral.
Onde vás tu, oh Dom Carlos,
Sósinho por esse andar?
Vestiu-se em trajos de frade
Ao caminho foi esperar.

— «Cesse, cesse, senhor conde,
Cesse, se ha de cessar,
Que a menina que aí vae
Inda está por confessar.» —

— «Confesse-a, senhor padre,
Em quanto eu vou jantar.» —

— «Diga-me, minha menina,
Verdade me ha de fallar:
Se algum dia teve amor
A leigo, crelgo, ou a frade?» —

— «Nunca tive amor a crelgo,
Nem a leigo, nem a padre;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.» —

No primeiro mandamento
O padre nada lhe disse;
No meio da confissão,
Um beijinho lhe pediu.

— «Cesse, cesse, senhor padre,
Cesse, se ha de cessar,
Onde Dom Carlos beijou
Ninguem mais ha de beijar.» —

— «Esse sou, minha senhora,
Que a venho aqui buscar.» —

Tomou-a logo nos braços
Puzeram-se e caminhar;
Correm d'além os criados
E puzeram-se a gritar:

— «Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar!» —

— «Pois vão dizer a seu pae
Que a venha d'aqui tirar.» —

2.

Variante de Ribeira de Areias. [1]

Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar;
Seu tio a veiu vêr,
Seu primo a visitar.

— «Muito me pésa, prima,
Muito me pésa o seu mal.» —

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 246—249.

— «Assim elle me não pese,
E não me póde pesar,
Que o que anda em meu ventre
É filho de bom pae.
Não se me dá de morrer,
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me do meu filhinho,
Que outra mãi não ha de achar.
Não haver anjo no céo,
Para carta me levar,
A portos da Inglaterra,
A Dom Carlos Montealvar!» —

Appareceu um pombinho
Na janella foi poisar:

— «Dae-me cá essas cartas
Que eu quero-as ir levar
A portos de Inglaterra
A Dom Carlos Montealvar.
Viagem de oito dias
N'uma hora se ha de passar.» —

Entrando pelo palacio
Senhores á mesa a jantar:

— «Aprompтem-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.» —

— «Não se aprompтem as cadeiras
Que eu não me venho assentar;
Aqui tendes estas cartas
Tractae já de as passar.
Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar.» —

Entrou de lêr logo as cartas
Entrou de as passar;

As lagrimas eram tantas
Que eram par a par.
Respondeu a sua mãi
Lá da sala onde estava:

— «Anda filho, anda filho,
Se tem remedio, vae dar.» —

— «Como póde ter remedio,
Se elle já não tem lugar?» —

— «Mette-te pelo convento,
Veste-te em trajo de frade,
Que ella é moça, é menina
Ha de ter que confessar;
Debaixo da confissão,
Nada se póde negar.» —

— «Oh justiça, oh justiça,
Vós podeis bem descansar;
Claralinda é menina
Ha de ter que confessar!
Diga-me minha menina,
A quem deve de amar?» —

— «Eu amo a Deos no céo,
E a Dom Carlos Montealvar;
Lá lhe mandei umas cartas,
Não lhe puderam chegar.» —

— «Diga-me a minha menina
A quem deve de amar?
Debaixo da confissão
Se um beijo me póde dar?» —

— «Não permitta Deos do céo,
Nem os santos do altar,

Onde o conde pôz os beiços
Que os ponha nenhum frade;
Nem vos posso dar um beijo,
Porque eu vou a matar.» —

— «Dê-me a menina um beijo,
Que já não vae a matar.» —

Puzera-a no seu cavallo,
Tractou já de caminhar;
Passára por uma rua,
A mãi á janella estava:

— «Deus te guie, cavalleiro,
Deos te queira guiar;
Que livraste Claralinda
D'ella não ir a queimar.» —

3.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias.)[1]

— «Claralinda está doente,
Vejo-a tão descorada?» —

— «Foi de um pucarinho de agua
Que bebeu na madrugada.» —

Seu pae tanto que o soube
Logo a mandou sangrar;
Mandou chamar tres donzellas
P'ra com Claralinda estar.
D'onde vinha uma d'ellas
Mui liberal no fallar:

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 243—246. O principio d'esta versão parece-se muito com o de Dona Ausenda.

— «Claralinda está pejada,
Já o não póde negar.» —

Seu pae quanto que o soube,
Logo a mandou matar;
Todos os primos e primas
Lá a foram visitar.

— «Todos os primos e primas
Aqui me vem visitar;
Só não ha um primo de alma
Que se dôa do meu mal,
Que me vá levar uma carta
A João de Gibraltar.» —

Respondeu-lhe o mais môço,
O mais môço que alli estava.

— «Oh prima, apromptae a carta,
Quero vol-a ir levar;
Se a jornada é de dez dias
N'uma hora a quero andar.» —

Quando elle lá chegou
'Stavam á mesa a jantar,
Arrojaram-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

— «Venho aqui com uma carta,
Não me quero assentar;
Claralinda está doente,
Seu pae a manda matar.» —

— «Eu não se me dá que a mate,
Nem que a mande matar
Dá-se-me do ventre d'ella
Que é filho de tão bom pae.» —

Respondéra sua mãi,
A sua mãi que alli estava:

— «Se isso tem algum remedio
Filho, tracta de lh'o dar.» —

— «Eu não lhe sinto remedio
Que remedio lhe hei de dar?» —

— «Despe o vestido de seda,
E veste habito saial,
Dize que és um clerigo
Que a queres confessar.» —

Quando elle lá chegou
Já estavam p'r'a matar.
Já o theatro está feito
Para ir a degolar.

— «Tate, tate, bons algozes,
Que eu quero aí chegar;
Que ella é menina e moça
Terá de que se accusar.» —

Primeiro lhe perguntou:

— «Vós a quem deveis amar?» —

— «Primeiro a Jesus do Céo,
E a João de Gibraltar.» —

— «Os senhores dão licença,
Deixem-m'a ir confessar;
Ella péde sacramentos,
Tem tempo de se emendar.» —

Entram pela porta travessa,
Sairam pela principal...

— «Embarque-se, senhora, embarque-se,
Vamos para Gibraltar!
Fica-te embora, meu sogro,
Aqui não quero tornar;
Toda a filha da fortuna
Commigo queira embarcar,
A nossa cama está feita
Sobre as ondas do mar.» —

4.

DONA LIZARDA. [1]

Variante da Beira-Baixa.

— «Oh Lizarda, oh Lizarda,
Oh Lizarda meus amores,
Quem dormíra uma só noite
Comvosco n'esses alvores.» —

— «Dormireis uma ou duas
Se não vos fôsses gabar.» —

— «Tenho feito juramento
Na folhinha do Missal,
Menina com quem dormir
De eu a não ir diffamar.» —

Ainda não era manhã
Ao jogo se foi gabar:

— «Dormi esta noite com uma...
Não ha na côrte uma egual!» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 83—86. N'esta variante ha fusão com o romance de Albaninha. Vid. no. XIV.

Puzeram-se uns para os outros:
Quem seria? quem será?
Aonde estava um irmão
Á mãi o veio contar;
A mãi assim que o soube
Logo a mandou fechar.
O pae perdeu confiança,
Lenha lhe mandou cortar.

— «Oh Lizarda, oh Lizarda,
O pae te manda queimar.» —

— «Não se me dá que me queime,
Nem que me mande queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que leva sangue real.» —

Chegou a uma janella,
Mui triste do coração:

— «Haverá por' hi um pagem
O qual queira do meu pão,
Que esse levasse uma carta
Ao conde de Montalvão?» —

Appareceu-lhe um menino
De sete annos e mais não:

— «Eu lh'a levarei, senhora,
Escripta no coração.» —

— «Se o achares a dormir,
Deixa-o primeiro acordar;
Se o achares á janella,
Cartas lhe vás entregar.» —

Foi fortuna do menino
Á janella o ir achar:

— «Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar;
Menina com quem dormistes
Ámanhã a vão queimar.
Não se lhe dá que a queimem
Nem que a levem a queimar;
Dá-se-lhe só do seu ventre,
Que leva sangue real.» —

— «Ala, ala, meus criados,
Cavallos ide ferrar,
Com ferraduras de bronze
Que não se hajam de gastar,
Jornada de outo dias
Esta noite se ha de andar.» —

Vestiu-se em trajos de frade,
Começou a caminhar;
Quando chegou ao pé d'ella
Então já a iam queimar.

— «Quéde, quéde, essa justiça,
Se não a farei quedar;
A menina que aí levam
Ainda vae por confessar.» —

— «Confessae-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar;
A confissão é de um anno,
Ella ha de-se demorar.» —

— «Venha cá, minha menina,
Faça confissão geral,
No meio da confissão
Um beijinho me hade dar.» —

— «Tenho feito juramento
No folhinha do Missal,

Bocca que beijou o conde,
Frade não ha de beijar.» —

— «Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No meio da confissão
Um abraço me ha de dar.» —

— «Não permitta Deos do céo
Nem os santos do altar,
Braços que o conde abraçaram
Frades não hão de abraçar.» —

Começa-se elle a sorrir
No meio da confissão:

— «Pelo rir estás parecendo
O conde de Montalvão!» —

— «Esse sou, minha senhora,
Criado para a salvar.» —

Montou-a no seu cavallo,
Foi á pressa a caminhar,
Quando veio a justiça
Não a puderam alcançar.

— «Digam agora a seus manos
Que a venham cá accusar;
Digam agora a sua mãi,
Que a venha cá fechar;
Digam tambem a seu pae
Que a mande agora queimar.»
Vae na minha companhia
Para com ella casar.» —

5.

DONA ARERIA.[1]

Variante de Coimbra.

A cidade de Coimbra
Tem uma fonte de agua clara;
As moças que bebem n'ella
Logo se vêem pejadas.
Dona Areria bebeu n'ella
Logo se viu occupada.
Estando com seu pae á mesa
Seu pae que muito-a mirava:

— «Dona Areria, Dona Areria,
Parece que estás pejada?» —

— «A culpa é dos alfaiates
Que talharam mal a saia.» —

Chamaram-se os alfaiates
Á sua salla fechada,
Olharam uns para os outros:

— «Esta saia não tem nada,
Ao cabo de nove mezes
Ella será abaixada.» —

Arrecolheu-se ao seu quarto
Muito triste, desmaiada.

— «Dona Areria, Dona Areria,
Ámanhã serás queimada.» —

— «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;

---

1 Th. Braga, Rom. pag. 87—89.

Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de mui nobre linhagem.
Oh quem me dera um criado
Que me coméra o meu pão;
Que me levára uma carta
Ao conde de Montalvão.» —

— «Escreva, menina, escreva,
Escreva do coração,
Que eu lhe levarei a carta
Ao conde de Montalvão.» —

— «Aqui tem, oh senhor conde,
Carta de muito pesar;
Menina com quem dormiu
Ella aí vem a queimar.» —

— «Se tu me dizes devéras,
Cavallos mando apromptar;
A jornada de oito dias
Ainda hoje se ha de andar.» —

— «Lá ao fim de nove leguas
Liteiras se hão de encontrar.» —

Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi fallar.

— «Pára, pára, oh da liteira,
Que eu te farei parar,
A menina que vem dentro
Ella vem por confessar:
Diga-me, minha menina,
Verdade me ha de fallar,
Se teve amores com clerigos
Ou com frades, mal pesar?» —

— «Não tive amores com clerigos,
Nem frades de mal pesar;
Tive amores com Dom Carlos
Por isso vou a queimar.» —

— «Lá no meio da confissão
Um beijinho me ha de dar.» —

— «Onde o conde pôz a bocca
Padre algum lhe ha de tocar.» —

— «Pois Dom Carlos sou eu mesmo
E comtigo hei de casar.» —

XIV.

ROMANCE DA ALBANINHA.[1]

Versão de Almeida-Garrett.

— «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te víra Albaninha
Tres horas a meu mandar!» —

— «Pouco tempo são tres horas
Mas vem depois o contar.» —

— «Usança de maus villões
Nunca a eu soubeira usar.

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 25—29. Almeida-Garrett encontrou o romance de Albaninha sómente na provincia de Tras-os-Montes. Diz que não ha variantes que mereçam a pena de se conservar nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

Com esta espada me cortem
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me fôr gabar.» —

Inda bem manhã não era,
Já na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:

— «Esta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tam fina
Que nunca vi tal saltar:
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar!» —

— «Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmãs nos quer fallar?» —

Responde agora o mais môço,
Discreto no seu pensar:

— «Não vêdes que é de Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?» —

Foram-se os tres para um canto,
Poseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos,

— «Vamo'-lo nós a matar?» —

E o mais môço respondia:

— «Vamo'-la nós a casar? —

— «Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.» —

Vão ao quarto da Albaninha,
De voda a foram achar;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a toucar.

— «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste guardar!» —

— «As barbas de meu pae conde
Tractae vós de as honrar,
Pagando-me já meu dote,
Que agora me vou casar.» —

XV.

ROMANCES DE BERNAL-FRANCEZ. [1]

1.

Versão da Foz.

— «Oh quem bate á minha porta,
Quem bate, oh quem está ahi?» —

— «São cravos minha senhora,
Flores lhe trago aqui?» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 34—36. O romance de Bernal-Francez anda na tradição oral da Beira-Baixa e da Extremadura, veio de Hespanha onde é conhecido sob o titulo da Bella mal maridada (OCHOA, Tesoro, p. 490). A lição de Almeida-Garrett (Rom. II. p. 129), tirada dos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira, é muito aperfeiçoada.

— «Eu não abro a minha porta
A taes horas de dormir.» —

— «Ái se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir...
Ao abrir a minha porta
Se apagou o meu candil;
Ao subir a minha escada
Me cahiu o meu chapim.
Peguei-n'elle nos meus braços,
Levei-o pelo jardim,
Mandei lavar pés e mãos
Em aguinha de alecrim;
Vestir camiza lavada,
Deital-o ao par de mim.» —

Era meia noite dada:

— «Não te víras para mim?
Se tu temes a meu pae
Elle longe está de ti;
Se temes meus criados
Elles estão a dormir;
Se temes o meu marido,
Más novas venham aqui.» —

— «Eu não temo a teu pae,
Que elle sogro é de mim;
Não me temo dos criados
Que mais me querem que a ti;
Não me temo da justiça
Que a justiça é por mim.
A teu marido não temo
E d'elle nunca temi...
Teme tu falsa traidora
Pois o tens ao par de ti.
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir,

Te darei saia de gala,
Roupinha de cramesi;
Gargantilha colorada,
Pois que tu a queres assi.» —

— «Deixa-me ir por' qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada,
Se é morta ou se inda viva.» —

— «Que fazeis, oh cavalleiro,
A taes horas por aqui?» —

— «Venho vêr a minha amada
Que ha dias que a não vi.» —

— «A tua amada, senhor,
É morta que eu bem n'a vi!
Os sinaes que ella levava
Eu te los direi aqui:
Levava saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois o ella o quiz assim.» —

— «Monta, monta, meu cavallo,
Quanto podéras montar,
Só n'aquella sepultura
É que eu posso descançar:
Abre-te, oh penha sagrada,
Esconde-me ao par de ti!» —

Do fundo da sepultura
Uma triste voz ouvi:

— «A mulher com quem casares
Seja Anna como a mim;

E as filhas que tu tiveres,
Tem-as sempre ao pé de ti,
Para que não aconteça
O que aconteceu a mim.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge (Urzelina). [1]

— «Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.» —

— «Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.» —

— «Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.» —

— «Se é outro no seu lugar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal-Françoilo,
Descalça lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua do alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 202—205. Na Ilha de S. Jorge o romance de Bernal-Françez foi encontrado com o titulo de Dom Pedro de França e de Dom Pedro Françoilo.

E vós Bernal-Françoilo
Sem vos virares p'ra mim?
Ou tendes dama em França,
A quem queiraes mais que a mim?» —

— «Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti..» —

— «Não te temas de meu pae
Que é velho, não vem aqui;
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui.
Não temas o meu marido,
Longas terras está d'aqui:
Oh, maus mouros o captivem,
Novas me venham a mim.» —

— «Eu não temo a teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com' a mim:
Teme-te do teu marido
Que o tens a par de ti!» —

— «Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?» —

— «Trago-te saia de grana,
E bajú de carmezim;
Gargantilha de cutello
Pois a mereceste assim. —

— «Oh lua que vás tam alta,
Que não quer amanhecer,
Para está triste coitada
Acabar de padecer.» —

— «Nem com essas, nem com outras
Pois tu me has de vencer;

Antes da manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.» —

— «Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?» —

— «Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.» —

— «Tua dama já é morta,
É morta, eu bem a vi.
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim.
Sete cirios accenderam,
Todas sete eu accendi.» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.» —

Chegando ao pé de uma ermida
Lá um vulto preto víra:

— «Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si;
Beiços com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si;
A mulher com quem casares,
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim;
Quando para ella olhares
Para te lembrares de mim.» —

— «Quer eu case, quer não case,
Hei de me lembrar de ti;
Abre lá já essa campa,
Quero-me enterrar comtigo.» —

— «Vive, vive, cavalleiro,
Por amor de ti morri.» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge (Rosaes). [1]

— «Alecrim bateu á porta,
Manjerona quem está aí?» —

— «É um cravo d'Arrochela,
Oh Rosa, mandae-lhe abrir!» —

— «Se elle é Dom Pedro de França,
Descalça lhe vou abrir.» —

Pois se erguéra d'onde estava,
Descalça lhe fôra abrir,
Lhe pegára pela mão
O levára ao seu jardim;
Lhe lavára pés e mãos
Com bella agua de alecrim;
Uma gota que ficára
Lavára tambem a si,
Vestíra-lhe uma camisa
Como quem vestíra a si,
Fizera cama de rosas,
O deitára a par de si.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 205—208.

— «Era meia noite em ponto,
Outra meia para dormir,
E tu, Dom Pedro Françoilo,
Sem te virares para mim?
Se temes o meu marido,
Longes terras 'stá d'aqui;
Más balas frias o passem,
Novas me venham aqui.
Se tu temes meus irmãos
Inda agora vão d'aqui.» —

— «Eu não temo o teu marido,
Que o tens ao par de ti,
Eu não temo os teus irmãos
Que te venham a carpir,
Manda chamar thesoureiro
Que dobre os sinos por ti!
Manda chamar o coveiro
Que a cova te venha abrir.
Antes da manhã nascida
Eu quero voltar d'aqui,
Tenho navio no porto
E n'elle me quero ir.» —

— «Oh que sonho sería este
Que agora sonhei aqui?
Se tu és o meu marido
Que me trazes para mim?» —

— «Trago saia de brocado,
Vestido de carmezim.
Tambem trago um punhal de ouro,
Que o quizestes assim;
Quando vier a manhã
Tu já morta jazerias.» —

— «Matae-me, senhor, matae-me,
Poi a morte mereci.» —

Quando viu coisas tão bellas,
E o sangue pelo chão,
As mãos tivera quebrado
As cordas do coração.
Elle que vinha saindo
O cavalleiro encontrou:

— «Onde vás tu, cavalleiro?
Tão penoso vás em ti?» —

— «Eu vou vêr a minha amada,
Que ha dias que a não vi!» —

— «Tua dama já é morta,
É morta que eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim!
Com sete tochas accezas,
Todas sete lhe accendi;
Sete missas lhe disseram,
Todas sete eu as ouvi.
Aqui levo pá e enchada
Com que de terra a cobri!» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.
Abre-te campa sagrada,
Quero vêr quem está em ti:
Francisquinha da minha alma,
Tu já moras por aqui?» —

Indo pelo adro dentro
Víra um vulto para si.

— «Não temas tu, cavalleiro,
Não tenhas medo de mim;
Que eu sou a tua dama,
Sete annos te servi!

Pernas com que te aguentava
Já calor não teem em si;
Braços com que te abraçava
Já fôrça não teem em si;
Bocca com que le beijava
Já de terra a enchi!
Olhos com que te mirava
Já de terra os cobri!
Mulher com quem tu casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome como a mim;
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim.
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti,
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal-a por ti mais por mim;
Quando puzeres a meza
Resa-me uma Ave-Maria,
Para bem de me pagares
Sete annos que te servia.» —

XVI.

ROMANCES DO CONDE NIÑO. [1]

7.

Versão de Tras-os-Montes.

Vae o conde, conde Niño,
Seu cavallo vae banhar;
Emquanto o cavallo bebe
Cantou um lindo cantar.

— «Bebe, bebe, meu cavallo,
Que Deus te ha de livrar
Dos trabalhos d'este mundo,
E das areias do mar.» —

— «Esperta, oh bella princeza,
Ouvide um lindo cantar;
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar!» —

— «Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
É o conde, conde Niño
Que commigo quer casar.» —

— «Se elle quer casar comtigo
Eu o mandarei matar.» —

— «Quando lhe deres a morte
Mandae-me a mim degollar;
Que a mim me enterrem á porta,
A elle ao pé do altar.» —

[1] Th. Braga, Rom. p. 37—38. O romance do Conde Niño ou Conde Nillo, como lhe chama Almeida-Garrett (Rom. T. III. p. 7—9) encontra-se na provincia de Tras-os-Montes, uo Algarve, onde foi recolhido por Estacio da Veiga sob o titulo de Dom Diniz, e nas Ilhas dos Açores onde lhe chamam Dom Duardos. Não existe nas collecções hespanholas.

Morreu um, e morreu outro,
Já lá vão a enterrar;
D'um nascêra um pinheirinho,
De outro um lindo pinheiral;
Cresceu um e cresceu outro,
As pontas foram junctar,
Que quando el-rei ia á missa
Não o deixavam passar.
Pelo que o rei maldito
Logo as mandava cortar;
D'um corréra leite puro,
E do outro sangue real!
Fugíra d'um uma pomba
E do outro um pombo trocal,
Sentava-se el-rei á mesa
No hombro lhe iam poisar:

— «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar;
Nem na vida, nem na morte
Nunca os pude separar.» —

2.

DOM DINIZ.[1]

Versão do Algarve.

Já se lá vai Dom Diniz
Manhanita de natāl
Ver dar agua ao seu cavallo
Lá para as ribas do mar;
Dom Diniz morre de amores
Pela infantina real;

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 64—67.

Assim que el-rei tal soubéra
O mandára desterrar.
Em quanto o russo bebia,
Elle se pôz a cantar;
El-rei que á janella estava [1]
Mal o acaba de escutar,
Vai-se a ter com sua filha,
A linda infanta real:

— «Anda cá, oh filha minha,
Ouvir um doce cantar,
Que ou é dos anjos do ceu,
Ou das sereias do mar.» —

— «Não é, não, senhor meu pae,
É bem outro esse cantar...
É Dom Diniz com saudades
Que se está a delatar!
É Dom Diniz, Dom Diniz,
Que de amor me vem fallar.» —

— «Se é Dom Diniz, minha filha,
Eu o mando já matar,
É bem que pague co'a vida
Desterrado que tal faz.» —

— «Na fogueira em que elle arder,
Me quero eu logo queimar,
E na cova em que o metterem
Tambem me quero enterrar.» —

Todos os sinos dobravam;
Dom Diniz ia a queimar;
Mal que a infanta ouvíra os sinos
Se deixa logo finar.

---

[1] El-rei que estava dormindo,
Accordou ao seu cantar.

Mortos que eram os amantes
Já os lá vão a enterrar,
Elle no meio da igreja,
Ella mesmo ao pé do altar.
Tres dias eram passados
Na igreja o mesmo cantar,
O cantar que el-rei ouvíra
Lá para as ribas do mar.
Passados outros tres dias,
Então é que era pasmar;
Da campa da linda infanta
Nasce um formoso rosal,
Da campa do cavalleiro
Um viçoso canaveal,
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda el-rei cortar as canas
Mais as rosas do altar;
Da infanta nasce uma pomba,
D'elle um gavião real;
Mas el-rei de enraivecido
Laços lhes mandou armar.
Voavam azas com azas [1]
Para no ar se beijar;
E tanto, tanto voaram,
Que ao ceu fôram a parar.

---

[1] A rainha, de raivosa,
Maldição lhes foi deitar:
— «Maldição te deito, filha,
Para que vás fazer ninho
Lá sobre as rochas de mar.» —

D'ella se forma uma igreja,
D'elle um portentoso altar,
Para quem de amor morresse
Alli se fôsse enterrar.

É assim que acaba a lição de Faro, que não adoptei por me parecer mais genuino o acabamento que preferi, o qual é commum a todas as mais lições que d'este romance correm no Algarve.

3.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

— «Escutae, se qu'reis ouvir
Um rico, doce cantar!
Devem de ser as marinhas,
Ou os peixinhos do mar?» —

— «Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar.» —

— «Elle se fôr Dom Duardos
Eu o mandarei matar!» —

— «Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.» —

Quando Dom Duardos chegou
O rei o mandou matar;
E tambem o rei mandou
A princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;
Ella se formou em arvor'
Elle n'um pinho real;
Um cresceu, outro cresceu,
Ao ár foram-se abraçar.
Seu pae tanto que o soube
Os mandou logo cortar.
Nunca houve ferramenta
Que com elles podesse entrar;
Ella se tornou em pomba,
Elle n'um pombo real;

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 271—272.

Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.
Ella se formou em ermida,
Elle n'um altar real.
Seu pae tanto que o soubé,
Logo os foi visitar.

— «Ajoelhae, pae da minha alma,
E começae a resar;
Que eu sou a filha Maria
Que não quizestes casar;
Alimpae as vossas lagrimas
Não caiam a este mar.
Nunca haja pae nem mãi,
Que tal torne a augmentar:
Apartar o matrimonio
Que Deos tem para ajunctar.» —

3.

DOM DUARDOS.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

— «Chegae, Infanta, á janella,
Ouvi um doce cantar;
Ouvi cantar as sereias
No meio d'aquelle mar.» —

— «Elle não são as sereias,
Nem o seu doce cantar;
Elle é o Dom Duardos,
Que a mim me vem visitar.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 272—274.

— «Se elle é o Dom Duardos,
Hei de mandal-o matar!» —

— «Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.» —

Mataram a Dom Duardos
Á noite pelo luar;
Degollaram a princeza
Antes do sol arraiar.
Enterrou-se um na capella,
Outro á porta principal;
D'ella nasceu oliveira,
E d'elle um pinho real;
Cresceu um e cresceu outro,
Ao ár foram-se abraçar.
O pae quando tal soube,
Logo os mandára cortar!
Da oliveira corre leite,
Do pinho sangue real.
A rainha com inveja
Mandára-os botar ao mar!
Foram os barcos ao peixe,
Nada de peixe pilharam;
Viram estar uma Ermida
C'uma Santa no altar!
Chamaram os padres todos
Que a fôssem baptizar,
Que lhe fôssem pôr por nome
Sam João de Baixa-mar;
Que a Senhora que está n'ella
Fôsse a Virgem do Pilar.
Ajunctou-se muita gente
Onde ia tambem seu pae;
Seu pae, quando lá chegou
Começára de chorar.

— «Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais;

Não haja pae, nem mãi
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deos tem para ajunctar.» —

5.

A ERMIDA NO MAR.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

Maria, pondo a meza,
Para seu pae vir jantar,
Viu vir uma nau á vela,
Á vela por esse mar.
São os amores de Maria
Que a vem enamorar!

— «Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar!» —

Ella não se dá d'isso,
O mandou apregoar;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.

— «Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.» —

Mandou-o matar a elle
E a ella degollar.
O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 274—276.

Um se enterrou na capella,
Outro aò pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar;
Da mais alta rocha que havia
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fôssem baptisar.
Ajunctou-se muita gente,
Na companhia ia o pae;
Seu pae, quanto que a viu,
Começou de prantear.

— «Que tendes pae da minha alma,
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deos fez
Não os faças desmanchar;
Tudo o que tendes resado
Seja á Virgem do Pilar,
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar.» —

XVII.

ROMANCES DA DONZELLA QUE SE FINA DE AMOR.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Vellas.)

A fortuna convidou-me
P'ra ir com ella jantar,
Em meza de sentimentos,
Toalhinha de pesar:

— «Dize-me tu, oh fortuna,
Quando me has de deixar?» —

— «Quando se seccarem fontes,
E rios que correm ao mar.» —

— «Fica-te embora, fortuna,
Que bem te podes ficar;
Eu vou-me de terra em terra,
E de lugar em lugar,
Vêr se encontro um cavalleiro,
O meu amor natural.» —

Indo por uma praça acima
Tres senhoras víra estar:

— «Beijo-vos as mãos, senhoras,
Cada qual no seu lugar;
Não pergunto por ermida,
Nem por contas de resar,

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 219—223. Além das versões açorianas ha uma da Beira-Baixa, mas inferior em belleza á lição de Almeida-Garrett (Rom. T. III. p. 22), formada segundo o costume d'este poeta, de varios fragmentos.

É só por um cavalleiro,
Freguez do meu natural.» —

— «Namoremos a donzella
Discreta no seu fallar;
Não pergunta por ermida,
Nem por livros de resar;
É só por um cavalleiro
Freguez do seu natural.» —

— «O senhor Dom foi p'ra caça,
Aqui não póde tardar;
Mas se a pressa é muita
Eu o mandarei chamar.» —

— «Elle a pressa não é muita,
Tambem posso esperar.» —

Palavras não eram ditas
O senhor Dom a chegar.

— «Que fazeis aqui, donzella,
Terra do meu natural?» —

— «Meus suspiros c'os teus ais
Me fizeram cá chegar!
Dize-me tu, cavalleiro,
Que dia vamos casar?» —

— «Quando te eu mandava prendas
Não m'as quizeste acceitar;
Quando t'eu fallar queria
Não me quizeste escutar.
Quando eu quiz não quizeste,
Agora que vens buscar?
Agora, bella donzella,
Está outra no teu lugar;
Tenho mulher mui gentil,
Meninos para criar.» —

— «Bem a vejo acolá
Com filhinhos de criar;
Dae-me licença, senhora,
Que eu o quero abraçar.» —

— «A licença vós a tendes,
Não vol-a posso negar.» —

Palavras não eram ditas,
Donzella o foi abraçar;
Ella caiu para traz
Alli se deixou finar.

— «Jesus! tamanha é a dôr,
Jesus, tamanho o pesar;
Cavalleiro, dá-lhe um beijo
Que torna a ressuscitar.» —

— «Nem com beijo, nem sem beijo
Não torna a ressuscitar,
Ella já está tão fria,
Como o ferro natural.
Venha cá minha mulher,
Conselho quero tomar;
Que faremos á donzella
Da ermida, para a enterrar?» —

— «O conselho que te dou
É que a mandes arrastar,
Arrastar pelo cabello,
E lança-a n'aquelle mar.
Vae andando, vae rolando
Irá ter ao seu logar.» —

— «Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Eu inda tenho dinheiro
Para a mandar enterrar.» —

— «Carregae-a d'ouro e prata,
Mandae-a deitar ao mar;
Para que aonde ella chegue
Ter com que a enterrar.» —

— «Esse conselho não tomo,
Esse não hei de tomar;
Ainda tenho uma ermida
Para n'ella se enterrar.
Esse ouro, essa prata
Para com ella gastar.
Hei de fazer-lhe um enterro
Como seja pae e mãi,
Mandarei fazer uma cova
Para a mandar enterrar;
Os seus cabellos dourados
Por fóra hão de ficar,
P'ra todos os namorados
Alli irem acabar.» —

Palavras não eram ditas,
Cavalleiro se finára;
Enterrou-se um na capella,
Outro ao pé do altar;
A rainha com inveja
Se mandára degollar;
Aqui vereis vós menina
O que é amor natural.

2.

ROSAL-FLORIDO. [1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias).

— «Rosa que estás na roseira,
Manda-me um vintem de rosas;
As abertas não as ha,
Fechadas são mais formosas.» —

— «Vá-se embora, cavalleiro,
Não me queira attèntar,
Que o rosal é muito alto
Não as posso apanhar.» —

— «Rosinha, dê-me licença
Que eu as irei apanhar!» —

— «Vá-se embora, cavalleiro,
A má ida vá comtigo;
Pelo bafo que me botas
Cheiras-me a lodo pudrido.» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
A boa ida vá comtigo!
Pelo bafo que me cheira
É rosal enflorecido.» —

Ao cabo de sete annos
Rosinha d'alli partia,
N'uma lanchinha de prata
A par da Virgem Maria.
Fôra ter a uma terra
Onde gente não havia,
Senão só duas senhoras
Cada uma em seu lugar.

---

[1] Th. Braga, Cant. Pop. do Archip. Açor. p. 223—225.

— «Senhora, dae-me noticia
Do que vos vou perguntar
Por um senhor estrangeiro
Do meu paiz natural?» —

— «Esse senhor foi p'ra caça,
Aqui não póde tardar.» —

— «Senhora, dê-me licença,
Que eu me quero assentar.» —

Palavras não eram ditas,
O senhor alli a chegar.

— «Que fazeis aqui, donzella,
De mi terra natural?» —

— «A vossa vinda, senhor,
É que me fez aqui chegar.» —

— «Quando eu quiz tu não quizeste,
Está outra no teu logar,
Aí tens a par de ti
Um filhinho para criar.» —

Ella quando tal ouviu
Logo ficou passada.

— «Pega-lhe pelo cabello
E bota-a n'aquelle mar.» —

— «Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar,
Ainda tenho prata e ouro
Para com ella gastar.» —

Mandou fazer um moimento,
Para o mandar enterrar;
O seu cabello de fóra
Para por elles chorar.

3.

Versão da Covilhã. [1]

— «Oh menina da mantilha
Guarde-me esse lindo rosto,
Que eu vou para a minha terra,
Em vindo caso comvosco.
Lá dos quatro para os cinco,
E dos cinco para os seis,
Menina se eu não vier,
Menina casar-vos heis.» —

— «Filha eu quero te casar
Que é o teu tempo vindo.» —

— «Senhor pae, estou casada,
Não tenha duvida n'isso.» —

Agarrou no seu fatinho
Abalou por aí alem,
E ia de terra em terra
E de lugar em lugar.
Já levava a bocca secca
De por elle procurar;
Os seus olhos como punhos
De por elle ir a chorar.

— «Móra aqui um cavalleiro
Da minha terra natural?» —

— «Aqui móra, sim senhora,
Anda na caça a caçar;
Se elle é de muita pressa
Eu o mando lá chamar.» —

— «Elle a pressa não é muita
Que por elle hei de esperar.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 38—40.

Elle á noite quando veio
Começou-se a admirar.

— «Quem vos trouxe aqui, senhora,
Á minha terra natal?» —

— «Foram as suas saudades
Que fizeram cá chegar.» —

— «Tenho os meus filhos pequenos,
Que Deos m'os deixe criar,
Tenho a minha mulher moça
Que Deos m'a deixe gosar.» —

A menina que isto ouviu
Cahiu morta por traz.

— «Que farei aqui, senhora,
Que farei a tanto mal?» —

— «Pegue-lhe pelos cabellos
E manda-a deitar ao mar!» —

— «Não farei isso, senhora,
Na mi terra natural
Mando fazer um caixão
Com a tampa de crystal,
E na pia da agua benta
A mandarei sepultar.» —

XVIII.

ROMANCES DE DONA HELENA.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge.

Chorava Dona Helena,
Chorava que razão tinha.

— «Que tendes, Dona Helena,
Que estaes pósta a chorar?» —

— «As saudades me apertam
Pela casa de meu pae.» —

— «Se isso é assim, Dona Helena,
Cavallo mando sellar.» —

— «Se o homem vier da caça,
Quem o ha de ir visitar?» —

— «Vou eu, vou eu, Dona Helena,
Vou eu em vosso lugar;
Em elle vindo da caça
Na caça lhe irei pegar.» —

Quando ella tal ouvia
Tractou sim de caminhar;
Dona Helena caminhando
Seu marido a chegar:

— «Que é da minha esposa Helena,
Que me não vem visitar?» —

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 225—227. Almeida-Garrett obteve o romance, em Maio de 1843, de uma saloia velha das visinhanças de Lisboa; ha outra lição da Beiralta. O mesmo romance existe na tradição oral das Asturias e da Catalunha.

— «A tua esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti filho de mau pae.» —

— «Se assim é, minha mãi,
Tracto sim de caminhar;
Viagem de outo dias
Faço-a até ao jantar.» —

Mette esporas ao cavallo,
Tractou sim de caminhar;
Chegou á casa do sogro,
Seu cunhado a montar:

— «Dou-vos novas, cunhado,
Que tendes filho varão.» —

— «Pois a mãi que o teve
Ou o criará ou não!» —

N'aquelle mesmo tempo
Mandou-a logo montar.

— «Ái Jesus, vou tão fraquinha,
Quem me dera confessar.» —

— «A quem deixas teus vestidos
Que tu deixaste de usar?» —

— «Á minha irmã mais velha,
Que Deus lh'os deixe gosar.» —

— «A quem deixas tuas joias,
Que tu deixas de usar?» —

— «Á minha irmã mais moça,
Que Deos lh'as deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu filho
Que tu deixas de criar?» —

— «Á perra de tua mãi,
Causadora de meus males.» —

— «Antes o deixes á tua,
Que a minha t'o ha de matar.» —

— «Oh que ermida é aquella
Que a vejo alvejar?
Chama-me um padre d'ella
Que me quero confessar.» —

— «Confessa-os a mim Helena,
Que elles serão perdoados.» —

— «Confesso-te os mais miudos,
Que os grandes não têm logar.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

Passeava Dona Helena
Por um corredor acima;
Cantares que ella cantava,
Ouvidos que a sogra ouvia.

— «O que tens, oh Dona Helena,
O que tens, oh nora minha?» —

— «As saudades me matam,
Que a casa de meu pae via!» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 227—330.

— «Se as saudades te matam,
Caminha, caminha, e vae
No cavallo andaluz
Que é ligeiro no andar.
Viagem de outo dias
N'uma hora a ides passar.» —

— «Se meu marido vier
Quem lhe porá de cear?» —

— «Se teu marido vier
Eu lhe porei de cear,
A caça que elle trouxer
Eu a saberei guardar.» —

— «Que é da minha esposa Helena,
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «A vossa esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti, filho de mau pae!
Se quereis ir ter com ella,
Caminha depressa e vae
No cavallinho andaluz,
Que é ligeiro no andar;
Viagem de outo dias
Fáze-la até ao jantar.» —

Elle por escada acima
Cunhado por ella abaixo:

— «Dou-te novas, meu cunhado,
Tendes um filho varão.» —

— Essas novas que me daes
Tanto me dá como não;
Porque a mãi que o teve
Ou o criará ou não.

Levanta-te, mulher minha,
Vamos para nossa casa.» —

— «Pois doentinha de uma hora
P'ra onde hei de caminhar?» —

— «A viagem é d'outo dias,
N'uma hora a vamos passar.
O cavallinho andaluz
É ligeiro no andar.» —

— «Olha para esse cavallo
Como em sangue vae banhado;
Vae banhado com o sangue
Que d'este meu corpo sae!
Pois que ermida é aquella
Que eu vejo branquejar?
Chamae-me um padre de missa
Que me quero confessar.» —

— «Confessa-te a mim, Helena,
Que Deos te ha de perdoar,
Dos peccadinhos miudos,
Que os grandes não têm logar.
A quem deixas o teu fato
Que t'o haja de estimar?» —

— «Á minha irmã mais velha,
Que Deos lh'o deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu ouro,
Que t'o haja de estimar?» —

— «Á minha irmã mais moça
Que Deos lh'o deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu filho
Que t'o haja de estimar.» —

— «Á perra de tua mãi,
Causadeira de meus males.» —

— «Tu não o deixes á minha,
Que ella t'o ha de matar;
Deixa-o antes á tua,
Que ella t'o ha de criar;
Com as lagrimas dos olhos
É que t'o ha de levar,
Com a coifa da cabeça
É que t'o ha de limpar.» —

3.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

— «Ái! que saudades me apertam
Pela casa de meu pae!
Tambem me apertam as dores,
E minha mãi sem chegar!» —

— «Se as saudades te apertam,
Bem n'as podes ir matar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho — e andar!» —

— «E á noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?» —

— «Da caça que elle trouzer,
Eu lh'a farei amanhar.
Do meu pão e do meu vinho
O que elle quizer tomar.» —

— «Onde está mi' esposa Helena
Que me não dá de cear?» —

---

[1] Almeida-Garrett, T. III. p. 51—58.

— «Tua esposa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não póde aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãi tal.» —

— «O meu cavallo andaluz [1]
Já e já m'o vão sellar.
Essa mulher, por Deus juro
Que ella m'as tem de pagar.» —

— «As boas novas, meu genro, [2]
Que tenho para vos dar!
Filho varão, e tam lindo,
Um anjo de pôr no altar!» —

— «Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãi que o pariu
Não é que o ha de criar.
Ergue-te d'ahi, Helena,
Que me tens de accompanhar.» —

— «Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?» —

— «Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.» —

— «Ande elle, que não ande,
Onde a quereis levar?» —

---

[1] Que me sellem meu cavallo,
Depressa, não devagar. — Extremadura.

[2] Alviçaras, meu irmão,
Que já m'as devias de dar. — Beiralta.

— «Cal'-se d'ahi, minha mãi,
Já se havia de calar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a ha de mandar.
Que me dêm a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dêm-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ái! d'estes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembrae-lh'o vós, minha mãi,
Quando elle souber fallar.» —

— «Que dizes filha, que dizes?» —

— «Minha mãi, isto é folgar;
Que é tam perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.» —

O cavallo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,
Elle ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro fallar,
Ella já tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegada ao alto da serra [1]
Deu um ái, quiz desmaiar.

— «Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?» —

---

[1] Lá no mais alto da serra. — EXTREMADURA.

— «É que se me acaba a vida,
É que me estou a finar:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.» —

Já se não tem a cavallo,
Alli a fôi apear:
Era a agonia da morte
Que já lhe estava a apertar.

— «A quem deixas o teu oiro
Que t'o hajam de estimar?» —

— «Deixo-o a minhas irmãs,
Se tu lh'o quizeres dar.» —

— «A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu collar?» —

— «A cruz, deixo-a á minha mãi
Que por mim lhe ha de rezar.
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.» —

— «Tua fazenda a quem deixas,
Que t'a saibam grangear?» —

— «Deixo-t'a a ti, marido,
Que t'a deixe Deus gosar!» —

— «A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?» —

— «Á tua mãi, que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!» —

— «Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o matar.

Ái! deixa-o antes á tua
Que bem n'o ha de criar.
Com lagrimas de seus olhos
Bem n'o ella ha de lavar;
Toucas de sua cabeça [1]
Tirará para o pençar.» —

De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A bocca não póde achar. [2]
Inda lhe disse c'os olhos
Que lhe estava a perdoar.

— «Não me perdoes, Helena,
Que Deus não te ha de escutar.
Ái! as penas do inferno
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céo
O meu anjo tutelar.
Mal hajam linguas traidoras [3]
E ouvidos que lhe eu fui dar.
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a matar!
Sete annos e mais um dia
Me-irei a peregrinar
Á porta sancta de Roma
Me quero ajoelhar;
E aqui um sancto convento
Fundarei n'este logar,

---

1 E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar. — EXTREMADURA.

2 Não póde á bocca chegar. — BEIRALTA.

3 Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más linguas
Meu amor vim a matar. — EXTREMADURA.

Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
Aqui foi seu mal-peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdoar.» —

XIX.

ROMANCES DE JOÃOSINHO.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Vellas).

Joãosinho foi jogar
Uma noite de Natal,
Ganhou cem dobras d'ouro,
Marcadas e por marcar;
Matou um padre de missa,
Revestido no altar;
Enganou sete donzellas
Que estavam para casar;
E furtou sete castillos
Todos do paço real.
O seu pae quando tal soube
Quizera-o mandar matar;
A mãi como triste mãi,
Começou de prantear:

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 230—231. Este romance muito interessante foi recolhido em duas diversas variantes por Th. Braga. «É o unico documento da poesia popular portugueza em que encontramos a antiga tradição germanica do banido, tantas vezes empregada na penalidade foraleira.»

— «Não mateis o nosso filho,
Que bem custou a criar;
Mandae-o p'ra terras longes
Fóra do céo natural.» —

Andando por terras dentro
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá pão,
P'ra este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha pão,
Nem padeira p'r'o guizar.» —

Andando mais por diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá vinho
Para este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha vinho,
Nem se usa cultivar.» —

Andando mais para diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá agua
P'ra este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha agua,
Nem Deos destina a mandar.» —

Andando mais para diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá herva
Para este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha herva
Nem se usa a semeiar.» —

Foi tal a dor que lhe deu
Que logo sancto acabára.

2.

FLORES E VENTOS.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias).

Caminhou Flores e Ventos
Uma noite de natal,
Deshonrou sete donzellas
Todas de sangue real!
Arrasou sete cidades
Que o pae tinha p'ra lhe dar;
Matou seis padres de missa,
Revestidos no altar!
Jogou cem dobrões de ouro
Marcados e por marcar.
Sua mãi quando tal soube
Logo ao rei foi fallar:

— «Não o mateis, senhor rei,
Que é o nosso filho carnal,
Desterrae-o para longe,
Longe do vosso reinado;
Que não tenha pão nem vinho,
Nem comida o seu cavallo!» —

— «Se lhe eu não der castigo
Ou outro qualquer extranho,
Já não sou imperador,
Sou imperador de engano.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 232—233.

Andando de terra em terra
Começou de perguntar:

— «A senhora vende pão
P'ra ajuda do meu jantar?» —

— «Eu não, senhor cavalleiro,
Não o ha n'este logar.» —

— «Senhora, vendeis cevada,
Para dar ao meu cavallo?» —

— «Eu não, senhor cavalleiro,
Não a ha n'este cerrado.» —

— «A senhora me disculpe,
Que eu sou um pobre vassallo.» —

— «Deos o encaminhe, senhor,
Não tenho que desculpar.» —

Sete annos andou em sella,
Outros sete andou em pé,
Foi acabar sanctamente
No adro de Nazareth.

3.

DONA BRANCA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Urzelina).

Deos me dera ter a graça
Além das ondas do mar,
Que teve Flores e Ventos
N'uma noite de Natal.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 233—235.

Deshonrou sete donzellas
Que o rei tinha p'ra casar!
Abrazou sete cidades,
Que o rei tinha para lhes dar.
Jogou cem dobrões de ouro
Que o rei tinha p'r'as dotar.
Tambem matou sete padres,
Revestidos no altar.
O Rei quando o soube,
Logo o mandou matar.
Sua mãi, que lh'o disseram,
Por elle foi apellar:

— «Se deshonrou as donzellas,
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se abrazou sete cidades,
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se elle matou sete padres,
Deos lhe queira perdoar.
Vem-te cá, oh filho meu,
Que te quero amaldiçoar!
Que a mulher com quem casares
Nunca te seja leal.» —

Caminha Flores e Ventos,
Longes terras foi casar;
Foi casar com Dona Branca,
A mais linda do logar.
E d'alli a sete mezes
Tractára de caminhar,
Foi p'r'as partes de Aragão,
Longes terras foi caçar.

Caminhára Dona Branca
Para o jardim passear;
Com agua n'um copo d'ouro,
Para o seu rosto lavar.
Passavam dois cavalleiros
Jam por lá a passar.

— «Oh que rica Dona Branca,
Deos m'a dera namorar.» —

— «Vinde, vinde, cavalleiros,
Uma noite e outra não,
Que o meu homem foi caçar
Ás partes de Aragão.» —

Mas d'alli a quinze dias
Já para casa viera:

— «Quem eram aquelles pombos
Que 'stavam na minha janella?» —

— «Aquelles dois pombos, vosso
Pae devia-os mandar.» —

— «De quem são os dois cavallos,
Que estavam no meu saguão?» —

— «Aquelles dois cavallos
Vosso pae cá os mandou.» —

— «Quem eram esses dois homens
Que estavam na minha sala?» —

— «Matae-me, homem, matae-me,
Que a morte tenho ganhado.» —

— «Não te mato, Dona Branca,
Mate Deos que te criou;
Que isto tudo foram pragas
Que a minha mãi me rogou.» —

2.

DOM ALBERTO.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Rosaes).

— «Dom Alberto foi á caça
Lá á terra dos Leões,
Lá lhe apodreçam os ossos,
Mais tambem os seus falcões.» —

Estando n'essas razões,
Dom Alberto a chegar.

— «Que tendes, Dona Maria,
Que estaes tam descorada?
Alguma traição se armou
Ou está p'ra ser armada!» —

— «Não é nada, senhor Alberto,
Traição nenhuma é armada;
Fui eu que perdi as chaves
As chaves do cadeiado.» —

— «Calae-vos, minha senhora,
Calae-vos, Dona Maria,
Que se ellas são de prata,
Eu de ouro vol-as daria;
Que cavallo é aquelle
Que na minha loja rinchou?» —

— «É o vosso, senhòr Alberto,
Meu irmão vol-o mandou.» —

— «Pois que sellim é aquelle
Que no meu cabido está?» —

— «É vosso, senhor Alberto,
Meu irmão o mandou cá.» —

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 236—237.

— «Que espingarda é aquella
Que no meu quarto está?» —

— «É vossa, senhor Alberto,
Meu irmão a mandou já.» —

— «Que esporas são aquellas
Que na minha mesa estão?» —

— «São vossas, senhor Alberto,
Mandou vol-as meu irmão.» —

— «Que cavalleiro é aquelle
Que em meu logar se deitou?» —

— «Matae-me, senhor Alberto,
Gram traição se vos armou.» —

— «Não te mato, minha rosa,
Pelo muito que te quero!
Vou mandar chamar teu pae
P'ra de ti ser entregue.» —

— «Você se se não confessou [1]
Tracte de se confessar,
Que eu sou caçador do rei
E mato caça real.
Vim apanhar uma pomba
Que pousou n'este logar.» —

---

[1] Th. Braga tem: Você se *a* não confessou, mas parece-me que, nos ultimos versos, Dom Alberto se dirige ao cavalleiro adultero, annunciando-lhe a morte.

5.

FLOR DE MARILIA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

— «Marilia, flor das Marilias,
Mais bella que o sol e a lua;
Quizera dormir comtigo
Uma noite e mais nenhuma.» —

— «Suba, suba, cavalleiro,
Uma noite e mais nenhuma;
Meu marido foi p'ra caça
Para as partes de Aragão;
Disse que ia matar mouros,
Os mouros o matarão.» —

Estando ella n'estas praticas
Seu marido ao postão:

— «Que cavallo branco é aquelle
Que 'stá aqui no meu saguão?» —

— «Aquelle cavallo é vosso,
E meu pae vol-o mandou.» —

— «Que espada nova é aquella
Que está n'aquella janella?» —

— «Aquella espada é vossa
Para vós venceres guerras.» —

— «Que cavalleiro é aquelle
Que está no meu dormitorio?» —

— «Elle é um irmão meu,
Irmão meu, cunhado vosso.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 237—239.

— «Se elle é um irmão teu,
Porque me não vem fallar?» —

Pegára no seu punhal
Logo para o ir matar.

— «Não n'o mateis, meu marido,
Não n'o mates, Dom João,
Matae-me antes a mim
Que vos ando com traição.» —

Pegára no seu punhal
Mettéra-lh'o no coração;
Sangue que d'ella corria
Fazia poças no chão.
Elle o mandou ajuntar
Com dor do seu coração,
E o mandou enterrar
Ao pé de um manjaricão.

— «Quebradas tivesse as mãos
E as cordas do coração!» —

Quando viu as carnes bellas
Derramadas pelo chão.

XX.

ROMANCES DE DOM PEDRO MENINO. [1]

1.

Variante da Ilha de S. Jorge.

O marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o marquez;
O rei os mandou chamar
Cada um por sua vez.
Do primeiro fez um bispo,
Do outro fez seu barbeiro;
Dom Pedro, por ser mais môço,
Ficou para dispenseiro;
P'ra servir o rei á mesa
Como triste maravilha;
A princeza que o viu
Logo d'elle se agradou.
Seu pae assim que o soube
Logo em carcere o fechou;
A rainha que o soube
Logo o mandou chamar:

— «Que fazes aqui, sobrinho,
Minha carne natural?» —

— «Estou preso por ter amores
Com a princeza real.» —

Puchára da sua manga
Esmola para lhe dar.

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 249—253. O romance de Dom Pedro Menino tem muita similhança com o romance de Gerinaldo sobretudo na versão de Almeida-Garrett.

— «Agradeço, minha tia,
Não posso esmola pegar;
Tambem me quitou os braços
Para amores não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar!
Tambem me quitou os olhos
Para amores não mirar;
Diga lá á minha mãi
Que me venha visitar,
Nos dias em que nós estamos,
Que é tempo de caminhar,
Com seu mantinho no braço
Sem o poder enfiar,
Sua viola na mão
Para seu filho tocar.» —

— «Que fazeis aqui, meu filho,
Minha carne natural?» —

— «Estou preso por ter amores
Com a princeza real.» —

Puchára de sua manga
Esmola para lhe dar.

— «Agradeço, senhora mãi,
Que não a posso acceitar;
Que o rei me quitou as mãos
Para esmola não pegar;
Tambem me quitou os braços
Para amor não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar.
Tambem me quitou os olhos
Para amores não olhar.

— «Tomae lá esta viola
Ide tocar um baixão!» —

— «Oh minha mãi tão cruel
Tão dura do coração!
Seu filho para enforcar
Manda tocar um baixão!
Deos me dera um portador
Que esta carta levára
Á minha esposa Leonor.» —

— «Dá-me cá essas cartas
Quero ser o portador.» —

Fôra bater-lhe á porta,
Mesa posta p'ra jantar:

— «Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero fallar!» —

— «Teu filho foi para a caça,
Aqui não póde tardar!» —

— «Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero fallar.» —

— «Valha-te Deos, mulher,
Mais o teu importunar;
Teu filho foi para a caça
Aqui não póde tardar.» —

— «Que mal te fez o meu filho,
Para o mandares matar?» —

— «Já os linhos enflorecem,
'Stão os trigos em pendão!
Ajuntem-se as moças todas
No dia de Sam João;
Uns com cravos e rosas,
Outros com manjarição;
Aquelles que o não tiverem
Tragam-me um verde limão.» —

— «Vinde, vinde, minha filha,
Ouvir tão doce cantar;
Ou são anjinhos no céo,
Ou são sereias no mar?» —

— «Não são anjinhos no céo
Nem são sereias no mar;
É o Dom Pedro Menino
Que o senhor pae manda matar.» —

— «Se elle é Dom Pedro Menino
Comvosco venha reinar!
Tragam tinta e papel,
Comvosco venha casar.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

O Marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o Marquez;
O rei os mandou pedir
Cada um por sua vez:
O mais velho p'r'o vestir,
O do meio p'r'o calçar;
O mais môço d'elles todos
Para o rei barbear.
A princeza que tal soube
D'elle se quiz namorar;
O rei que tal soubera
Quizera-o mandar matar;
Manda-o metter n'uma torre
Até elle ir degollar.

Passava um caçador
A caçar caça real:

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 253—257.

— «Que fazeis aqui Dom Pedro,
Minha carne natural?» —

— «'Stou com sentença de forca,
Ámanhã vou a matar,
Por uma falla de amor
Que á princeza qu'ria dar.» —

Foi-se embora o caçador
A caçar caça real:

— «Eu trago noticias novas
As quaes as não posso dar;
Vi vosso filho na forca,
Ámanhã vae a matar.» —

Ella que ouviu aquillo,
Tractou já de caminhar;
Suas aias e criadas
Não a podem alcançar!
Os seu vestidos no braço
Sem os poder enfiar.

— «Que fazeis aqui, meu filho,
N'este escuro hospital?» —

— «Estou com sentença de forca,
Ámanhã vou a matar,
Por uma palavra de amor
Que á princeza queria dar.» —

— «Tomae-lá n'esta viola,
Tocae-me n'ella um baixão,
Como vosso pae tocava
No dia de Sam João.» —

— «Dae vós a Deos tal mulher,
Tão dura do coração!
Tem o filho para morrer,
Manda tocar um baixão.» —

— «Oh dia, que eras um dia,
Oh dia de Sam João!
Quando todos os mancebos
Com as suas damas vão,
Uns levam cravos e rosas,
Outros um manjaricão;
Ái de mim, triste coitado,
'Stou n'esta escura prisão,
D'onde não vejo sair
O tão lindo claro sol.» —

O rei que ia passeando
Cavallo mandou parar:

— «Que vozes do céo são estas,
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar.» —

— «Não são os anjos no céo
Nem as sereias do mar,
É Dom Pedro Pequenino,
Que meu pae manda matar!
Eu o queria por marido
Se o pae m'o quizera dar.» —

— «Chama á pressa o carcereiro,
Que á pressa o vá soltar;
Aí o tens por marido,
Deos vol-o deixe gosar.» —

XXI.

ROMANCES DA FILHA DO IMPERADOR DE ROMA.[1]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda,
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada,
Pedem lh'a duques e condes,
Homens de capa e de espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhe punha taxa:
A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas;
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada.
Dizia-lhe o pae sorrindo:

— «Inda has de ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.» —

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,
Soubiram a uma ventana
Uma ventana mui alta.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;

1 Th. Braga, Rom. p. 45—47. Almeida-Garrett, Rom. T. III, p. 109—116. A lição da Beira tem muitas variantes obscenas; nos romanceiros hespanhoes o romance da filha do imperador de Roma não se encontra; nas provincias meridionaes do reino é completamente desconhecido.

O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava;
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
Alli estava a aia discreta
Em que toda se fiava:

— «Vês, aia, aquelle ceifeiro,
Que anda n'aquella cegada?
Condes, duques, cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.» —

— «Bom cegador, vem commigo,
Que te quer fallar minha ama.» —

— «Eu não conheço a senhora,
Nem tam pouco a criada.» —

— «Cegador de boa estreia
Trazes a vista mui baixa;
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.» —

— «Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.» —

— «Estrella ou sol, vens commigo?» —

— «Irei pois, quem póde manda.» —

Entraram por um postigo
Que a porta ainda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.

— «Senhora, que me quereis,
Pois venho á vossa chamada?» —

— «Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada.» —

— «Atrever? me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda!
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.» —

— «Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coutada;
Cegador é nos meus braços,
Que de 'ti estou namorada.» —

Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:

— «Dizei-me bom cegador
De quem eu fico pejada?» —

— «Eu sou filho de um porqueiro,
E meu pae porcos guardava.» —

— «Oh triste de mim, coitada!
Bem me dizia meu pae:
Tu has de ser castigada.
Pediram-me condes e duques,
Homens de capa e d'espada,
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada.» —

2.

O DUQUE DA LOMBARDIA.[1]

Variante da Beira-Alta.

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo
A infanta se assomava.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fitta que traz no chapeo
De ouro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vae ceifando..
Bem sabe elle o que ceifava.

— «Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Vae m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.» —

Entravam por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava:

— «Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?» —

— «Atrever? atrevo-me a tudo,
Trabalho não me acobarda.» —

---

1 ALMEIDA-GARRETT, Rom. T. III. p. 109—116.

— «Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coutada,
Cegador é nos meus braços
Que de ti estou namorada.» —

Passou todo aquelle dia,
O mais da noite passava,
Ceifando vae o ceifeiro..
Bem sabe o que elle ceifava.

— «Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada;
Vae-te que meu pae não venha
Antes de ser madrugada.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei á cama chegava:

— «Com quem fallas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?» —

— «Fallo com esta minha aia,
Que me tem desesperada;
Uma cama tão malfeita
Que dormir-me não deixava.» —

— «É forte essa tua aia
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-se já a donzella,
Que antes de ser madrugada
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.» —

O cegador muito enchuto
Sua sentença escutava;
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava,
Saltou no meio da casa,
Como se não fôra nada.

— «Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao Duque da Lombardia,
Veremos quem faz a barba.» —

O imperador mui contente
Depressa alli os casava:
Não quiz senhores, nem condes,
Homens de capa ou de espada,
Senão só o cegador
Que andava em sua cegada;
Sahiu-lhe um duque reinante,
Senhor d'alta nomeada;
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

3.

O HORTELÃO DAS FLORES.[1]

Variante da Beira-Baixa.

— «Não venho por te vêr, nem por te dar valor,
Venho por erguer olhos e a vista no sol pôr.
Fallar quero á princeza, o amor me traz rendido,
A ti peço conselho, velha do tempo antigo.» —

— «Vista traje mudado, cante em seu bandolim,
Boquinha de crystal, faces de seraphim.» —

— «Um bom conselho, velha, me deste para mim;
Não farão de mim caso, se me virem assim.
Com Deos te fica, velha, mais a tua porfia,
Mas se eu a render, velha, tens tença cada dia.
Eu vou bater o mato, caçar altanaria,
Mas se ella me escapar, em ti me vingaria.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 48—50. É um dos poucos romances em endechas, metro pouco usado na poesia popular portugueza.

— «Abri lá essas portas, oh hortelão das flores,
Venho em traje mudado fallar aos meus amores.» —

— «Senhor podeis entrar, que tendes sempre accesso,[1]
Senhor, sois Dom Duarte, que bem vos reconheço.» —

— «Oh que varandas altas, com cem palmos de alteza,
Diz velho do bom tempo se alli vem a princeza?» —

— «Para as varandas altas, para tomar a fresca,
Costuma vir sósinha quasi sempre a princeza.» —

— «Se ella te perguntar quem é o estrangeiro,
Dize que é um teu filho vindo lá d'outro reino.
Que varandas tão altas, que jardim bem planteado;
Soubera o que hoje sei, que o tinha passeado.» —

— «Oh regador dos cravos venha para mais perto
Conversar a princeza com prazer discreto.
Oh regador dos cravos venha para o mirante
Olhar para a princeza com olhos de diamante.» —

— «Mandaram-me cá vir, não sei se é verdade.» —

— «Tão verdade não fôra espelho bello e claro.» —

— «Tendes-me aqui, senhora, mandae como a vassallo,
Já estive em noite escura, agora é dia claro;
Dae-me, que tenho sêde, um pucarinho de agua!» —

— «Aqui vos mato a sêde, espelho bello e claro.» —

— «A mim não ha quem mate a sêde continuada.» —

— «Vem cá fallar commigo ámanhã de madrugada;
Aluga uma burrinha, que o não saiba ninguem,
Que eu quero para sempre ir d'aqui para alem.» —

---

[1] Th. Braga tem: que tendes sempre acerto, o que não dá nem rima nem sentido.

— «Como a levarei, senhora, com quem irá d'aqui?
Filho d'um corta-carne, que apregôa aqui!» —

— «Não se me dá que o sejas ou que apregôe aqui!» —

— «Aluguei a burrinha, vá-se despedir.» —

— «Adeos oh fontas claras e poços de agua fria,
Eu já não ouço aqui rouxinóes ao meio dia.
Se meu pae perguntar quem é que me queria,
Dizei que a desgraça não é a que me guia.» —

— «Cala-te, Magdalena, lagrimas de peregrina!
Nos reinos estrangeiros melhor agua haveria.
Tambem ha claras fontes, poços de agua fria,
E canta o rouxinol á hora do meio dia.» —

— «Pareces Dom Duarte! oh que fortuna a minha,
Tornemos ao palacio a dizel-o á rainha:
Rainha e mãi senhora, humildo-me ao castigo,
Aqui está Dom Duarte, que vem por meu marido.
Rainha e senhora mãi, que pena me acompanha,
De não achar meu pae senhor de toda a Hespanha.
Rainha e mãi senhora, humildo-me com dor,
Não tem a quem pôr culpa, é mui cego o amor.» —

XXII.

ROMANCE DE DONA AGUEDA DE MEXIA. [1]

Versão de Almeida-Garrett.

Era a menina mais linda [2]
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa e tam discreta
De outro egual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito demais lhe queria:
Seus amores, seus requebros,
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil môço
Ninguem tanto a merecia;
Senão que o pae da donzella [3]
Outro conselho seguia:
Casal-a quer muito rica
Com um mercador que ahi havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube, [4]
Por pouco se não morria:

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 127—134. Th. Braga, Rom. p. 53—55 traz uma versão alemtejana do mesmo romance que omitti, porque Garrett aponta as variantes mais importantes da lição do Alemtejo.

[2] Era uma menina bella
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia. — Alemtejo.

[3] Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal-a com um mercador
Que áquellas partes vivia. — Alemtejo.

[4] Dom João quando isto ouviu,
Fóra da terra se ia. — Extremadura.

Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Três mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava,
Soffrê-la já não podia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava,
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.
Á sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhã de maio,
Todo o campo florecia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde surria;
Lá-de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia:
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou á de sua dama, [1]
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é cuberto de preto,
Mais preto que ser podia. [2]

---

[1] Veio-se a passeiar
Á rua de sua amiga. — Alemtejo.

[2] Do mais preto que havia. — Extremadura.

Mandou chamar uma dona
Que ella comsigo trazia:

— «Dizei-me por Deus, senhora,[1]
Dizei-me por cortezia,
Esse lucto tam pesado
Por quem trazeis, que sería?» —

— «Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia,[2]
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.»[3] —

Dom João quando isto ouvia,[4]
Por morto em terra cahia,
Mas a dor era tammanha[5]
Que á força d'ella vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama jazia:

— «Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Sancta Maria,
Eu te rogo que me ajudes
A erguer esta campa fria.» —

---

1 — «Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas.
2 Dona Agueda de Mexia. — ALEMTEJO.
3 Por vós foi sua partida. — EXTREMADURA.
4 Palavras não eram ditas. — EXTREMADURA.
5 Mas a dôr era tam forte. — EXTREMADURA.

Alli a viu tam formosa
Tal como d'antes a via;
Alli, morta, sepultada,
Inda outra egual não havia,
Pôz os joelhos em terra,
Os braços ao céo erguia,
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou de seu punhal de oiro,[1]
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte
Já que em vida não podia.
Mas não quiz a Virgem sancta,[2]
A Virgem Sancta Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juizo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defuncta a mão direita
Ào seu amante extendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua bocca surria;
Volta a vida que se fôra,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Véem amigos, véem parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças á Sancta Virgem
Cujo milagre sería;
E a Dom João dão a espôsa,
Que tam bem a merecia.

---

[1] Puchou por um punhal de oiro
Por lhe fazer companhia. — Alemtejo.

[2] Permittiu a Virgem Sancta,
A Virgem Sancta Maria
Que se não perdesse uma alma
Por um preceito que tinha. — Alemtejo.

XXIII.

ROMANCE DO CASAMENTO E MORTALHA.[1]

Versão do Minho.

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada;
Dom João que vem doente,
Mal pesar da sua amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que se algum lhe désse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:

— «Tendes tres horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento
Deixar a alma encommendada.
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada;
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.» —

Estando n'estas conversas
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 55—58. Almeida-Garrett, Rom. T. III. Foi pela primeira vez publicado por Almeida-Garrett n'uma versão que obteve do Minho; o romance é desconhecido na Hespanha. Garrett não o julga mais antigo do que o seculo XV ou principios do XVI.

— «Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada;
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada.» —

— «Tenho fé na Virgem Sancta
N'ella venho confiada,
Que me ha de ouvir e salvar-te
Que teu mal não será nada.» —

— «Oh que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com as bençãos de um Arcebispo,
E de agua benta regada,
Com a estóla da sancta egreja
Ao meu coração atada.» —

Estando n'estas conversas,
Sua mãi que era chegada:

— «Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?» —

— «Tenho mãi que estou morrendo,
Que esta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.» —

— «Filho de minhas entranhas,
'N'esta hora mingoada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.» —

— «Minha mãi, que devo, devo,
E Deos me não peça nada!
Dona Isabel, que em má hora
Por mim fica diffamada.

Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.» —

— «Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.» —

— «Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãi, vos peço,
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar,
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não,
Tenha a cabeça cortada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.» —

— «Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada;
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.» —

APPENDICE.

ROMANCES DO CONDE D'ALLEMANHA.

(V. p. 168—172.)

1.

Variante de Trás-os-Montes.[1]

Já o sol dava na côrte,
E já era o claro dia,
Inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não no saberia el-rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o a Dona Infanta,
Filha da mesma rainha.

— «Infantinha, se o sabes,
Não me queiras descobrir,
Que o conde é mui brioso,
De ouro te ha de vestir.» —

— «Não quero vestidos d'ouro,
Que os tenho de damasco,
Meu pae ainda é bem novo,
Já me querem dar padrasto.

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 77—79.

As mangas d'esta camisa
Não as chegue eu a romper,
Se quando vier meu pae
Eu lh'o não fôra dizer.
Venha, venha, senhor pae,
Sancta seja a sua vinda,
Um conto quero contar,
Um conto á maravilha.» —

— «Conta, conta, minha filha,
Que eu gosto de te ouvir!» —

— «Estando eu na minha cella
Dobando seda amarella,
Veio o conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.» —

— «Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que o conde é rapaz novo,
É menino, quer brincar.» —

— «Mal hajam os seus brinquedos,
Mal haja do seu brincar,
Que pegou em mim nos braços,
Á cama me foi lançar.» —

— «Dize pois, oh minha filha,
Que castigo lhe hei de dar?» —

— «Quero escadas dos seus ossos
Para no jardim passear.» —

— «Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que ámanhã por estas horas
Vai o conde a degollar.» —

— «Arrenego-te, Mariana,
Mais o leite que mammaste,
Oh que conde tão bonito,
E a morta que lhe causaste.» —

— «Minha mãi, minha mãisinha,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor conde
Todo vestido de branco.
Venha vêr, oh minha mãi,
Á janellinha do pôço,
Venha vêr o senhor conde
Com uma corda ao pescoço.
Venha, venha, minha mãi,
Venha p'r'a sala do meio,
Vêr o conde da Allemanha
Feito n'um cravo vermelho.» —

— «Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste,
Sendo o conde tão bonito,
A morte que lhe causaste.» —

— «Cale-se ahi, minha mãi,
Ninguem a ouça fallar;
Que a morte que leva o conde,
Não a vá você levar.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

Já o sol dá na vidraça,
Ái Jesus! tão claro dia!
Ainda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia!
Não o sabia el-rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha.

— «Senhora Dona Bernarda,
Bem nos podeis encobrir;
Que este conde é mui rico,
De ouro vos ha de vestir.» —

— «Não quero vestido de ouro,
Que eu o tenho de damasco;
Ainda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
Mangas da minha camisa
Não as chegue eu a romper,
Se meu pae vier p'ra casa,
Se lh'o eu não fôr dizer.» —

Estando com este verso,
O pae á porta a bater:

— «Que tendes, Dona Bernarda,
Que tendes, oh filha minha?
Conta-me das tuas magoas,
Que eu contarei maravilhas.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 208—211.

— «Estando no meu tear,
Bordando ouro e tela,
Veio o conde de Allemanha
Dois fios me furtou d'ella.» —

— «Calae-vos, Dona Bernarda,
Andae p'ra meza jantar,
Que o conde é pequenino,
É menino, quer brincar,
Que me pegou pela mão,
Á cama me quiz levar.» —

— «Calae-vos, Dona Bernarda,
Vinde p'ra meza jantar,
Que o pagem de Allemanha
Ámanhã vai a matar.» —

— «Meu pai, se o mandar matar
Não o enterre em sagrado;
Enterre-o em campo verde
Onde se apastou o gado,
Com um letreiro na testa,
Um letreiro bem lavrado,
Que o letreiro vá dizendo:
Já morreu o namorado.
Senhora Dona Maria
Andae, chegae á janella,
Vêde o conde de Allemanha
A companhia que leva!
Oh minha mãi, vinde vêr
O conde da bizarria,
Elle acolá vai morto,
Leva toda a fidalguia.
Chegue-se, senhora mãi,
Chegue á janella do mar,
Vêr o conde de Allemanha
Como vai a desbancar.

Chegue-se, senhora mãi,
Chegue á vidraça do meio,
Vêr o conde de Allemanha
Como lhe fica o vermelho.» —

— «Eira-má te leve, filha,
Mais o leite que mammaste!
Era um conde tão perfeito,
A morte que lhe causaste.
Oh que corpo tão pequeno,
Maldito te seja filha;
Oh cadella que mataste
Minha leal companhia!» —

— «Calae-vos, senhora mãi,
Calae-vos por cortezia;
Se o senhor pai tal soubera
Outro tanto lhe faria.» —

Impresso por F. A. Brockhaus, Leipzig.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
26	33	oam	Joam
61	18	mão	mãi
74	12	jardin	jardim
114	20	costar	cortar
115	36	suppтnho	supponho
115	36	alcunfor	alcanfor
167	31	as	ao